

# REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO



## SUMÁRIO

<b>DA REDAÇÃO:</b>				
•Para que ensinar,	pag.	1	Liberdade e disciplina—Irene Silveira	pag. 58
<b>COLABORAÇÃO:</b>			Relatório da classe "D" do Grupo "Cesario Alvim"—Anna Augusta de Mendonça	pag. 60
Escotismo e Educação—Marieta Lelte	pag.	5	<b>NOSSA EXPERIENCIA:</b>	
O Escotismo—Mme. Helena Antipoff	pag.	9	As provas escriptas—Levindo F. Lambert	pag. 66
Higiene Dentaria—J. A. da Silva Campos,	pag.	28	<b>TRADUÇÕES:</b>	
O civismo— Prof. Firmino Costa	pag.	83	A serpente viuva—Conto hindu	pag. 24
<b>DAQUÍ E DALÍ:</b>			A Educação das creanças retardadas.	
Aforismo pedagogicos—Alberto Olavo	pag.	36	Alice Descoedres	pag. 42
As classes especiais—Guerino Casasanta	pag.	38	Catecismo—Marie Fargues	pag. 68
Pró-ensino especial—	pag.	40	<b>NOTICIARIO:</b>	
<b>NOTAS E COMENTARIOS:</b>			O movimento pró ensino e a fundação da Sociedade Pestalozzi	pag. 87
Instituto de Cegos S. Rafael	pag.	54	<b>ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO:</b>	
			Avisos	pag. 99

# REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

ARQUIVO PUBLICO M  
Nº 210  
Data 20-10-77  
BIBLIOTECA

«Para quê ensinar

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO  
BRASIL  
Estado de Minas Gerais

Ensinava-se com o fim de preparar para a vida e uma vida completa. As necessidades atuais das crianças não existiam para os velhos metodos; existiam, sim, e em grande quantidade, os programas complicados, os horarios apertadissimos, os castigos, os pontos e as lições marcadas. Aprendia-se para fazer exame no fim do ano.

A escola moderna opera em sentido contrario: examina as tendencias, desperta o interesse, desenvolve as atividades, estimula a atenção, induzindo as crianças a observar, refletir, criticar, opinar. Não prepara, apenas, para a vida: torna a escola ativa, sugerindo motivos reais, desenvolvendo o ensino em ambiente natural, onde a criança se sinta parcela substancial e viva, trabalhando, vivendo, agindo. Aprende-se vivendo.

O prof. Lourenço Filho já disse que não ha novidade mais velha do que a escola nova. Efetivamente, no conceito de Seneca, "aprendemos pela vida e não pela escola". Definição bem clara das idéas modernas, que consideram de grande valor educativo a situação em que o ensino se opera. As noções devem ser ensinadas e aprendidas de acôrdo com a função que lhes compete na vida, de acôrdo com o lugar que ocupam dentro, enfim, da atualidade.

---

O mestre — diz Dewey — deve ser sempre capaz de ver para que uso imediato devem ser ordenados os interesses da criança. Sem conhecer as diretrizes e os rumos para onde devem seguir os interesses, o professor não poderá fazer obra apreciavel.

A escola — diz Badley — não deve ser, apenas, um lugar de instrução, mas, principalmente, um lugar de adaptação. Deve ter em mira a propria vida, isto é, aprender agindo, aprender vivendo.

Conclue-se, facilmente, que a obra educativa se destina a fazer a criança "viver" a escola, examinando pessoalmente os problemas, intervindo em sua propria educação, exercitando suas atividades com a participação diréta na vida escolar. Aprende não para viver. Aprende dentro da vida, acentuando a personalidade dentro de seu meio, iniciando já o trabalho futuro de adaptação, através das associa-

Além de outros lapsos de revisão, ocorridos neste artigo, deve notar-se o de paginas 3, 11.ª linha: onde está "A sua justiça" deve ser "A sua pratica".

ções escolares, bibliotecas, excursões, brinquedos, projéto e mil outras atividades de nossas escolas.

Tudo isso "socializa" a criança, não sómente proporcionando-lhe campo aberto para as suas iniciativas, em que o mestre colabora, retificando, dirigindo e estimulando, mas sobretudo dando-lhe ensejo a adquirir o espirito de colaboração, trabalhando com os companheiros, e as normas de cortezia e respeito, agindo em sociedade.

---

A desconfiança predominante no que toca a metodos modernos não se justifica. A sua justiça, talvez, tenha lançado uma certa confusão nos espiritos, colocando-os em atitude de reserva e quasi-quasi de reprovação relativamente aos fins que a escola tem por objetivo alcançar.

Dentro do conceito que rege a escola, cabem amplamente as idéas espirituais, que constituem, hoje, a inquietação do mundo pensante. Se a nossa atualidade se caracteriza pelo problema espiritual, que congrega a atenção dos países civilizados, e sendo a escola a propria vida, não vemos por onde separá-lo da escola, e, portanto, das cogitações dos alunos.

A escola tem que examinar os problemas do momento, encaminhando o pensamento infantil para o seu estudo e para a sua solução. Sair daí é voltar e retroceder.

Fixemos, pois, as diferenças para bem compreender o problema:

1) o conceito tradicional da educação, como méra preparação para a vida ulterior, trazia consigo um certo menosprezo para a vida infantil. Era ela considerada como um período transitorio, imperfeito. Para isso cumpria observá-la, afim de que a criança adquirisse, quanto antes, os caracteres do adulto.

2) A escola moderna quer que a criança seja realmente criança, viva como criança, aprenda como criança e seja considerada como criança. Em uma palavra — diz Claparède — a escola deveria ter por função geral prolongar a infancia ou, pelo menos, proteger seus caracteres proprios e exclusivos.

A criança, pois, aprende não para o futuro, mas para o presente e dentro do presente.

A sua vida ulterior será uma méra transição, pois irá enfrentar problemas já familiares e conhecidos; não terá de manusear manuais de bom-tom, pois já os praticou na escola; trabalhará na sociedade desembaraçadamente, porque já cooperou na escola; não quebrará a cabeça, e aprenderá á sua custa — como diz o povo — pois levará para a vida pratica bôa experiencia.

Ensina-se, pois, para que a criança aprenda vivendo e não para viver.

## Escotismo e Educação

*Marieta Leite*

(professora do Grupo Escolar de Muzambinho)

Desde que sobre a terra se esboçou a primeira organização de sociedade, a educação preocupou os espiritos.

De acôrdo com a época, com o lugar, com a mentalidade humana, o ideal dessa educação tem variado, como varia tem sido a propria concepção de sociedade. Rudimentar a principio, tão simples que a mesma vida se encarregava de ministrá-la, ela exigiu, depois, cuidados especiais que se fizeram mais e mais necessarios, á medida que mais complexas se tornavam as organizações sociais.

E como meio diréto de educação, surgiu a escola.

As civilizações que nos precederam fizeram variar o seu papel, mas sempre num crescendo de exigencias até á civilização de nossos dias, que coloca no seio da escola a responsabilidade imensa de formar homens de acôrdo com a sua complexidade e desenvolvimento e aptos para encaminhá-la na rota mais fecunda e mais brilhante do futuro.

A escola de hoje tem traçada a sua trajetoria num ideal de educação, ideal que ela procura alcançar, voltando as suas vistas para a criança, centro e objéto unico de seus esforços.

No entanto, bem o sabemos, muitas e varias são as influencias ás quais está sujeita a educação da infancia. Des-

sas, as mais fortes, talvez, são as que se exercem antes e fóra da escola, aproveitáveis umas, perniciosas outras, mas todas consideráveis, tanto mais quanto se fazem sentir numa situação vívida e ativa.

A' escola de ontem não competia velar pelas influencias externas; á de hoje, porém, se não compete como organização escolar, faz parte do interesse e do trabalho do mestre, que a psicologia veiu transformar em verdadeiro educador, p' lo mundo desconhecido e característico que lhe pôs diante dos olhos, descobrindo a criança.

Para estes, educadores que lançam as vistas para trás, indo buscar a infancia na sua origem e na sua formação, e as voltam, depois, para a frente, prevendo o homem na vida e na sociedade, sonhando-o na sua descendencia, a Educação é uma força viva, real e positiva, mas de tal alcance que a escola, sózinha, se torna pequenina e ínsuficiente para realizá-la de acôrdo com o ideal alevantado da moral, da força e do progresso intelectual.

Assim, compete a nós, professores, chamar em nosso auxilio as verdadeiras potencias educativas que existem e que se têm firmado como influenciadoras benéficas do espirito infantil.

Entre todas as instituições de educação, nenhuma ha que se possa igualar á Escola admiravel de Baden Powell, na sua criação profundamente psicologica do movimento escoteiro.

Simple e heroico, o escotismo principia no espirito infantil, amolda-se ás suas necessidades, penetra-lhe a essencia e, captando-lhe as forças nascentes, vai, num crescendo de renovação, colocar bem alto o seu ideal, na melhor concepção do homem como membro da sociedade e da familia, cidadão da Patria e criatura de Deus.

Se é nesse amoldamento ao mundo infantil que reside toda a originalidade encantadora do escotismo, é nele, tambem, que vive a sua força propulsora e a garantia maxima da sua influencia.

Na sua formação, o carater do homem-nascente é como materia ductil onde se plasmam as modalidades varias do sentimento, as concepções diversas da honra e do bem, as multiplas aspirações de ideal e de felicidade.

Ouçamos Coelho Netto, quando diz:

"E' na infancia que se prepara o homem. Como os elementos, êle é uma força que se dirige e aplica: deixado a si mesmo, degenera em pleno instinto; aproveitado e corrigido, sublima-se em virtudes. Se o diamante lapida-se, porque se não ha de polir o espirito?"

E' esta a escola do Escotismo.

A pratica do seu Codigo é, numa simplicidade admiravel, a aquisição firme de todas as virtudes.

E entre os topicos que visam a conquista dos mais belos dotes do carater, da intelligencia e do coração, existe o pedacinho luminoso que, mais do que nenhum outro, encaminha para a vida feliz:

"O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades".

Escoteiro, menino de hoje, será o homem de amanhã. Formado na pratica da alegria, que é meio caminho avançado para o triunfo, êle, que reage, sorrindo, ante uma tentativa fracassada nos seus jogos, que não desanima na pratica da sua "bôa ação" de todos os dias, que cumpre, a sorrir, e apesar de tudo, o seu Dever de menino e de escoteiro, será, amanhã, o homem que não cederá diante das dificuldades da sua missão, que não se abaterá ao choque da ad-

versidade, que caminhará, sorriso nos lábios, para a conquista do seu Ideal.

Se esse artigo do Codigo Escoteiro fala ás aspirações de todo o mundo, quanto mais êle diz, ainda, ao povo brasileiro, povo que, tendo forças para vencer, forças que se armazenam no carater, no coração e no cerebro do Brasil, cai, á primeira tentativa frustrada, prolongando o desanimo e a tristeza, esquecido da reação benefica de um sorriso ?

Pois ensinemos o brasileiro a sorrir. Que êle aprenda a vêr, na estrada da Honra — a rota mais segura da felicidade; no cumprimento do Dever — o mais justo motivo de alegria.

Possamos vêr, nos lábios de cada criança brasileira, o sorriso leal e sabido de um fiel escoteiro.

O Escotismo é digno do Brasil. Sob a sua bandeira, reúnem-se as aspirações mais justas e nobres que já brotaram de almas humanas: a precisão, o progresso e a força dos efebos, juntos á poesia sublime do Cavalheirismo da Idade Média.

Dêle, disse Olavo Bilac, como brasileiro e como poeta:

"No escotismo, a idéa da honra define-se: é a honra do individuo e a honra do cidadão: e o desinteresse e a magnanimidade não são apenas gestos formosos: são ações justas e uteis, — justas para a perfeição humana, e uteis para a grandeza da Patria.

Nenhum outro ideal existe mais belo e alevantado que a perfeição do homem e a gloria da Terra.

Trabalhar pelo Escotismo é caminhar seguro na conquista desse Ideal, forjando brasileiros para a grandeza do Brasil".

## O ESCOTISMO

### PERSPECTIVAS

(por HELENA ANTIPOFF)

#### O ESCOTISMO NO SISTEMA EDUCATIVO DA JUVENTUDE MINEIRA

Não vamos, nas linhas que se seguem, descrever o valor do Escotismo, em geral.

Essa descrição foi bem feita pelo seu proprio creador, nas suas admiraveis obras, bem como pelos seus discipulos e realizadores como H. C. Elwes, Vera Barclay, Jacques Sevin e outros, como tambem por poetas, tais como Olavo Bilac, que disseram e escreveram com palavras de fogo e que gravaram para sempre o sentido profundo da doutrina de Baden-Powell na educação integral de um povo.

O escotismo tem por fim a formação da juventude colimando o papel que ela deverá desempenhar amanhã na vida do país. Para que um país se torne superior a outro não é pela riqueza de sua terra, nem pela força das armas que êle o conseguirá, mas pelo valor dos seus cidadãos.

Ora, para assegurar o futuro do país, "o Escotismo se esforçará por levar cada criança ao seu maximo de valor humano, afim de que ela atinja simultaneamente o seu maximo de valor social e nacional". — Eis aí, pois, o sentido geral desse movimento.

Com uma notavel visão da alma da criança e do adolescente, Baden-Powell, genio creador, como é, soube achar tambem os meios concretos para a realização de seus princi-

pios. Sua pedagogia sem pedantismo é esse movimento gigantesco, que data apenas de 22 anos, ao qual acorreram, espontaneamente, legiões de crianças e de adultos de ambos os sexos, de todos os recantos do mundo.

Essa afluência continua, e o numero de adeptos cresce diariamente. Seu valor, entretanto, não se mede apenas pelo interesse que a juventude lhe testemunha, mas também por provas fulgurantes ministradas pelas virtudes físicas e morais dos jovens, formados na escola ativa de Baden-Powell.

Minas, esse Estado para o qual os problemas da educação e do ensino nacional ocupam certamente um posto de vanguarda, não parece ter tirado dessa experiencia mundial todo o proveito possível para a formação de seu povo.

Seja-nos permitido, após três anos de residencia no Brasil, que correspondem a três anos de trabalho constante e concentrado em diversos aspéto do ensino primario, em Minas, pôr em evidencia alguns problemas aos quais o escotismo pôde trazer uma solução eficiente.

Justificaremos também, pela publicação desta nota, o porquê do interesse especial que votamos, desde algum tempo, á pedagogia de Baden-Powell e á sua expansão nos meios da juventude mineira.

Três problemas nos induziram a isso, especialmente. Todos três, aliás, intimamente ligados ao trabalho que o Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento realiza há mais de três anos.

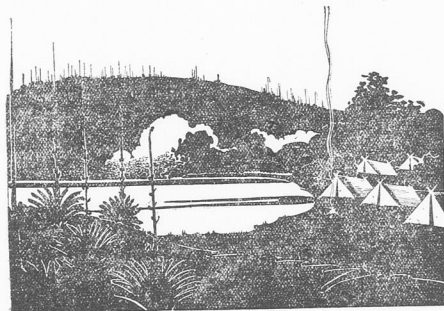
O primeiro é o que se formulou desde 1929, após um rapido inquerito que fizemos a respeito dos interesses e dos ideais das crianças de Belo-Horizonte, do 4.º e ultimo ano da escola publica.

Ele amplificou-se este ano, graças a um trabalho experimental que se está ainda realizando com relação ao desenvolvimento físico, intelectual e moral das crianças que se pre-

param para deixar a escola primaria obrigatoria e com relação ao *stock* de conhecimentos gerais com que o futuro cidadão ingressa na sociedade.

O segundo, da mesma origem quanto ao seu estudo e ligado ao primeiro, é o problema da orientação profissional do adolescente, a saber, em que medida a criança, ao sair do grupo escolar, está preparada para a escolha da sua futura profissão.

Enfim, o terceiro surgiu, sob uma fôrma aguda, do estudo das crianças "em perigo moral" que a organização das



classes homogeneas nas escolas publicas de Belo-Horizonte e do interior pôs diante de nós.

O ultimo foi que suscitou a necessidade de apelar para o Escotismo; os dois outros viram nesse movimento a solução desejada, á medida que penetremos melhor nos principios e na pratica escoteira.



A FORMAÇÃO FÍSICA, INTELLECTUAL E MORAL DAS CRIANÇAS  
AO SAÍREM DA ESCOLA PÚBLICA PRIMÁRIA DE  
BELO-HORIZONTE

Como acabamos de dizer, esse problema ressalta de uma pesquisa do Laboratório de Psicologia, que professoras-alunas sob nossa direção executam nas classes do último ano escolar dos Grupos de Belo-Horizonte. O estudo está ainda em pleno "estaleiro", e as conclusões exatas só poderão ser fornecidas no decurso do ano próximo vindouro. Mas os documentos recolhidos em cerca de 500 crianças de ambos os sexos e os resultados preliminares nos autorizam desde já a adiantar algumas idéas a propósito do que representa a criança ao sair do grupo escolar.

Antes de mais nada, as crianças que terminam o curso primário pertencem, na sua maioria (o que é de toda a evidência), á classe social dos modestos trabalhadores. Seus pais possuem meios economicos reduzidos e, em consequencia disto, para a maior parte dos alunos toda a instrução e toda a educação, digamos assim, se limitam ao que elles colhem no grupo escolar.

A idade mais comum dessas crianças é entre os 11 e os 13 anos. No ponto de vista corporal, a maioria dos meninos, sobretudo, estão prestes a acabar a segunda infancia, sem haverem ainda atingido a época do grande crescimento prepúberty, época que constitue para todo o organismo um momento crítico e que exige vigilancia especial, afim de salvar a guardar a robustez do futuro adulto.

O pensamento da criança dos 11 aos 13 anos, ao sair da escola primaria, apresenta-se, as mais das vezes, com todos os seus caracteres primitivos. As noções são vagas como as proprias percepções, que, sem o treino especial, são frouxas, inexactas.

O testemunho acerca das coisas vistas e ouvidas é muitas vezes erroneo ainda, e facilmente arrastado pela suggestão; a criança desfigura a verdade, sem dar por isso, não tendo o necessario controle sobre si propria.

Os juizos que a criança faz a respeito dos fatos e das ações são, não raro, pueris quanto ao conteúdo e sincreticos quanto á sua fórmula.

Seus gostos e aspirações não estão, pela maior parte do tempo, nem formados nem especializados e impressionam pela sua instabilidade. A criança muda de opinião, facilmente, no intervalo de meia hora. Muitas vezes ela refuta o que acaba de afirmar. Muitas vezes suas aspirações são utopicas, pecando contra o bom senso e os meios de que dispõe para a realização. Quando lhe pedem que justifique a sua escolha ou a sua opinião sua justificação tem carater mais afetivo do que racional: — "E' bom", "gosto disto", "isto me agrada", diz ela, sem que a analise das qualidades do objéto seja tomada em consideração. Muito frequentemente a criança manifesta uma especie de negligencia e de preguiça mental que a obriga a permanecer nesse plano inferior do pensamento.

Quanto aos seus conhecimentos acerca dos fatos elementares da vida do país, presente ou passada, elas pecam por lacunas verdadeiramente lamentaveis e erros graves, ás vezes.

As questões de ordem moral lhes interessam ainda muito pouco e elas não parecem preocupar-se quasi com os problemas da formação do seu proprio carater. Sente-se que seguirão o primeiro adventicio que se lhe impuser pela sua força fisica ou pelo brilho exterior. Seu desenvolvimento posterior e o caminho que elas irão trilhar na vida parecem ser menos determinados por sua propria vontade e pela visão mais ou menos nitida do objetivo do que pela oportunidade das circunstancias e pelo jogo do acaso.

Eis, exagerando, — porque não é a attitude de todas as crianças examinadas, mas da maioria, entretanto — o estado

das coisas que caracterizam bom numero das crianças que se preparam para deixar a escola primaria, a unica escola antes da da propria vida.

Há motivo para se acusar a alguém? Pessoas, programas, metodos? Não o cremos, sobretudo tomando-se em consideração o esforço enorme que se faz atualmente em Minas para a pronta realização da reforma tão bem delineada por Francisco Campos. Em alguns anos desse trabalho de reconstrução intensa, a eficiencia da escola sobre o desenvolvimento integral da criança será maior, sem duvida. A criança sairá certamente com conhecimentos mais exatos e com os habitos de pensar e de agir mais adequados. Esta pedagogia mais competente fará sobretudo que a criança forme as técnicas escolares mais rapidamente, sem desperdiçar inutilmente o tempo, como acontece, não raro, hoje.

Repetindo menos as classes, a criança deixará a escola mais cedo e, em vez de contar em média 11 a 13 anos, contará 10 a 11 apenas.

É muito cedo. Por mais perfeita que seja a educação que lhe fôr dada durante esses quatro anos, ela será insufficiente tanto para o seu desenvolvimento intelectual, como para a formação de seu carater moral, como para a sua preparação afim de escolher o seu futuro profissional e a sua atividade independente.

O individuo, aos 10-11 anos, é ainda uma criança em seu sentido mais lato. Fala-se não raro da precocidade dos povos tropicais. Esta precocidade, entretanto, nunca, ao que eu saiba, foi provada, em relação á criança mineira, mediante pesquisas científicas. As observações que o Laboratorio de Psicologia possui quanto ao desenvolvimento corporal das crianças de ambos os sexos, não contribuem para sustentar esta opinião. Ao contrario, os diversos indices de crescimento fisico nos mostram que a criança mineira, de Belo-Horizonte, não tem, ou tem pouca antecipação sobre a de Portugal, por exemplo. E que no momento em que ela deixa a escola primaria, repetimo-lo, — seu corpo, como seu espí-

rito, não poderão atingir o grau de maturidade com que desejariamos ver a criança deixar a escola publica.

Por mais perfeita que seja a educação, na idade de 10-11 anos a criança não pôde ser lançada na vida com os seus perigos, suas lutas. É nesse momento que ela tem necessidade da maior proteção tanto para conservar e fixar o que os anos escolares lhe deram, como para formar os ajustamentos necessarios, revelados pelas exigencias da idade e da personalidade que começa a assumir contornos definidos.

Deixar a criança a si propria nesse momento é fazer muito pouco para assegurar o futuro tanto do individuo como da futura sociedade. E, sob esse aspeto, Minas se acha em condições extremamente desvantajosas, comparadas com as de outros Estados do proprio Brasil, onde a maior parte do tempo escolar é de 5 anos, e as dos outros países da Europa e da America do Norte, onde a instrução publica geralmente se estende por 6-7 anos, em vez de 4 apenas. Na Inglaterra, vimos como ultimamente se elevou o periodo da instrução obrigatoria até á idade de 15 anos, e vimos países como a França e a Russia decretando a gratuidade do ensino secundario.

Esta inferioridade quantitativa quanto ao numero de anos da escola publica obrigatoria não pôde deixar de prejudicar a formação menos cuidada e mais expedita do povo inteiro.

Qual será o remedio para isso? Bem simples, se os meios economicos o permitissem: aumento do numero de anos de instrução. Mas os meios economicos permitem esperar esse aumento? No caso afirmativo, não será tão cedo, provavelmente, não será ainda para o proximo ano, em todo o caso, entretanto, o problema das crianças de 11-12 anos, de que traçamos um rapido esboço, é o problema de hoje mesmo, em toda a sua insuficiencia e que reclama solução imediata.

## PREPARO DAS CRIANÇAS PARA SUA FUTURA PROFISSÃO

O problema da orientação profissional, que geralmente começa a encontrar a solução ainda no momento em que a criança faz parte da escola pública (a Alemanha, a Suíça) se acha deslocado na escola mineira.

Se é ainda difícil, "a julgar pelas aptidões e pelos caracteres dos adolescentes que vêm consultar antes de ter maturidade suficiente", aos 14-15 anos, ao saírem da escola pública suíça, é quasi impossível aconselhar-lhes o que quer que seja na idade de 10-11 anos, isto é, no fim dos seus estudos primarios em Minas.

Num artigo de M. Heinis, intitulado "Os meios científicos para determinar a idade mais favoravel para entrar na vida profissional" (*Revue Suisse d'Hygiène*, 1932), o autor assim se exprime: "A idade mais favoravel para entrar na vida profissional é o momento em que as aptidões estão praticamente na maturidade, em que o forte surto está prestes a cessar e em que a puberdade psíquica começa."

Tratando-se das crianças que a escola pública ampara no ultimo ano, em Minas, verificamos que elas estão longe de atingir esse nivel de desenvolvimento e somos obrigados a pensar que, abandonando-as tão cedo, creamos para elas um mau futuro: o menino toma o primeiro trabalho que se apresenta, ingressa num mistér para o qual na maior parte do tempo não tem nem gosto determinado, nem aptidões e arrastará a sua carga profissional como o galé os seus grilhões.

As mais das vezes a criança, deixando a escola muito cedo, ou ajuda simplesmente seus pais na sua ocupação ou então é empregada nos serviços não especializados, mas não raro muito extenuantes para a sua tenra idade, ou pouco higienicos, como, por exemplo, o de vendedor de jornais, que

sacrifica completamente o horario do sono e da alimentação regular, ou o do mendigo que, nada tendo que fazer, se fôrma para a vida parasitaria. Cada vez mais a lei relativa ao trabalho da criança, em vigor nos países adiantados, interdiz bom numero de profissões e de ocupações incompatíveis com a dignidade da criança. Depois da guerra, o pitoresco gavroche desapareceu quasi completamente das ruas de Paris; a gente não o ouve mais gritar as noticias sensacionais das gazetas e não o vê precipitar-se ao longo dos *boulevards* parisienses; as mulheres dos invalidos da Grande Guerra fazem o serviço, ao passo que o filho estuda e acumula suas forças para a luta pela vida.

A escola pública deve aumentar os seus anos de ensino e guardar a criança até aos seus 14-15 anos, para preservá-la de um gasto fisico e moral demasiado rapido. Mas os meios materiais permitem esperar este aumento? Não, tão depressa, vimo-lo em relação ao nosso primeiro problema. E, no entanto, a criança desempregada, mal orientada ou explorada por uma sobrecarga penosa de trabalho, é um problema profissional de grande atualidade mesmo aqui em Minas, e urge resolvê-lo. Mas como? As escolas profissionais não estão bastante desenvolvidas. O seu numero é muito reduzido e os lugares nelas são fechados por longas listas de candidatos que esperam (como para entrarem no Instituto "João Pinheiro"), meses senão anos até.

Enquanto elas esperam assim, ociosas, prevê-se facilmente que a multidão dos vícios e dos crimes talvez germine nos adolescentes como num caldo de cultura.

## CRIANÇAS EM PERIGO MORAL

Esta ultima verificação nos leva ao nosso terceiro problema, — o das crianças chamadas "em perigo moral".

Estas nós não as encontramos só no momento em que a escola as abandona (nesse momento a sua frequência se multiplica), mas no proprio seio da escola primaria. A escola publica não absorve todo o tempo da criança, e os seus lazeres aqui são muito grandes, excessivamente grandes, sobretudo para as que não encontram no seu seio familiar o ambiente moral desejavel.

A metade do dia, três ou quatro horas apenas, e todos os dias feriados e as longas férias do verão — eis, pois, as ocasiões frequentísimas para que a influencia da escola seja em grande parte anulada pela do lar descuidoso e da rua.

As crianças indisciplinadas, desequilibradas, que apresentam perturbações de carater, as anti-sociais e as crianças em perigo moral não constituem raras exceções nos Grupos escolares de Belo-Horizonte ou do interior.

Vimos bom numero das fichas psicologicas dessas crianças, como tivemos pessoalmente trato com elas. Para certos Grupos esses adolescentes em idade escolar representam um serio problema, e a criação das classes especiais de educação individual por excelencia figura já no plano que apresentamos no Rio de Janeiro, no nosso relatorio á 4.ª Conferencia da Educação.

Se bem que o projeto relativo ás classes E date já de cerca de um ano, êle não foi ainda executado, e todos esses escolares viciosos e irasciveis continuam a achar-se ombro a ombro com as crianças normais.

A educação desses adolescentes é tão complicada e penosa para quem não tem vocação para ela e uma experiencia toda especial, que não ousamos aconselhar a formação dessas classes a nenhuma das professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento que nos pediram esse conselho. E' que há talvez menor perigo em vê-las ao lado das normais e sentir mesmo que elas contaminam as mais inclinadas aos vícios sem serem ainda viciosas, do que em seleccioná-las em classes especiais, onde a sua conduta entre as mãos de um professor inexperiente pôde explodir como uma bomba de dinamite e perturbar a tranquillidade do grupo inteiro.

E' mistér mais alguma coisa além de uma classe ordinaria para essas crianças "em perigo moral". Essas classes devem transformar-se em verdadeiros focos educativos, em que as crianças possam passar todo o seu dia e, á falta de internato, não voltar senão á noite para junto da familia.

Quando é que esses focos vão ser creados e em que momento as casas de regeneração para os corruptos serão verdadeiras instituições pedagogicas? — Muita — gua correrá ainda até que essas coisas se façam, ao passo que o problema das crianças em perigo moral é um problema de flagrante atualidade.

Para dar uma idéa da urgencia da medida aduzimos mais adiante dois exemplos illustrativos e tirados da nossa pratica.

O primeiro deles é um menino de 9 anos, com quem tivemos conhecimento em 1931. Aluno do 3.º ano de um dos Grupos escolares, êle está bem desenvolvido tanto corporal como intelectualmente. De apparencia delicada, tem a infelicidade de pertencer a um meio familiar muito depravado. Sua propria mãe, parece, ensinou-lhe coisas que mais tarde causaram a sua ruina. As condições materiais da familia são mediocres, senão precarias.

Tendo muitas vezes praticado "atos imorais" na vizinhança do grupo escolar, esse menino, depois de varias repressões por parte da diretora do grupo e promessas de se corrigir, aliás sem effeito, foi obrigado a deixar a escola, pois a sua influencia se tornava funesta para os seus camaradas de ambos os sexos.

Como se estivesse quasi no fim do ano escolar, essa expulsão não tinha grande importancia. No ano seguinte, o menino apresenta-se no mês de fevereiro em um outro Grupo escolar, que o matricúla, naturalmente, como a todo candidato que se apresenta no principio do ano. Um belo dia, o menino é reconhecido por uma pessoa que lhe conhecia a historia no Grupo anterior e a conta á diretora. O menino é, pela segunda vez, obrigado a deixar a escola, porque, apesar de implorar o perdão, de suplicar que o deixassem estudar,

de invocar Deus, de jurar não mais reincidir; apesar de todas as suas supplicas e promessas, a diretora, que tem a responsabilidade de seus numerosos alunos e da honra do seu grupo, lhe recusa o direito de ali continuar.

Como a familia dele não tem os meios necessarios para o fazer educar numa escola particular, o menino se acha cancelado das listas dos escolares e torna-se, aos 9 anos, um pária. Não temos mais noticias dele. E' provavel que êle se entregue, cada vez mais, aos vicios e, sobretudo, que continue a espalhá-los entre os companheiros da rua, crianças como êle.

Esse menino, tão criança e vicioso, mais por imitação das cenas que observa em sua familia do que por suas proprias inclinações, talvez; esse menino que quer estudar e que possui intelligencia sufficiente, mas ao mesmo tempo uma vontade muito fraca para resistir a seus habitos pervertidos, que drama pungente não apresenta agora como no futuro? hoje apenas vicioso, amanhã será ainda um revoltado que não deixará de se vingar da sociedade que não o socorreu.

O segundo caso nos ocorre oportunamente ao espirito: trata-se de um menino de 10 anos transferido para uma escola de retardados.

Nas novas condições pedagogicas, seu estado intelectual melhorou consideravelmente ao fim de bem pouco tempo; quanto ao seu carater impulsivo, grosseiro e de uma crueldade pouco comum, êle fez derramar muitas lagrimas a seus camaradas, e custou muitos esforços ao seu novo mestre. Enfim, ao cabo de 4-5 meses de estadia na classe especial, o seu proprio carater melhorou tambem e hoje êle pouco se distingue das crianças normais.

Mas eis que o ano escolar termina e as ferias comecam. Isto quer dizer que durante 2-3 meses a criança vai ser reposta inteiramente nas condições donde veiu (ela é orfã de mãe, e seu pai é mendigo) e que o efeito do enorme trabalho educativo que se fez durante 4-5 meses, vai muito provavelmente desaparecer ao contacto desse meio ocioso e desapparelhado. Depois das ferias, a educação deverá ser re-

começada pois durante os meses de verão, nem uma ação social benefica ali existe para continuar o trabalho da Escola.

Notemos ainda estes casos, diferentes dos anteriores, mais pungentes, e onde a ação social nos parece inteiramente indicada. — Um rapido inquerito feito nos Grupos escolares nos pôs em presença de dous meninos de 12 e de 13 anos, de familia remediada e culta, ambos. Apresentou-se a esses dous meninos um questionario, onde, acerca da pergunta "qual foi o dia mais belo da sua vida?", ambos êles responderam: "O dia em que nasci", revelando assim um pessimismo surpreendente e um drama interior propavelmente. Evitando aprofundar um assunto por demais intimo talvez, pedimos que nos dissessem, pelo contrario, qual foi o dia em que mais feliz da sua vida — um dêles nos resondeu sem hesitação: "Esse dia ainda não chegou, mas será o dia em que eu me suicidar". Note-se que isso é claro e inequivoco. Para nos certificarmos que não se tratava de uma melancolia passageira, soubemos do professor que esse menino se mostra geralmente triste e deprimido.

E' possivel que essas crianças mudem e que nenhuma delas cuidará de se suicidar mais tarde. Mas não esqueçamos que os suicidios de crianças existem e numa proporção consoante os países e as épocas assás consideraveis. E, pois, é provavel que individuos que desde tenra idade nutrem essas idéas, as realizarão um dia, se a religião, a educação ou outra forma da influencia social não intervem a tempo de lhes insuflar o optimismo necessario á vida.

Se os três problemas encarados nas linhas precedentes não podem ser atualmente solucionados por uma amplificação da influencia escolar, que se encarregaria da formação do adolescente e o protegeria até á maturidade fisica e, sobretudo, psiquica, cumpre procurar outros meios menos radicais talvez, e dependendo menos de um decreto obrigatorio, mas que poderiam impôr-se á consciencia coletiva como uma necessidade a preencher e onde a cooperação social não deixaria de ser das mais efficientes.

## O PAPEL DO ESCOTISMO NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS MENCIONADOS

Vemos esta cooperação social vir do seio da própria juventude. E é com a sua contribuição que contamos, ao pensar na possibilidade de diminuir as tonalidades sombrias de aspéto e tudos e preencher lacunas demasiado sensíveis.

Que podem as crianças, que póde a juventude naquilo em que o adulto nem sempre triunfa? Como poderemos contar com a adolescencia para "erguer a raça, assegurar o futuro do país, salvaguardar os homens de amanhã antes que seja muito tarde?"

Baden-Powell, na sua intuição genial, formulou a respeito da criança um julgamento que foi um golpe de fortuna para o grande movimento que êle conduziu com tamanha segurança e exito ao mesmo tempo: "*As crianças (escreveu êle) são capazes de suportar muito mais responsabilidades do que comumente se supõe*". E, mais adiante, acrescenta: "*nada é mais facil do que apaixoná-las pela sua propria formação.*"

O interesse, de uma parte, e as capacidades, de outra, — eis o que o Escotismo teve a seu credito quando alistou milhares de crianças de toda parte do mundo e por meio das quais elevou o estado eugenico, o nivel intelectual, a capacidade profissional e o carater civico e moral das novas gerações.

Os serviços prestados pelos jovens escoteiros durante a Grande Guerra, quando a população adulta foi chamada a servir nas fileiras e abandonar o serviço civil, mostrou o valor dessa juventude educada, por assim dizer, por si mesma. A resistencia física, a iniciativa, o desembaraço, a intrepidez, o sangue-frio, o *savoir-faire*, a cooperação, o altruismo e as façanhas do mais alto heroísmo assinalaram as atividades das tropas escoteiras da Grã Bretanha.

"Crianças! treze anos! quinze anos! iam desempenhar funções de homem e isto em um tempo em que essas funções tinham uma importancia sem precedente. Na verdade, a guarda do territorio natal lhes foi confiada".

Eis aí o papel que souberam representar os escoteiros, aos quais o capitão Basil Hill dispensa este supremo elogio: "Não sei o que fariamos sem êles".

Pois bem! o heroísmo que se revelou na juventude escoteira inglêsa durante a grande guerra é a virtude propria dessa idade. Ela está latente em todo o jovem ser não depravado. Ela se exalta no momento em que o país, a sociedade dela necessitam. "A juventude acha-se, então, mais que nenhuma outra idade, disposta a servir o Estado, a sacrificar-se por êle, a imolar, jubilosa, em sua honra, os corpos juvenis" (Spranger). Cultivando as virtudes morais, o altruismo, a abnegação e a dedicação á causa do proximo, germinam e expandem-se no coração generoso do adolescente como num sólo fertil, e a pratica da Boa Ação quotidiana se torna uma necessidade organica.

Se pensarmos ainda que a juventude é naturalmente ativa, que é energica, que é disposta a trabalhar e capaz de crear — podemos esperar encontrar nela um colaborador precioso para a defesa das causas sociais.

Para ter a sua colaboração, trata-se de lhe mostrar o problema em toda a sua amplitude; mostrar, especialmente, que o bem-estar do país depende em grande parte da instrução e da educação que a adolescencia receber *depois de sair da Escola*.

Essa tarefa educativa *post escolar* o movimento viril do Escotismo póde em grande parte realizar pelos seus propios meios, ajudado — está claro — pela sociedade dos adultos, prontos a dar-lhe seu apoio moral e material.

Resta saber ainda como os adultos podem secundar o arranque da adolescencia e do escotismo para a formação integral dos cidadãos. Nós quiséramos que os adultos aqui trouxessem as suas sugestões, as quais resumiremos num artigo proximo.

## PARA OS MENINOS

## A serpente viuva

(Conto hindú)

Certa vez uma serpente saiu da sua casa para dar um passeio. Arrastou-se de um lado para outro, desfrutando a amena paisagem e gosando a brisa fresca.

E assim andando, viu uma porta aberta e entrou por ela a dentro. Era a porta do palacio de um rei. E dentro do palacio estava o rei, rodeado de seus cortesãos.

E' de imaginar-se o horror que se apoderou de todos ao verem avançar uma grande serpente.

Todos fugiram — menos o rei, que achou que não condizia com a sua altíssima dignidade correr assim de uma cobra qualquer, e menos o filho do rei.

O monarca chamou a altos brados que viessem matar a serpente, mas as gentes do palacio manifestaram um horror ainda maior — porque naquêl pais se considerava uma coisa abominavel e defesa matar um animal,

mesmo cobra, escorpião ou vespa venenosa.

Os cortesãos, portanto, nada fizeram, mas o jovem príncipe obedeceu a seu pai e matou a serpente com um bom porrete.

Passaram-se algumas horas, e a esposa da serpente morta, alarmada com a demora do marido que nunca mais voltava do passeio, saiu à sua procura.

Viu aberta a porta do palacio e, por sua vez, entrou tambem. Horror! Lá estava o corpo ensanguentado do illustre consorte.

Ninguém a tinha visto entrar.

Perguntou então a uma formiguinha bisbilhoteira o que tinha acontecido e, quando soube que era o príncipe que lhe havia matado o marido, jurou que, assim como o filho do rei a tinha feito viuva, ela tambem enviuvaria a mulher do príncipe.

Nessa noite, quando todos dormiam, a serpente pene-

trou no quarto do príncipe e enroscou-se em torno do pescoço do herdeiro do trono.

Quando o príncipe acordou de manhã, viu, horrorizado, que tinha no pescoço um medonho colar; e, temendo que, com o fazer qualquer movimento, o reptil o estrangulasse, ficou quietinho na cama. Mas a mãe, vendo que êle estava demorando em ir ao café com biscoitos, veio procurá-lo no quarto, viu aquela terrível situação e saiu aos gritos, para avisar o rei.

— Chamem os arqueiros! ordenou sua magestade.

Vieram os arqueiros e o rei lhes ordenou que matassem a serpente, coisa aliás difficil, porque havia o risco de matar tambem o príncipe. Em todo caso, adiantaram-se os arqueiros em fileira cerrada, levantaram os arcos, apontaram as flechas e dispunham-se a disparar quando a serpente lhes falou assim:

— Mais de vagar! senhores arqueiros. Escutem, antes de atirar flechas. Não é justo que cumpram uma sentença sem apurar primeiro o que aconteceu. A lei não diz: Olho por olho, dente por dente? Não é assim, oh! rei?

— Assim é, disse o rei. Tal é a nossa lei.

— Então eu estou dentro da lei, argumentou a serpente. O príncipe teu filho me fez ficar viuva. E' justo,

pois, que sua mulher tambem fique viuva.

— Aparentemente tens razão, retrucou o rei. Mas a lei e o direito nem sempre são a mesma coisa. Será melhor consultarmos alguém que entenda mais do que nós desses assuntos.

Foram consultados todos os juizes, porém nenhum dêles soube dar uma interpretação clara da lei. Sacudiram a cabeça e disseram que iam consultar os livros, para ver se já tinha acontecido um caso semelhante, e como tinha sido julgado. Depois de muito manusear os livros e, não tendo encontrado o tal caso semelhante já julgado, disseram que não tinham elementos para dar uma opinião definitiva. Então, diante da insuficiencia dos homens das leis, o rei enviou mensageiros que buscassem por toda parte homens capazes de resolver aquêla questão.

E a serpente, firme, enroscada no pescoço do príncipe.

Um dos mensageiros encontrou um grupo de cinco pastores que tinham parado ao pé de um morro para decidir uma duvida que havia surgido entre êles.

Falavam com tanta convicção e desenvoltura e exprimiam suas opiniões com tanto atilamento, que o mensageiro disse de si para si:

— Estes são os homeas de que precisamos. Eis aqui

cinco pessoas que têm pelo menos opiniões diferentes.

Voltou a toda pressa e informou ao rei que tinha finalmente encontrado pessoas capazes de dar uma opinião definitiva e decisiva.

O rei, a rainha, o príncipe, a princesa, os cortesãos, todos montaram a cavalo e lá se foram para o ponto onde os pastores continuavam a discutir. E, com eles, também a serpente enrolada no pescoço do príncipe.

Ào ver chegar tão numeroso grupo, e de gente tão grãuda, os pastores se assustaram um tanto. Pensaram no primeiro momento que se tratava de um bando de ladrões. Reconheceram finalmente o rei e seu sequito, mas então os seus temores, em vez de desaparecer-se, aumentaram, porque ficaram desolados de que as suas falcatruas tinham sido descobertas. E cada um deles ficou matutando em qual era a última que tinha praticado. Mas depressa se tranquilizaram vendo que o rei e todo o pessoal apeavam-se sossegadamente e os saudaram com afabilidade.

— Pastores amigos, disse-lhes o rei, vimos procurá-los para fazer-lhes uma consulta sobre uma questão que todos os juizes do reino não foram capazes de decidir. Aqui está meu filho com uma serpente enrolada no pescoço. Uma serpente entrou no meu palácio e meu filho matou-a. E

esta serpente, que alega ser esposa da outra, quer ter o direito de matar meu filho e sustenta que a princesa deve ficar viúva assim como ela — dita serpente — está viúva por culpa do príncipe. Creio que fiz um relatório perfeito dos fatos. Que pensam vocês agora da aplicação do direito?

O primeiro pastor respondeu:

— Eu penso que a serpente tem razão. Se alguém fizesse minha mulher ficar viúva, eu faria a mesma coisa com a dele.

Falou com expressão energética e os outros pastores aprovaram suas palavras com gestos de muita significação. Mas o rei pôs-se a pensar que era absurdo o que lhe dizia aquele homem, porque, para que a mulher dele ficasse viúva, era preciso que elle morresse e, uma vez que estivesse morto, não podia realizar a vingança de que falava com tanta enfase. Não contente, pois, com tal sentença ou resposta, o rei pediu a opinião do segundo pastor.

— Se o príncipe matou a serpente, a serpente tem direito de matar o príncipe.

Também não servia esta decisão, porque era bem parecida com a outra: morta a serpente, já não poderia matar o príncipe.

O rei perguntou então ao terceiro pastor, que lhe respondeu assim:

— Estou de acôrdo com os meus companheiros, porque um príncipe é um príncipe e uma serpente é uma serpente.

Mas esta resposta em nada contribuiu para elucidar a questão.

O quarto pastor, perguntado, por sua vez, replicou:

— Olho por olho e dente por dente. Uma viúva será viúva enquanto não tornar a se casar.

O rei estava cada vez mais atrapalhado. As respostas pareciam muito resolutas e firmes, mas na realidade embulhavam mais a questão.

Faltava agora o quinto pastor, o mais velho e que parecia o mais sensato de todos. Quando lhe pediram a opinião, disse:

— Primeiro, oh! rei! desejo fazer-te duas perguntas.

— Quantas quiseses, até vinte! respondeu o rei, que podia mostrar-se generoso, porque não se tinha comprometido a responder a nenhuma.

— Quantos filhos tem a princesa? perguntou o quinto pastor.

— Quatro, apressou-se a princesa a responder.

— E quantos filhos tem a serpente?

— Sete, respondeu esta.

— Nesse caso, sentenciou o pastor, o que é estritamente justo e razoavel é que a serpente mate o príncipe quando sua esposa, a princesa, tiver tres filhos mais.

— Não me havia ocorrido tal coisa, exclamou a serpente. Está certo! Adeus, oh! rei!

Manda me chamar quando a princesa tiver mais tres filhos. Não te esqueças. Eu venho ali na certeza e depressa.

Dito isto, desenroscou-se do pescoço do príncipe, e, deslizando entre as ervas, desapareceu.

O rei e o príncipe, muito agradecidos, apertaram a mão do pastor e voltaram ao palácio, para tratar da vida. E, como a princesa não teve mais filhos, viveu feliz com seu marido durante muitos anos.

Traduzido por

Juscelino BARBOSA.



## HIGIENE DENTARIA

(Especial para a "Revista do Ensino")

Cumprindo o programa estabelecido pela Inspetoria Geral da Instrução, e que vem sendo larga e ativamente executado, iniciamos nesta "Revista", com esta despretenciosa colaboração, uma série de artigos de divulgação sobre higiene dentaria, versando detalhadamente este assunto em todos os pontos que interesse ao conhecimento dos educadores verdadeiramente integrados no espirito da escola nova, compreendida nos seus multiplas aspectos pedagogicos e sociais.

Materia vasta, não permite um resumo que abranja todo o seu complexo conjunto; eis porque decidimos analysá-la em uma série de capitulos, servindo-lhes este de introdução, em que o assunto será abordado em suas linhas gerais, assim como examinada a organização, finalidade e resultados do serviço sob a nossa direção; pretendemos com isto fundamentar a necessidade do serviço dentario escolar, assim como esclarecer a sua função na escola e na sociedade.

Já se afirmou "não aproveitar a escola apenas á educação das crianças, senão que envolve na sua influencia educativa o meio social em que existe; e que "em torno da escola e por irradiação dela, a sociedade que a rodeia por ela também, embora sem o perceber, se educa á sua sombra".

A orientação sugerida por este conceito sobre a escola moderna impunha, necessariamente, cercá-la de todos os elementos que possibilitassem o desenvolvimento e aperfeiçoamento fisico, moral e intelectual das crianças, e através delas, do meio social.

Dentro desta larga compreensão, ao se mobilizarem os elementos que melhor atendessem aos interesses educacionais, não poderia ser excluída a assistência sanitaria, visto como, em ultima analyse, sobre a saude é que se apoiam todos os fatores adequados á formação e desenvolvimento do individuo, fisica, moral e intellectualmente capaz.

Muito segura e bem orientada andou a administração agrupando entre os elementos fundamentais da escola nova

este, cujos resultados — já vultosos — indicam a sua eficiencia e utilidade, justificando o conceito que lhe empresta a moderna concepção dos órgãos de instrução e educação da infancia, os quais orientaram a instituição da modelar organização e aparelhamento da instrução em Minas, projectada e realizada segundo os conselhos da pratica feita nos centros de mais adiantada civilização. Foram, e muito bem, considerados imprescindíveis os órgãos que atendessem aos interesses da vigilancia e assistência sanitaria dos escolares; interesses que sómente poderiam ser atendidos convenientemente e efficientemente por departamentos especializados, integrados na trama complexa e harmonica dos órgãos constitutivos do grande aparelho educacional, visto como as organizações sanitarias que atendem á saude publica em geral, se apartam da intimidade da escola, que envolve numerosas circunstancias e detalhes que precisam ser analisados segundo um criterio uniforme, mais adequado ao controle da atividade geral da escola; daí não poderem e nem serem aptas essas organizações a desempenharem essas funções especializadas, atribuídas ás instituições privativas da escola, submetidas ao mesmo criterio, á mesma orientação, ás mesmas medidas e á mesma subordinação que controla, regula e movimenta todos os órgãos que somam as suas funções, exercidas num mesmo ritmo, para realizarem a melhor atividade da escola, compreendida no seu melhor sentido e na sua mais perfeita finalidade de instruir e de educar.

A carie dentaria é a molestia mais universalmente difundida e a que sobre todos predomina, notadamente entre os povos civilizados.

A cavie dos dentes não é uma molestia especifica, o seu fator é uma associação de cousas de ordem quimica e microbiana.

A boca é um meio permanentemente habitado por numerosas colonias de micro-germens diversos, que aí encontram ambiente favoravel ao seu desenvolvimento — temperatura adequada, humidade, obscuridade e farto pasto que lhes oferecem as substancias organicas representadas pelos restos alimentares e dos tecidos, de mistura com o licor salivar, portador, tambem, de principios fermentesciveis.

A quantidade de germens contidos normalmente na boca representa-se por algarismos vertiginosos. Já foi constatado que um miligrama de deposito mole que, de ordinario, se encontra á superficie dos dentes, contém cerca de oito

milhões de germens, quando retirados de uma boca habitualmente limpa; e a mesma quantidade deste depósito colhido em uma boca mal cuidada, contém, aproximadamente, novecentos milhões de microbios.

Estes diversos agentes infecciosos vivem normalmente na boca mais ou menos neutralizados pelos meios de defesa naturais; mas exaltam-se e dispõem-se a atacar o organismo quando este se mostra em estado de desequilíbrio, enfraquecidas as suas defesas mediante diversas influencias morbosas ou fisiológicas especiais, como são as moléstias infecciosas, as intoxicações, agudas ou crônicas, quer as que têm por causa a alimentação até as que decorrem de vícios varios, como os do uso de entorpecentes, o alcoolismo, etc.; as doenças da nutrição; as influencias hereditarias, como a sífilis, e outras. Entre as causas fisiológicas as que mais se destacam são as da gravidez, da lactancia; assim como alguns periodos na evolução das idades.

Entre as moléstias infecciosas agudas as que mais diretamente influenciam o sistema dentario, principalmente na criança, são as chamadas "febres eruptivas", como o sarampo, varicela, etc., por isto que estas infecções perturbam os tecidos epiteliaes, e na constituição dos dentes as células desta natureza entram com o mais importante contingente. Daí a necessidade de cuidados especiais de remineralização após estas infecções.

A ação dos agentes infecciosos existentes na boca, tão numerosos e variados em especie e virulencia pôde manifestar-se por lesões localizadas nos tecidos moles, — gengivas, bochechas, labios, lingua e anexos, produzindo inflamações ou ulcerações mais ou menos extensas. Estas lesões não são, em sua maioria, específicas; isto é, não têm um unico e determinado agente causal — são produzidos pela sociedade de germens existentes na boca. Via de regra estas perturbações desaparecem mediante tratamento adequado; mas si não são tratadas em tempo podem estender-se a regiões mais ou menos distantes da sua localização.

Tal como acontece aos tecidos moles, os micro-germens da boca atacam a materia viva do dente quando esta lhes é franqueada pela descalcificação, promovida pelos acidos formados das fermentações que continuamente se processam na massa constituída pelos restos organicos deixados pelos alimentos, células descamadas dos tecidos moles e por determinados elementos da saliva.

A carie, evoluindo, atinge o órgão central do dente — a polpa.

A polpa dentaria está em comunicação direta com o organismo através a sua rica trama de vasos sanguineos e feixes nervosos, assim como pelos vasos linfaticos dos tecidos adjacentes á raiz do dente, com os quais a polpa se comunica.

Se, portanto, os agentes infecciosos atingem este órgão — a polpa — as suas influencias e ação podem ser levadas, veiculadas pela circulação, aos diversos órgãos e aparelhos da economia. Vem a proposito citar aqui experiencias feitas alhures sobre o contágio de moléstias infecciosas através da polpa dentaria.

Provas feitas com o bacilo da tuberculose determinaram, em animais de laboratorio, o aparecimento da moléstia em suas multiplas formas. — De onde se vê que uma polpa exposta ao meio bucal — onde vivem os germens de numerosas moléstias infecciosas — é uma porta aberta ao transitto facil do germen aos órgãos da sua eleição, ou que por eles possam ser perturbados.

Esta invasão, se não é detida em sua marcha, promove um foco infeccioso no apice da raiz do dente, enkistado na intimidade do osso maxilar. Tais focos encerram copiosa quantidade de microbios, algumas especies de extraordinaria agressividade, que permanecem á espera de um enriquecimento da defesa para invadirem o organismo através do sistema linfatico e circulatorio.

Estes focos são uma ameaça permanente, e tanto mais seria por serem insidiosos; raramente revelando-se por sintomas locais. Eles podem existir surdamente durante anos seguidos, sem serem suspeitados, injetando continuamente na economia os fatores infecciosos que se elaboram na sua intimidade, e que podem atingir os diferentes órgãos e sistemas organicos; assim como perturbar os tecidos que lhes são adjacentes, produzindo necroses, tumores, etc.

Modernamente, porém, a odontologia dispõe de recursos para diagnostico — dentre os quais salienta-se o raio X — capazes de surpreender esta consequencia perigosa da carie dentaria; e a medicina, para esclarecer os casos patológicos em que intervém, e tendo em vista a importancia, não desprezam essas fontes de infecção, pelo que podem ser suspeitadas e suprimidas antes de comprometerem, definitivamente, a saúde.

Não somente os focos do apice se encontram na evolução da carie; tambem a polpa dentaria pôde alojar tais fontes e servir de porta de entrada aos germens que por ela ingressarão no organismo.

Não só a carie pôde crear, na boca, oportunidade á formação dos focos de infecção.

Os depositos minerais e serosos (tartaro) que se acumulam na superficie dos dentes junto ás gengivas; as irritações continuadas dos tecidos moles, promovidos por dentes cariados ou por aquelas que possam oferecer os trabalhos protéticos mal ajustados, são outros tantos fatores de focos iniciais não só de infecção como tambem de graves alterações, principalmente as concreções; as estatísticas revelam que uma grande porcentagem dos canceres da boca têm origem em irritação mecanicas promovidas por esses agentes.

Na primeira e segunda infancia, quando há idades em que o organismo tem facilmente desequilibrados os seus agentes de defeza, esses focos formam-se sem grandes dificuldades, e além daquelas consequências que elles podem trazer, ajunta-se a ação altamente nociva que podem exercer sobre os dentes permanentes, que ainda se encontram em formação dentro dos ossos maxilares.

Ainda na primeira infancia o sistema dentario acusa a sua presença por desordens locais e gerais, nos chamados accidentes da dentição.

A medicina antiga, quando ainda mergulhada nas trevas que os tempos iluminaram, attribuia a maioria das desordens funcionais da primeira infancia ao processo da dentição e aos vermes.

A tendencia da medicina dos nossos tempos é negar qualquer interferencia desse processo nos episodios patológicos que se manifestam no periodo da dentição.

Observa-se, todavia, que os medicos que mais frequentemente acompanham a evolução dentaria, principalmente aqueles que vêem os seus proprios filhos escalar os diversos periodos da vida, modificam o seu parecer, concordando com o que é razoavel — admitindo a interferencia da dentição nas perturbações gerais, mais ou menos típicas, da primeira infancia.

Ao parecer mais razoavel a dentição intervem nesses episodios não como causa determinante, mas coadjuvante, auxiliar.

As ações que se processam no organismo vivo são reações provocadas por agentes extranhos, ou pelas influencias normais em desequilibrio ou perversitadas; assim como as reações organicas variam segundo o estado do equilibrio fisiológico. Um organismo em perfeita nutrição estará apto a contrabalançar os efeitos e a repercussão geral da causa que pretende perturbá-lo.

Estas reações podem limitar-se ao local em que a ação perturbadora se exerce, ou ir além, por vias diversas, ou então intervir no sistema nervoso, provocando reflexos que, partindo das terminações nervosas do local da ação, vão influir sobre os processos organicos, alterando o funcionamento dos diversos sistemas — nervoso, circulatorio, glandular, etc., e na criação a relação entre causa e efeito não é proporcionada á mesma medida que no adulto.

A evolução e erupção dos dentes sendo um fenomeno fisiológico, devera fazer-se constantemente sem nenhum accidente. Mas esta evolução assim natural somente se observa quando o organismo está em perfeito equilibrio, isto é, quando em seu coeficiente normal de nutrição e na ausencia de fatores predisponentes; mas, entre nós, á maior parte das crianças faltam estas condições; daí a predominancia desses accidentes.

As perturbações levadas á conta da reflexos nervosos são determinados pela compressão das terminações nervosas promovida pelo dente que procura romper a gengiva ou pelo affluxo de sangue na polpa dentaria que, nessa idade, é muito volumosa e vascularizada.

Uma outra causa de accidentes na erupção dos dentes — e esta de natureza infecciosa — é a formação de pequenos focos infecciosos na gengiva, os quais se estabelecem segundo este mecanismo: — quando o dente, perfurando a gengiva, nela se entremostrava, pôde acontecer que, mediante um fenomeno de vascularisação — affluxo maior de sangue — o tecido gengival aumenta de volume, recobrin-do a pequena porção do dente que apenas se entremostrava, e encerrando com elle, germens e produtos fermentesciveis.

Inumeras condições e fatores influem sobre o sistema dentario considerado em função do desenvolvimento e da saude geral.

No decurso da serie destes artigos serão tratados todos esses estados particulares que tamanha influencia exercem sobre o desenvolvimento intelectual e fisico da criança; assim como serão analisados outros fatores que influenciam o desenvolvimento e a saude do sistema dentario.

O serviço dentario escolar em Minas é de criação mais ou menos recente, mas os seus resultados têm-se revelado plenamente efficientes.

Não tem sido possivel, por deficiencia de pessoal técnico — pois o que existe é apenas sufficiente para atender ao grande volume da assistencia operatoria — organizar um

estudo completo e comparativo das estatísticas relativas à vida escolar dos assistidos e os trabalhos de assistência.

Para dar uma noção da influencia do sistema dentario sobre os diferentes órgãos e funções organicas, vamos relacionar aqui algumas observações interessantes oriundas da terra onde em maior apreço são tomadas as questões relativas aos dentes — a America do Norte.

Longas observações, por exemplo, sobre a eficiencia intellectual dos escolares, conduziram à conclusão de que os que têm dois ou poucos mais dentes cariados se encontram com um retardamento de cinco mezes, no minimo.

Que dizer agora dos nossos que, na Capital, mostram, em cada boca, uma média de sete (7) caries!

Provas acuradas, em escolas americanas, mostraram que o aumento da aptidão fisica e intellectual dos escolares ascende à média de 99,8% depois dos tratamentos dentarios.

Tambem sobre o comportamento e o temperamento dos escolares, considerados em relação ao estado sanitario das suas bocas, foram realizadas as mais surpreendentes observações.

O melhoramento da saude após a correção de anomalias foi nitidamente comprovado em observações numerosas; verificando-se que a capacidade toraxica das crianças com arcadas defeituosas varia de 1.200 a 1.406 centímetros cubicos, enquanto que este indice, nas que as têm normais, é de 1.700 a 1.900 centímetros cubicos.

Ainda outras muitas observações poderiam ser citadas como illustrativas das influencias das molestias e anomalias dentarias. No decurso dos capitulos subsequentes voltaremos a analisar essas observações.

Para finalizar vamos examinar alguns dados obtidos de inspecções realizadas entre escolares nesta Capital.

Em 3.720 inspecções, quantas foram as efetuadas em diversas escolas e em escolares de idades diferentes, com o objéto de se obter um indice para orientação do serviço, constatou-se:

Capacidade mastigatoria: -	911 boa
	1.446 sofrivel
	1.363 má
Tartaro — encontrado em	1.853 bocas
Uso da escova. . . . .	1.915 usam-n'a diariamente
	1.545 ocasionalmente
	260 nunca a usaram

Numero total de caries. . . .	21.279
Numero total de raízes . . . .	4.653 inaproveitaveis
Destes escolares . . . . .	2.462 foram destinados à assistencia
Foram notificados. . . . .	1.258 responsaveis

Cumpre esclarecer que ao serviço de assistência são admitidos os escolares cujos responsaveis não tinham recursos para se fazerem tratar nas clinicas particulares; os que não estão neste caso são notificados e solicitados a promoverem os tratamentos requeridos.

Pelo quadro acima vemos que 50% dos escolares mastigam insufficientemente, em razão de defeitos e lesões dentarias.

Cerca da mesma percentagem não escova os dentes convenientemente.

Considerando-se uma média de vinte (20) dentes para cada escolar, compreendidos entre 5 e 14 anos, temos, nas 3.720 bocas examinadas, 74.400 dentes apresentando 21.279 caries e 4.653 raízes infeccionadas, ou portadoras de abscessos, fistulas, etc., são, portanto, 25.932 focos de infecção, ou mais de 6 (seis) focos para cada boca!

Dos 3.720 examinados, 2.462 (ou cerca de 80%, foram determinados à assistência gratuita.

Todas estas conclusões podem ser generalizadas a toda população escolar da Capital, por isso que as inspecções foram realizadas em alunos retirados das diferentes classes da maioria dos grupos escolares e escolas infantis da Capital; representam, portanto, o indice geral.

5|11|932.

J. A. da Silva Campos, Inspetor  
de Higiene e Assistencia Dentaria Escolar.

*Nota da redação:*

Em nosso numero anterior foi incluída uma publicação sob o titulo "Higiene Dentaria", assinado pelo sr. J. A. da Silva Campos, inspetor de Higiene e Assistencia Dentaria Escolar.

Cumpre-nos esclarecer que aquela materia que constitue uma noticia destinada ao "Boletim de Estatísticas do Ministerio da Educação e Saude Publica" foi incluída, por engano, entre os originaes relativos àquele numero e foi publicado sem revisão do autor.

A' nosso "Revista" destinava-se a colaboração que, sobre o mesmo assunto, inserimos neste numero.

# DAQUÍ E DALÍ

## Aforismos pedagogicos

### BRINQUEDO

E' muito comum ouvir dizerem as mães aos filhos: — Não é hora de brincar. Venha estudar a lição. . .

Nesta advertencia, ha erro fundamental. E é que não deve existir diferenca entre a hora da brincadeira e a hora de estudo.

Ambas devem despertar na criança igual interesse. Só brincando é que poderá ela aprender.

E' por isso que os trapos, as casinhas, os alcapões, as fundas e as bonecas nunca lhe provocam cansaço, nem enfado.

Em suma:— façamõs com que as crianças brinquem estudando. . .

### VONTADE

— Crianca não tem vontade, dizem os pais.

— Tolice! Justamente o contrario: — quanto mais se é criança, mais desejos e ambições se têm.

A' medida que vamos envelhecendo, isso sim, é que nos vamos libertando das aspirações. A vida é uma renuncia progressiva.

A criança, não. A criança quer tudo, deseja tudo, pede tudo. Não a contrariemos sinão com muito tacto e prudencia, sem a molestarmos. Sem usarmos, contra ela, do prestigio de nossa autoridade.

Todo pai, todo professor nunca se deve esquecer desta verdade pedagogica e acaciana: — A criança existe, logo, tem vontade.

Pais e mestres, obedecei á criança, si desejais dirigi-la e educá-la.

## COMEDINHA DAS CRIANÇAS

Já vistes, por certo, algum dia, alguém desmanchar brutalmente, os entretenimentos das crianças.

Diante daquela crueldade, a menina se põe a soluçar copiosamente. E' um choro convulsivo, doloroso.

Chora um tempo imenso, um tempo mais longo do que se podia imaginar. Foi ela ferida em seu ponto mais sensível, no que possui de mais caro e diléto: —os seus brinquédos!

E' como um aváro que houvesse perdido a fortuna.

— Senhores! eu, nesses casos, nunca me esqueço da frase do escritor modernista, a qual é, tambem, um aforismo pedagogico:

— Nunca se deve desmanchar a comedinha das crianças!

### AVISO!

Tres mandamentos da pedagogia moderna: — não premiarás, não castigarás, não ralharás. . .

### INFANTILIZAÇÃO

Ha um unico meio de fazer-se a gente entender pela criança. Esse meio é a infantilização. A professora precisa ter uma alma, uma intelligencia, um interesse e uma linguagem de criança. Precisa infantilizar-se, eis o problema.

### PENSAMENTO

O áto de educar é o mais racionalizado dos desdobramentos do instinto maternal. Assim, a melhor professora da criança deve ser sua mãe. E' mesmo a sua destinação sublimada: — informar o corpo e o espirito de seu filho. Ha aí os elementos para uma obra-prima, isto é, para fazer um santo ou um génio.

### UMA HISTORIA

Era uma vez uma professora, chamada D. Miquelina, que estava dando uma aula.

Depois, entrou um beija-flor na aula. Ah! foi um péga-péga dos diabos! A meninada desandou a persegui-lo:— Segura. Cerca. Fecha. . .

Em vão gritava, esguelava dona Miquelina: — Atenção! Ninguém prestava atenção. Ora prestar atenção numa hora destas! . . . Que bobagem!

Essa professora era ingenua. Onde já se viu uma aula ser mais interessante para um menino do que um beija-flor?! Era ingenua e absurda. Ela devia era ter ajudado a rapaziada a pegar o passarinho!

#### MENTIRA

A mentira, na criança, não deve ser corrigida sempre. É a expressão natural de sua imaginação criadora. É o bovarismo infantil.

#### ULTIMA VISITA

Quando um professor já velho, já cansado dos trabalhos da vida, recebe, em sua casa modesta, a visita de um antigo aluno, já notável, pode sentir, em seu coração, uma das mais dignificantes alegrias humanas. Foi ele quem favoreceu aquele triunfo e aquela gloria.

ALBERTO OLAVO

(Do jornal de Itau'na).

## As classes especiaes

O trabalho de homogeneização das classes, que se tem processado em nossos grupos escolares, motivou o estudo de um problema serio e relevante: o destino dos retardados. Sabe-se que essas crianças apresentam um crescimento mental deficiente, muito abaixo da média normal e, em consequencia, com pequenas probabilidades de vencerem e progredirem. Ao contrario do que se possa supor, essas crianças requerem um cuidado todo especial pelas dificuldades de adaptação ao meio social e, por isso, destinadas, em regra, a aumentar o numero dos inúteis, dos viciosos e dos pervertidos. A escola tem o dever de examinar cuidadosamente a situação dessas crianças e procurar solucioná-la de ma-

neira que, mais dia, menos dia, não se vejam elas na impossibilidade de viver honestamente.

É este o problema que Mme. Antipoff, auxiliada por varios elementos de Belo-Horizonte, está procurando resolver. É necessario armar essas crianças de meios eficazes para viverem, isto é, dar-lhes instrumentos de adaptação á vida, de sorte que o seu destino se desanuvie e se esclareça pelas possibilidades de reação e de estimulo que a escola lhes ha de fornecer. Além do trabalho comum de desalfabetização, cumpre organizar classes especiais para elas, classes de trabalho, onde aprendam um officio, exercitem os seus sentidos e orientem as suas atividades para um fim pratico. As oficinas de carpintaria e sapataria, os trabalhos de jardinagem e muitos outros são especialmente indicados para esses alunos, habilitando-os a viver com as suas proprias forças. Além de ser uma escola de trabalho será um preservativo certo contra os males que costumam assediá-los os debeis mentais, levando-os, muitas vezes, para os carcerees e para os hospitais.

Se classes assim organizadas repercutem tão intensamente nos proprios alunos normais, imagine-se a influencia que hão de exercer sobre os mal-dotados!

Cogita-se da formação de uma sociedade de proteção e assistencia a essas classes. Nada mais justo, nada mais acertado do que esse movimento generoso em torno das classes especiais. É um erro já consagrado, atribuir-se ao Estado a solução de todos os nossos problemas e esperar dele o remedio para todos males sociais. Ao problema educacional não pode ficar indifferente a sociedade. Para essa obra devem todos concorrer com alguma parcela de esforço, já com um auxilio concreto em dinheiro, já com um apoio moral, em assistencia e proteção permanentes.

Compreende-se bem o valor dessa sociedade em organização, tendo em vista o conceito de Dewey, pelo qual "todo interesse humano pela educação e pela escola é fundamentalmente uma questão de tornar a vida melhor, mais rica e mais bela".

Para melhorar a vida dos alunos das classes especiais é necessario crear-lhes um ambiente apropriado, proporcionando-lhes instrumentos e jogos adequados, afim de que a aprendizagem lhes comunique um novo modo de agir, concorrendo tudo para o maximo crescimento das crianças.

Ninguém negará seu apoio e sua simpatia a essa iniciativa de resolver a situação dos anormais. E' com essa esperança que ela vai surgir, e sob esse signo vencerá.

GUERINO CASASANTA

## Pró ensino especial

Parece que ha tres attitudes distintas em face da infancia anormal: os partidarios de uma pretendem que os cuidados exigidos pelos anormais são puro desperdício de forças e de meios economicos, pois que os resultados a que chegam são sempre inferiores aos que os mesmos dispendios dariam se fossem consagrados aos normais ou aos super-normais. E acrescentam ainda o seguinte: se os meios economicos e didaticos são limitados, é mais razoavel deixar de lado os anormais e concentrar todo o esforço na infancia normal e nos bem dotados.

Ao lado dessa attitude espartana, ha a que poderia chamar-se filantropista, e cujos representantes se ocupam dos anormais de todas as especies, por espirito de caridade e de bondade para com os inferiores.

Enfim, distinguimos uma terceira ainda, que é humanitaria e racional a um tempo e que formula o problema da educação dos anormais no plano social, visando a sociedade de amanhã.

Descuidando-se da infancia anormal, a sociedade hodierna deixa escapar uma das ocasiões mais seguras para garantir os seus cidadãos futuros contra as consequências desse abandono: imensos dispendios financeiros para a manutenção do exercito dos regenerados, dos inadapta-veis, dos associas, nos asilos, nos hospitais e nas prisões, por uma parte, e perigos fisicos e morais por parte dos de-beis e tarados ineducados, entre os quais se recruta a maior massa dos malfiteiros e parasitas.

Em 15.000 criminosos das penitenciarias dos Estados-Unidos, estudados pelos psicologos e psiquiabras americanos, 25% foram considerados como de-beis mentais; 35 % como psicopatas, isto é, 60 % dos criminosos se recrutam entre individuos psiquicamente anormais, ameaçando tambem a paz e a segurança da sociedade normal.

Esses anormais, de-beis e psicopatas, o eram já numa certa medida na infancia. E, então, porque eles não foram

educados ou porque só receberam uma educação insuficiente, inadequada, ineficiente, é que chegaram ao que são hoje.

Esta conclusão se tira logicamente, se lembramos a em 1910, e que diz: "Nenhum individuo, quaisquer que se conclusão do Congresso de Antropologia, em Washington, jam seus antecedentes, deve ser considerado como incapaz de regeneração ou de melhoria".

Si isto é verdade em relação aos adultos, mais optimistas devemos ser para com as crianças, cujas tendencias instintivas, as aptidões, são mais flexiveis e mais sujeitas aos agentes educativos.

Para o eminente antropologo Manouvrier, a influencia do ambiente social, da educação, é tão poderosa como as influencias somaticas. Assim, se estamos ás voltas com crianças, mesmo organicamente taradas, ha ainda muita possibilidade de sujeitas as suas faculdades ou compensá-las pelo exercicio das outras.

Apenas, para que a educação leve a melhor sobre a anormal, e afeição o homem conforme o seu ideal, cumpre que ela se torne uma arte precisa baseada numa ciencia exata. Ora, ainda hoje ela não deu provas suficientes do seu poder transformador. Mesmo a propria medicina, que deve representar um papel importante nessa melhoria da infancia anormal, ainda está bem pouco armada, e sua ação é empirica e taceante, como a da pedagogia.

Mas uma cousa é certa — é que o esforço da ação medico-pedagogica se desenvolve cada vez mais, e que as pesquisas em que as duas partes prosseguem com tanta intensidade permitem acreditar que resultados positivos nos vão chegar, e saberemos, por um diagnostico firmado, a que especie de tratamento submeter tal ou tal anomalia da motricidade, dos sentidos, do pensamento ou do carater.

Sabe-se que não ha nada semelhante á necessidade, que faz o homem adiantar-se nas suas pesquisas e impulsionar a teoria e a pratica.

Ora, a necessidade de melhorar o estado das crianças anormais, de qualquer especie é enorme.

As estatísticas americanas e europeas são unanimes em fixar a média de de-beis mentais em 2 a 5 %. E, pois, no Brasil, com 40.000.000 de habitantes, ha, pelo menos, 800.000 individuos de inteligencia muito inferior, ou, ainda, que, em 400.000 crianças em idade escolar, das escolas publicas de Minas, se encontram pelo menos 8.000 crianças retardadas, calculadas na taxa de 2 % sobre as normais.

Nesse numero de retardados, cumpre ainda acrescentar um numero maior, talvez, de crianças de inteligencia relativamente normal, mas com perturbações e anomalias de carater — os agitados, os impulsivos, os neuroticos, os rixentos, os viciosos.

Todos estes casos, que se encontram hoje entre os alunos dos grupos escolares, podem ser melhorados. Para isso apenas é necessario unir os esforços, e á tarefa do mestre e do medico é preciso juntar ainda a da propria sociedade.

Apressemos-nos, pois, em realizar essa obra humanitaria e util que a campanha pró-ensino especial está desenvolvendo e concorramos para o seu exito nos dias 21, 22 e 23 deste mês.

## EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS RETARDADAS

por ALICE DESCOEUDRES

### CAPITULO XII

#### NA VIDA

Na Pascoa, muitas crianças escrevem cartas á mestra durante a ultima hora da escola: o preguiçoso mais incorrigivel lhe agradece o tê-la ensinado a trabalhar! Na mesma ocasião crianças escrevem a seus parentes: "Cara tia, Vem breve as ferias da Pascoa e eu quero ajudar V. a arrumar o seu quarto, as suas panelas, o vasilhame, a varrer a cozinha, e fiz um belo desenho para V.; e eu quero fazer a subida (a escada) e as camas e darei a V. muito prazer; farei o seu almoço e irei levar V. ao leito e farei tudo o que puder para ser ajuizado..."

Escreve-se tambem a pessoas menos proximas, assim casualmente a operarios que querem trabalhar na escola. Assim ao "chauffeur" que faz andar a "chauffage" central. "Sr. "chauffeur" da escola. Nós falamos do sr. porque o seu officio deve ser bem pesado, porque o sr. não deve dor-

mir muito. A mestra disse que se o sr. quisér vir (nos) escutar cantar, isto nos dará prazer". Um electricista que veiu trabalhar á hora da aula, nos pôs ao corrente do seu trabalho e do manejo dos utensilios. Cada aluno lhe escreveu uma carta ilustrada: "Caro sr., Querem fazer bons desenhos para o sr., porque não esqueçemos do sr. Obrigado por nos ter mostrado como se contam os tubos e como se chamam os utensilios"". Grande foi a surpresa quando, no momento da arvore do Natal, um soberbo pacote de chocolate nos foi oferecido por parte do electricista! Durante a sua ultima doença, as crianças escreveram a Mlle. Vidart, para lhe agradecer a sua tradução de *Heidi*: "... Eu fiz esse desenho para a sra. para lhe dizer obrigado (por) que a sra. traduziu a historia de Heidi; achei tão linda! e penso que a sra. gastou muitos dias!..." Outro menino (12 anos) escreveu a um mineiro do B. I. T.: "Caro M. D., Nossa mestra contou-nos que tinha visto um mineiro: era o sr.! Ela nos contou que o sr. trabalhava desde a idade de 11 anos (na mina). Ficariamos muito contentes se o sr. viesse contar-nos alguma cousa das minas..." Ainda mais, os meus alunos, habituados a redigir de uma parte, e da outra tão prontos a vibrar com os males alheios, testemunharam mais de uma vez sua simpatia aos aflitos. E', por ocasião do desaparecimento de um meninozinho (1) o desejo de escrever a seus pais: "Cara sra. e caro sr., Eu lhes escrevo uma cartinha para lhes contar como estamos tristes. Segunda-feira Mlle. D. nos contou o principio; então estavamos tristes: mas agora estamos ainda mais tristes de ver que os srs. não o encontram. Espero que o cão policial, ou procurando-o, tornarão a encontrá-lo. Desejo-lhes muita coragem para encontrá-lo..." E de um outro: "Cara sra., Eu lhe envio esta carta para lhe dizer que estou triste e a sra. tambem e Mãe tambem, porque a sra. perdeu o seu filho. Eu sinto muito; espero que a sra. tornará a encontrá-lo. Quero contar que ha batedores de minha turma que partiram em procura dêle. Quero contar-lhe um passeio que fiz: era ontem no Bois de la Batie; encontramos anemonas; era tão bonito, e ouvi um melro e um tentilhão, era como um concerto. E eu espero que esta carta a tornará alegre..." Quando os nossos criados tiveram a dôr de perder seu filho unico, meus alunos pediram para lhes escrever, e uma menina, ausente da manhã, desejou tambem fazê-lo. Foi o mais retardado em ortografia que escreveu a carta mais comovente. Ei-la: "Caros sr. e sra., Toda a escola de Ma-



lagnou está bem *sintida* que seu filho morreu; e os srs. têm muito pesar". (Era de manhã, poucas horas antes do enterro). "Quando se nos comermos, os srs. choram (chorarão)..." Para tornar menos triste a idéia da morte, eu contei para as crianças a romança de Shubert, depois de a haver traduzido para elles uma só vez: "A Menina e a Morte". Eis como uma pobre menina, de um quociente intelectual de dois terços de intelligencia aproximadamente, a reproduziu: "A menina dizia: "Vai-te embora, morte! Eu quero ficar ainda na terra", e a morte disse: "Vem a mim! Eu não sou má, sou tua amiga. Vem de pressa. Eu te darei a mão e te porei nos braços docemente e tu adormecerás". E mais recentemente, um pobre bebedor, tendo sido esmagado por um caminhão e tendo sua avó succumbido de pesar, uma menininha me falou da pobre mãe com tão grande consternação que eu lhe propus que lhe escrevesse: "Cara sra., Estamos muito tristes de saber que a sra. perdeu a sua mamãe e o seu filhinho. Espero que a sra. não o chorará muito; isso nos causaria muita pena. Eu quisera muito ampará-la; não sei como fazer..." "A mensagem da sua pequena Marula tocou-me mais que todas as que recebi até agora", escreveu-me a mãe enlutada.

7. *Sentido social.* Se não receio alongar estas citações, é porque cada uma delas mostra quanto a redação livre permite estabelecer o contacto entre a escola — esta pobre escola que durante tanto tempo se manteve pudicamente afastada da vida — e a vida tão rica que a cerca de todos os lados: vida das plantas, vida dos animais, vida do homem proximo ou distante, vida economica e social. Todo mestre que quer estabelecer contacto com a vida encontra inumeras ocasiões para isso, não só em palavras, mas na realidade.

Que ha de mais divertido do que um aluno que pede, durante uma lição ao ar livre, para ir dar uma mão a uma mulher carregada que puxa uma carroça numa ladeira! Em passeio, vão avisar o carroceiro que elle se arrisca a perder alguma coisa e, igualmente, a pedido de um aluno, batemos na porta de uma chacara para avisar os moradores de que eles se esquecerem de apagar a lampada. Tudo é ocasião de aprender a moral em acção.

Alguns exemplos: o heroismo dos humildes: "Um electricista estava doente; tinha concertado uma lampada em casa de uma pessoa; essa lampada não funcionava, e era justamente num sábado; e esse electricista não quis deixar essas

pessoas sem luz (para o domingo) e depois elle ficou mais doente e teve que ir para o hospital".

Visitando uma fabrica de chocolate, a criança nota que o operario está pallido. Ou, passando por Bienne, um outro dirá que se está triste porque ha muita folga. Um quadro representa a imagem de uma mina, desenhada por um aluno, em torno desse quadro colamos os accidentes das minas, relatados pelos jornais; como o inverno está no auge, uma menininha pede para fabricar um grande cartaz: OBRIGADO, MINEIROS, para colocar debaixo desse quadro. Depois de ter contado a fabricação do vidro, um menino de 12 anos acrescenta: "E' graças ao pobre operario vidreiro que se vê claro; esses pobres operarios, antes de morrer, caem cegos!" E, terminando a descrição da fabricação dos vidros, o jovem interpellante acrescenta: "Lastimai essa pobre gente que respira o mercurio, e, quando sai, vêdes essa pobre gente tremer como se tivesse bebido!" E na nossa sociedade viçada pelo *culo do dinheiro*, é mistér aproveitar todas as ocasiões que põem em valor algo de melhor: "UM COMERCIANTE HONESTO". Esta manhã, a professora nos contou uma historia, que ella tinha a sua agulha de fazer meia, quebrada; ella entrou numa loja sombria e disse: "O sr. quer concertar a minha agulha? — Sim, ella ficará pronta, quarta-feira". Então ella esteve quarta-feira: "A sua agulha está pronta? — Quanto custa o serviço? — 20 cts. — Não é caro". Então a mestra quis dar 50 cts. Mas o sr. disse: "Não, só 20 cts., porque é um trabalho átoa". Então a mestra deu a mão e ella disse: "muito obrigado". — Outro fato: "A mestra nos contou uma bela historia. Era uma vez um moço que devia partir para o Serviço Civil, e não tinha bastante dinheiro; e elle pediu á mestra 20 fr.; e cada dia, mesmo quando elle tinha frio e fome, elle economizava, e os enviava á mestra. Era um homem verdadeiramente honrado!" E quando duas crianças copiaram de novo para mim a vida do Pestalozzi para que eu possa guardá-la, tive enseo de lhes mostrar que, sem dinheiro, elles me faziam um presente mais valioso do que qualquer coisa que tivesse sido paga carissimo numa loja!

8. Um terço, aproximadamente, dos retardados, devendo as suas taras ao *alcoolismo*, é dever dos mestres mostralhes as vantagens da sobriedade, primeiro pregando o exemplo: não é o dever de todo mestre de retardados ser abstinentes? Não entristecemos as crianças com quadros demasiado sombrios! Muitas vezes nossos alunos se encarregam de nos los apresentar, tirados das suas experiencias, assim esse alfe-

nim de 12 anos, que conta que é duro quando êle deve reconduzir o seu tio "bebedo", um homem corpulento, que lhe cã por cima emquanto êle deve manter a bicicleta do outro lado! Uma criança viu algumas projeções: "Um sr. mostrou vistas que não se mexem: bebedores, crianças que estavam pobres por causa de seus parentes que bebiam demasiadamente vinho, alcool, conhaque, e Kirsch e aguardente e Kirsch de uva e de maçãs: era preciso que não houvesse mais disso no mundo. A bebida destrói os homens; ela os torna loucos e eles estão na miséria". Quantas de nossas crianças podem falar assim, de experiencia propria! A's vezes eu apresento ás crianças tudo o que se pode comprar por 1 franco, em lugar de um litro de vinho: "Com 1 franco pode-se comprar 3 barras de chocolate que custam 1 fr.05 (as 3) e uma cabeça de aipo; dois alhos e uma garrafa de vinho, e 2 quilos de pão e 4 quilos de batatas, e 16 mexericas e 360 gramas de queijo e 5 bananas e cachaça (que jogamos fóra pela ja-



nela) e 1 kg. de figos e 1 kg. de massa (fig. 2). Não se deve nunca comprar alcool, porque isso gasta soldos átoa, e é mau". Numa carta, uma criança descreve a carta bem conhecida (1). "Cara Senhorinha, Escrevo-lhe a respeito do pão de assucar: êle é grande como a catedral de Berna e em vez desses homens comerem esse grande pão de assucar para que sejam fortes, está visto, êles fazem alcool, põem-se as frutas em grandes tonéis e ha pequeno cogumelos que comem todo o assucar e rejeitam o alcool e ha homens muito maldosos que mataram os cogumelos e como isso não ha como o assucar; isso se chama maldosos...". E numa outra carta em que outro menino escreve tambem a um ex-aluno do Instituto Rousseau, êle lhe conta que representamos uma comedia em que o dr. Forel pede a um sapateiro o seu segredo para conseguir convencer os doentes de não beberem: "E' bem simples, explica o artifice, eu sou abstinente, e vocês não o são; daí, os seus fracassos". A criança — uma científica, de espirito raciocinador — tira as conclusões e termina a sua

carta assim: "Envio-lhe uma folha para assinalar a temperança; se o sr. quiser devolvê-la..." Por ocasião do nosso curso escolar em Lugano, tomamos varias refeições num restaurante sem alcool: tive o cuidado de perguntar á pessoa que nos servia se se podia frequentar o restaurante sem beber: cousa inteiramente desconhecida na Suissa francêsa. Esta particularidade impressionou tanto meus alunos, que êles todos falam dela, narrando a sua viagem a Lugano: "Viu-se um hotel que se chama Pestalozzeim, e fomos bem tratados, e as pessoas que querem vir ler livros de Pestalozzi podem vir" — "No Pestalozzeim, a gente pode ir sem nada beber e sem comer, e pode ler livros muito tranquilamente, é por isso que aquilo se chama Pestalozzeim...". Esperamos que, tornando-se cidadãos, nossos alunos tomarão a peito rivalizar com os nossos Confederados de além-Sarine afim de possuirem tambem esses lares acolhedores para os que não têm outros!

9. *A paz.* — Outro grande assunto na ordem do dia! Graças a repetidas conversações de visitantes de todos os países, as crianças têm sentimentos de simpatia para todas essas regiões longinquas; sem terem viajado elles proprios, podem já aproveitar-se da experiencia desse amigo que foi apostrofado desde a sua entrada na classe por uma criança de olhar perspicaz: "Eh! o sr. tem uma expressão de paz (se nha) como a mestra", e recebeu imediatamente a resposta: "Mas sem duvida, se se viajou muito sabe-se que ha gente bôa por toda parte; só os que nunca saíram é que querem bater-se contra gente má". Alguns excerptos de jornais: a principio, uma triste experiencia: "Os gatos se divertem e vão esconder-se: os cães brigam entre si; os passaros dão bicadas uns nos outros. Toda gente se zanga". Que se teria podido fazer dos hospitais gratuitos? Que se poderia ter feito com o dinheiro desperdiçado com a guerra? "Poder-se-ia ter feito hospitais gratuitos, alugueis menos caros, fazer asilos, tocar bons trechos de musica gratuitos, pagar melhor os operarios, dar dinheiro aos pobres, fazer bonitos jardins publicos, aumentar as escolas, fazer raios de sol na montanha para as crianças doentes".

*O armistício.* — A mestra nos disse, para o armistício, que se dependuraria a carta das cinco partes do mundo; pôr-se-iam pequenos tentos para indicar onde estavam as senhoras que a gente conhece; e pôr-se-iam tambem pontos em todos os países que eram da Sociedade das Nações; e tomaram-se todos os presentes recebidos; pô-los-iamos na mar-

gem da carta..." Outro *armistício*: "Esta manhã, estávamos reunidos na Sala de Ginástica. A mestra nos contou uma historia verdadeira. Os negros receberam uma carta; eram os ingleses que escreviam; estava escrito: "Vocês devem partir desta ilha". Eles disseram: "Não, não queremos partir da nossa ilha. — Então, tomaremos armas". Então eles se reuniram á noite e disseram: "Preparem cadeiras e mesas e preparem bôlos, e quando os ingleses viciem, a gente os mandará sentar á mesa". De repente, chegam os ingleses! Eh! eles tão preparados! Então eles se sentaram, e trouxeram-lhes bolos. Eles, eles tinham vergonha por causa de suas armas".

Ou ainda: "Esta manhã a mestra nos trouxe uma bonita imagem que mostra a paz; ha gente que se prostra de joelhos... Anjos cantam a gloria e outros tocam bandolim; e a gente está tão contente, levanta os braços ao céu; um anjo segura o cetro que quer dizer a paz. Esta imagem é feita por Léon Paul Robert e está exposta no Tribunal Federal, em Lausanne".

Frequentemente eu converso com os meus alunos a respeito do Serviço civil, esta tentativa social, tão bem nos moldes da educação nova, em que se procura substituir os velhos métodos da dureza pela confiança e pela boa vontade. A experiencia provou que um trabalho construtivo de auxilio mutuo constitui uma "defesa" melhor do que os meios mortíferos. Eis aqui uma narrativa, extraída dos *diários* dos meus alunos.

*O serviço civil nos países do Norte* — Na Noruega, na Suecia e na Dinamarca os homens não bebem tanto quanto em Genebra e nos outros países; quando eles querem beber a pinga, está visto que isto lhes custa muito caro e não ha quasi nada sinão os ricos que podem beber. Muitos camponeses e operarios vão á escola depois do trabalho. Lá as mulheres podem votar. Os que não querem mais fazer a guerra preferiram fazer serviço civil, cortar arvores ou cultivar os campos.

O serviço civil é inscrito na lei; os que querem fazê-lo devem aí ficar 100 dias em vez de 50 dias no serviço militar".

*O serviço civil na Suissa* — "Na Suissa ha tambem pessoas que teriam querido um serviço civil. 40.000 homens e mulheres assinaram uma petição para pedir ás autoridades, mas o Conselho Federal não quis concedê-lo".

*O primeiro serviço civil voluntario nos Ormonts (Vaud)* — "Havia homens que queriam fazer a paz. Tentaram fazer um serviço civil para se tornarem uteis ao pais. Nos Ormonts tinha havido uma terrível avalanche, que arrasara tudo. Perguntou-se á Comuna se ella desejava que o serviço civil venha repôr as cousas em condições, e responderam: "Sim, ficariamos bem contentes, está tudo revirado". E elles partiram e a Camuna lhes emprestou utensilios. Eles se levantavam ás 5 horas, almoçavam ás 5 horas e meia e começavam o trabalho ás 6 horas. A gente da aldeia cria a principio que não faria grande cousa, mas viu que aquilo ficava cada dia mais bonito; logo ella trouxe aos voluntarios frutas e legumes do seu jardim. Toda tarde a gente da aldeia e a do serviço civil se reunia e cantava em francês, em alemão e em italiano.

Isso durou tres semanas em agosto de 1924".

*Segundo serviço civil em Someo* — "Exactamente um mês depois, houve em Someo no cantão do Tessin um grande desmoroamento; isto havia devastado tudo; a mestra nos mostrou uma casa inteiramente destruida, pôde-se subir aos escombros até ao primeiro. O coronel foi á prefeitura de Someo; êle disse: "Pôde-se ajudar a vocês?", e o povo disse: "Sim, podeis vir, mas não sereis bastantes apenas 20, seriam necessarios 80". Então elles decidiram pôr-se a trabalhar. Escreveram uma carta na Tribuna, na Suissa e no Pilori, e o Jornal de Genebra, e o Ilustrado e o Lar, e fizeram ofertas de engajamento para trabalhar em Someo. Deviam tomar roupa e sapatos bem remendados; teriam comida e cama de graça, mas não seriam pagos. Para a estrada de ferro, disseram-lhes: "Pois que ides lá longe para fazer o bem, eu não vos farei pagar o vosso bilhete e vos reembolsarei". O correio não fazia tambem pagar da mesma forma as cartas e os pacotes; podia-se enviar para elles tudo o que a gente queria.

"A 24 de outubro, um doutor foi a Someo; chovia a cantaros e no funicular o fio electrico tinha arrebentado, por causa do desmoroamento, e não havia senão uma vela que alumiaava mal. O doutor estava com o Wattmann; êle estava muito triste e pensava: "Talvez não seremos mais que 5 ou 7 homens, e deveria haver 80!" O wattmann lhe disse: "E' lá longe!" E êle deceu dentro do Diot (1) e viu luzes que iluminavam e chamou: "Ou, ou", e os homens do serviço civil fizeram "Ou, ou".

"Na manhã seguinte colocou-se um canal para conduzir a água para a cozinha, instalaram 12 duchas em pleno ar.

"Foram buscar moveis nos escombros; um senhor dizia: "Eh! ali está uma cadeira!", e um outro: "Eis ali um banco!". As irmãs disseram ás meninas se elas queriam pedir a suas mães que emprassem cada uma alguma coisa para a cozinha, e elas trouxeram louça e bateria. As irmãs deviam desempedir-se para fazerem o jantar: 7 pessoas, no primeiro dia, depois 30, depois 50, depois 100, 120, um dia 153! Elas faziam as tres principais refeições na cozinha; ás 10 horas e ás 4 horas elas traziam chá para os homens, e interessava-lhes ver como se adiantavam. A tarde, depois da ceia, os homens ajudavam a enxugar a baixela. Depois todos juntos cantavam canções suissas, alemãs, francesas, italianas, e a gente da aldeia vinha tambem. Todos estavam alegres.

"No fim de dous menses, elles tinham desentulhado montões de escombros, construído um muro para desviar os desmoronamentos e refazer o leito de uma torrente. Quando algum era preguiçoso, despediam-no e tambem quando elle bebia demais".

Um menino escreve ao Liechtenstein, por ocasião desta primeira tentativa internacional para socorrer sinistrados: "Caras pessoas do serviço civil, nós vos escrevemos cartinhas para vos dar gosto. A mestra nos contou o vosso serviço civil. Ela nos disse que quando tendes limpado um grande terreno, os camponeses semeiam grão e vós os védes brotar. A mestra nos mostrou uma ponte no Rheno; vêem-se arvores, e até casas na água; vê-se que o dique não era bastante forte e vê-se que lançaís terra por cima. Quero perguntar-vos se ha meninos que vêm da aldeia para vos ajudar".

Nesta ultima questão transparece o secreto desejo de poder ajudar, elle proprio: elle gosta do trabalho manual, e suspira depois desta vida de trabalhos ao ar livre com um objetivo de cooperação!

Meus alunos escrevem a Ghandi: "Caro amigo Ghandi, nós estamos tão contentes do que a nossa mestra nos disse que ela tinha um amigo tão gentil que nós ficaríamos contentes de lhe escrever uma carta . . . Se o senhor pudesse ir ao país japonês (dizer-lhes) como é precimo amar-se, não

se bater, e, quando a gente quer combater-se, ainda bem, nada mais tem que fazer do que se dar a mão e dizer: não se combaterá mais! . . ." Ls. C., 12 | 2 anos.

E, mais tarde, a mesma criança, falando da visita de Ghandi, em Genebra, escreve: "Eu quero contar-lhes a historia de um senhor que ama a paz e que não se combata mais com armas; elle se chama Ghandi; fez-se anunciar pelos jornais que Ghandi vinha a Genebra, e um dia em Victoria Hall, havia muitos vasos de flores para Ghandi. E eis, enfim, que isso começa. Eis que um velho senhor, todo contorcido, chega a sentar-se em cima de uma mesa . . .

10 — E' sobretudo por meio de *biografias* que é possível atingir o coração de nossas crianças retardadas, e estimulá-las para as grandes ações, de que elas são tão capazes como outros! Que compreensão para a beleza moral! Quando eu contava alguns traços da vida de *S. Francisco*, por ocasião do seu centenário, tres dos meus meninos mais velhos, de 12-13 anos, garotos das ruas, muito sabidos em tudo, indicaram, todos tres, como o que elles preferiam na vida desse herói, a estrofe que *S. Francisco* acrescentou ao Cântico do Sol, em homenagem á Morte: "Bemdita seja nossa irmã, a morte, que nos conduz á casa do Pai!"

A vida de *Matilde Wreda*, a amiga dos prisioneiros finlandeses, encontrou muito eco entre as crianças.

Uma segunda-feira, elas tinham a escolha entre narrativa de uma visita ao circo, a narrativa do seu domingo, e ainda diversos outros assuntos: é bom não impôr um assunto unico, salvo se as crianças nêse sejam especialmente interessadas, mas deixar uma certa ensanча para que cada uma ache um assunto a seu gosto: daquela vez, todas as crianças, sem exceção, escolheram uma narrativa da vida de *M. W.* "*M. W.* viu na rua dous homens que desarrolhavam uma garrafa; elles disseram: "A' sua saude!" Deixaram a garrafa cair; então *M. W.* *ela diz*: "Os senhores me causaram um grande prazer. Querem vir comigo ao restaurante? — Eu estou muito sujo. — Mas o senhor é mais forte que o alcool, então o senhor pôde vir comigo!"

Muitas vezes a criança escolhe numa biografia o que interessa mais á sua propria vida. Assim, um menino muito bem dotado para o desenho e os trabalhos artisticos conta isto: "O senhor quer emprestar-me sua agulha?" Na agulha estava marcado: "Perdão e paz". E ela não sabia por-

que era aquilo; e esse prisioneiro tinha achado um osso na sua sôpa, e o roeu bastante, e fê-lo secar ao sol para que ele fique branco e, depois, gravou a mesma cousa que a agulha, e em lugar de lhe restituir uma agulha, êle lhe deu duas”.

Por ocasião do Centerário de Beethoven, depois de ter contado ás crianças a vida daquêle cuja musica elas cantavam e escutavam com tanto fervor, eu mandei escrever o que haviam preferido na vida dêle: as respostas foram também as mais variadas. Eis, antes de tudo, meninas que têm compaixão da criança infeliz: “Eu gosto muito quando o seu papai tinha ido acordar o pobre Beethoven, que tocava piano. Ele tinha 4 anos. Ele tocou no meio da noite. Ele ficou fatigado”. E’ interessante comparar essa lembrança, onde é evidentemente o bebê que concentra sobre si todo o interesse, com essa narrativa de uma filha de alcoolico: “Na idade de 3 anos, B. gostava muito da musica, e seu pai dizia: Ele sabe tocar bem, ganhará muito, e eu, eu não terei mais do que rodar os meus polegares e beber”.

Outra menina: “Eu gosto mais quando uma senhora perdeu o seu filhinho, e Beethoven disse: “Venha á nossa casa, e eu lhe falarei com o piano e êle tocou e a senhora foi consolada”. Aqui, a menina perdeu um irmão mais moço. Da mesma forma, o caso seguinte: um órfão de mãe é o unico que vinga: “Mandaram-lhe uma carta que sua mamãe está doente e êle correu á sua casa e sua mamãe está morta e êle estava todo triste”.

Ainda dois meninos de 12 anos: “Eu gosto mais quando êle comanda a orquestra; a orquestra vai toda ás avessas e êle pára um momento e recomeça; aquilo volta a andar tudo ás avessas e Beethoven diz a seu amigo: “Escreve num papel o que ha” e êle escreve: “Parte depressa para tua casa, lá te explicarei”. Beethoven tinha adivinhado, corre á casa e põe-se a chorar; seu amigo queria ir virar; êle lhe disse: “Não, fica comigo!” E o outro, que nós havíamos apelidado o nosso rouxinol, por causa da sua voz fresca e do seu amor pela musica: “Ele ia ao campo para olhar o céu, as arvores, os passarinhos, e dali êle copiava as suas árias”. E quando, chegando ao fim da sua redação a respeito da vida de Beethoven, eu lhe peço que acrescente por que gosta de Beethoven, êle escreve palavras, que, para êle, eram a propria verdade: “Gostamos de Beethoven por-

que, quando escutamos a sua musica, temos as lagrimas nos olhos”. (1)

Contei também ás crianças a vida de Pasteur, isto para atender ao desejo de um menino de 12 anos que, uma vez concluida a historia de Heidi, manifestou vontade de ouvir uma historia mais instrutiva; pensei chegar assim á altura das suas ambições. Com efeito. Encontrei muito êco e compreensão; e é certo que a exposição de tantas experiencias scientificas desenvolve esse espirito de pesquisa e de experimentação nas crianças que já estão um pouco iniciadas nisso.

Após uma visita a Viena, onde assisti a uma representação maravilhosa, feita por meninas de 10 anos para ás suas colegas mais moças, — a respeito das lebres da Pascoa — tive a idéa de tentar uma recitação da vida de Pasteur, pelos meus retardados, para crianças normais. Convidamos, pois, todas as crianças da Escola, em dous grupos.

Essas reflexões sobre a vida de Beethoven, bem como muitos dos excerptos dos jornais citados neste capitulo, apareceram sob o titulo “Travaux spontanés”, no *Educateur* de 26 de maio e 23 de junho de 1928.

O assunto estava um pouco acima da intelligencia das mais novas; em compensação logrou pleno exito junto ás mais velhas: cada criança contava por seu turno uma fase da vida do sabio, uma experiencia; dous alunos manejavam uma lanterna para mostrar illustrações em que muita cousa havia sido desenhada pelos meus alunos; as outras eram tiradas de uma série de livros Hachette, illustrado (*L'Encyclopédie par l'image*); estando os oradores um pouco emocionados, uma das crianças foi tomar a varinha e mostrou, ao compasso da projeção, o que, em sua estrêa oratoria, esqueciam muitas vezes de apontar.

Durante muitas semanas, a denominação de “anormais” desapareceu totalmente entre as crianças normais... Cada criança fez uma bela copia illustrada da vida de Pasteur, para guardá-la preciosamente em casa; mais preciosamente ainda ela conserva em seu espirito o êco dessa vida de labor e de bondade. A simpatia era tão profunda que, sem consideração aos limites do seu talento, muitas crianças desejaram dedicar-se a fazer o retrato de Pasteur, de conformidade com um quadro.

(Conclusão)

## NOTAS E COMMENTARIOS

### Instituto de Cegos «São Rafael»

O Instituto de Cegos S. Rafael é um colégio que compreende internato, semi-internato e externato, para ambos os sexos. Foi creado pelo decreto n. 7.262, de 22 de junho de 1926, no governo do dr. Fernando de Melo Viana. Tem por fim ministrar aos cegos instrução primaria, secundaria, artistica e profissional. O curso primario é feito em quatro anos, e o secundario, em cinco. Os programas adotados são os do curso primario das escolas officiais do Estado e os do Colégio Pedro II, com as modificações e adaptações necessarias ao ensino dos cegos. O curso de musica é feito de accordo com os programas do Conservatorio Mineiro de Musica.

O Instituto é um estabelecimento modelar, já por demais conhecido pelos seus fins humanitarios e pela ação nele desenvolvida pelos que ali trabalham.

Os jovens privados do sentido da vista, mercê de uma educação esmerada, encontram ali um vasto campo de

ação no qual podem, com os recursos necessarios, desenvolver todas as atividades normais.

Acolhidos no internato do estabelecimento os alunos recebem todos os meios de assistência e, graças a uma boa orientação didática, ficam perfeitamente ao par dos melhores métodos educativos.

Mas não é sómente no ramo das atividades intellectuais que se faz sentir a ação dos jovens educandos. O Instituto S. Rafael mantém inumeras secções de trabalhos, como sejam: a secção Grafica, onde são impressos, pelo sistema Braille, os livros necessarios ao manuseio dos alunos; a secção de encadernação; a fabrica de vassouras, espanadores e escova; a secção de marcenaria, onde se concertam e se fabricam moveis, que já têm figurado em varias exposições e, finalmente, a secção de carpintaria, todas ellas perfeitamente aparelhadas.

Não é menor a atividade das alunas. Esta se demonstra pelos variados trabalhos

de costuras e de agulha por elas feitos, os quais se destacam pela arte e pelo primor com que são confeccionados.

Nem pelo fato de serem privados do órgão visual é menor a sua habilidade. Todos esses trabalhos são feitos com arte, perfeição e presteza.

No atual Governo, foram creadas mais as seguintes classes: de socialização, "Jardim da Infancia", modelagem, datilografia, arte culinaria e economia domestica.

Desse modo aparelhado, dotado de todos esses recursos, o Instituto S. Rafael está naturalmente fadado a um futuro brilhante, principalmente no que concerne ao ensino artistico e profissional: o seu programa é tão amplo e vem sendo executado com tamanho carinho, que seu diretor já tem cogitado da possibilidade de estabelecer-se no nosso Estado um nucleo exclusivamente de cegos, para melhor se lhes orientarem e aperfeiçoarem os pendores e inclinações.

Es as impressões que pude colher de dois alunos do Instituto:

#### *Impressões do aluno sobre a educação dos cegos e o Instituto S. Rafael*

A instrução, esta luz incomparavel que arranca o homem ás trevas da ignorância encaminhando-o pela es-

trada luminosa da verdade e do direito, constitue para o cego, como aliás para quasi a totalidade dos individuos fisicamente anormais, o que éle em vão procuraria em outra coisa — a felicidade.

Um cego inculto é um ente digno de compaixão, porque é como um ser inerte que nada produz, que nada espera; inutil á sociedade e de peso á sua propria familia, o cego sem instrução arrasta-se tristemente pela via sem ter uma esperança, sem ter um fim. Mas, o cego instruido acha-se incontestavelmente no mesmo plano dos videntes, perfeitamente nivelado aos seus semelhantes e apto para desempenhar na vida identico papel. Inutil seria citar exemplos já muito conhecidos de cegos que alcançaram belas vitorias intellectuais, conseguindo atrair a atenção e a admiração geral. Basta o nome imortal de Helen Keller, exemplo gigantesco e indiscutível, para confirmar esta verdade cristalina. Si o espaço e o tempo permitissem, eu poderia citar inumeros cegos que já se celebrizaram: artistas, advogados, engenheiros e até estadistas, pois é sabido que dois cegos nos Estados Unidos fazem parte do Senado. Mesmo entre nós, numerosos são os cegos, que, cada qual em seu ramo, obtiveram magnificos resultados. Dai se conclue que a instrução representa para o cego

todas as suas aspirações; ela supre o sentido da visão e descobre a esperança risonha de um futuro feliz. No nosso país, infelizmente, estas verdades ainda não foram compreendidas. Continua-se a encarar o cego como um pobre ser que não conhece o mundo e, que vive inacessível às alegrias exteriores, num ambiente todo especial e imaginário. Os cegos que entre nós conseguem salientar-se são admirados como fenômenos de inteligência e atividade. O cego precisa lutar energicamente contra esses preconceitos afim de alcançar na sociedade a posição a que tem direito; êle quer viver independente e deseja ter também a sua tarefa a desempenhar.

Mas, para que isto se realize, é indispensável que o povo compreenda verdadeiramente o cego e o alcance de suas possibilidades. O numero de cegos no Brasil é impressionante: só no Estado de Minas há mais de seis mil. Os Institutos existentes são em numero de três, um dos quais recentemente fundado em S. Paulo. Poucos conhecem o metodo de ensino, e até hoje o alfabeto Braille, de que nos servimos para escrever, é quasi desconhecido.

Procurarei nestas linhas dar uma ligeira idéa escolar do nosso Instituto que é certamente o mais bem organizado e futuroso.

O Instituto S. Rafael, fundado pelo dr. Mello Vianna nos ultimos dias de sua presidencia, é uma grandiosa obra intelectual, humanitaria e patriótica, que honra não só o Estado de Minas, mas o Brasil inteiro. A educação, que aqui nós é carinhosamente ministrada, constitue todas as nossas esperanças e podemos confiar plenamente que, quando sairmos desta casa bem dita onde dia a dia vamos aumentando nossos conhecimentos, estaremos completamente preparados para enfrentar todas as dificuldades que se nos possam deparar neste conjunto tumultuoso de sofrimentos e alegrias, que é a vida.

Se cada Estado possuisse um colegio nas condições do S. Rafael, poder-se-ia considerar como resolvido o problema da educação dos cegos no Brasil, tão arido e difficil. O ensino literario no nosso Instituto compreende dois cursos: o primario e o ginasial. Já é tambem pensamento do diretor, a criação do curso superior, perfeitamente realizavel, como já é feito em paises europeus.

A organização perfeita do horario escolar permite aos alunos uma vida relativamente folgada, e o conforto e o carinho do diretor lhes proporciona torna a vida collegial amena e agradável. A medida que vamos adquirindo

dos novos conhecimentos, vamos tambem praticando, por meio de reuniões, recepções e aulas sociais, os preceitos de educação que nos serão de grande proveito no futuro quando vivermos no seio da sociedade.

Uma das coisas que a todos causa grande admiração é o aspéto quasi familiar do nosso Instituto, a constante alegria que aqui reina e, enfim, este conjunto encantador de paz e de trabalho que apresenta esta casa de educação, ou antes, esta grande familia.

O nosso unanime desejo é o de melhorar moral e materialmente as condições dos nossos compatriotas cegos, prestando assim, do limite do possivel um serviço á humanidade sofredora. Para isto, é mistér possuirmos uma vasta cultura, pois, só depois de aperfeiçoados poderemos realizar este nobre ideal. O progresso é o nosso lema e a confiança nos nossos dirigentes, o nosso apoio.

Que esse sagrado templo de educação continue sem interrupção a marcha triunfal que até hoje tem seguido e que, sem esmorecimento, entre nós reine o entusiasmo pelo que é belo, grande e verdadeiro.

Continuemos sempre unidos, sempre animados, a estudar e a trabalhar, porque só assim poderemos alcançar a nossa méta.

*Araldo Marchesotti.*

### *Impressões do aluno Jaime Martins*

A instrução é indispensavel a todo individuo e sobretudo ao cego. Este, quando não instruido, é, de fato, um ente infeliz. Por isso é que geralmente o consideram como um mendigo, um ser inutil. Essas idéas são, porém, erroneas.

A cegueira não obsta, absolutamente, a que occupemos, na sociedade, uma posição identica á dos videntes.

Nos mais adiantados paises europeus e mesmo nos Estados Unidos, já têm sido eleitos até deputados cegos.

Outrora o que fosse destituido de vista lutava com grandes dificuldades para se instruir. Hoje, porém, após a invenção do sistema Braille, que devemos ao grande francez Luiz Braille, pôde perfeitamente illustrar seu espirito em qualquer materia e, mesmo, seguir certas carreiras, como Direito, por exemplo.

O alfabeto Braille é formado por uma combinação de seis pontos, com os quais se representam ainda os sinais musicais, aritmeticos, algebricos, etc. Não é acessivel sómente aos cegos, consoante pensam alguns. Qualquer pessoa de vista o lê, sem difficuldade alguma e o aprende rapidamente.

Assim, tanto o vidente, como o sem vista, pôde lecionar qualquer materia ao cego,

uma vez que ambos sejam competentes.

No primeiro ano primário e no curso de solfejo devem de preferencia ensinar professores cegos, porque estes conhecem melhor a maneira de transmitir aos alunos as instruções sobre o sistema Braille.

Infelizmente, talvez por não conhecerem os nossos governos a necessidade da educação dos cegos, ela jaz ainda em grande atraso.

O numero de cegos de que consta o Brasil é superior a 30.000, para a instrução dos quais há apenas três estabelecimentos — O Instituto S. Rafael, o Benjamin Constant, no Rio de Janeiro e o Padre Chico, na Capital de S. Paulo.

O Instituto S. Rafael, não obstante ter apenas seis anos de existencia, apresenta, gra-

ças ao seu tão bem orientado metodo de ensino, progresso relativamente maior que o do Benjamin Constant, que já completou o seu septuagesimo oitavo aniversario.

O Instituto S. Rafael, cuja fundação devemos ao involuvel dr. Fernando de Mello Vianna, proporciona aos seus alunos um futuro cheio de triunfos.

O seu ensino não se limita exclusivamente ás letras: nelle se aprende musica, e datilografia, tão uteis aos cegos, havendo ainda oficinas diversas.

O Instituto S. Rafael é uma arvore muito nova cujos frutos já vão surgindo e que mais tarde se multiplicarão muitas vezes, resolvendo a questão do cego, que ainda não é bem comprehendida em nosso meio.

## Liberdade e disciplina

Dada a transformação que se operou, que se opera e que se operará ainda na instrução, remodelando e creando novas escolas, seria desnecessario dizer que todos os metodos, todos os processos soffrem, soffreram e soffrerão tambem suas alterações.

Encaravamos a criança como o homem em miniatura e não como um ser que evolue e que pensa; jamais cuidamos das suas necessidades biologicas. Eram teorias e mais teorias, e a maquina humana

a digeri-las... horas e horas, assentadinha a escutar, escutar, mãos imoveis, olhos muito abertos e... o pensamento longe...

A escola ativa vem transformar esse ambiente, porque visa o desenvolvimento da criança, fisico, moral, intellectual e social.

Para conseguirmos este desenvolvimento integral e harmonico é necessario banir por completo o pensamento de que o mestre e o senhor absoluto e, como tal, deve

reinar, ordenar e ser obedecido incontinenti.

Não é possivel continuarmos a olhar a criança como até aqui a temos olhado. A ciencia nos tem sobejamente provado que cada criança possui uma estrutura, capacidade, tendencias especiais e reações diversas. Não é mais possivel que as molemos pela mesma fórma, pois a natureza de cada uma exige do mestre maior observação, trabalho mais intenso, mais amplo e mais meticoloso, porque a sua responsabilidade é tremenda.

Ele não será mais a vitrola sempre a passar os mesmos discos, enquanto a pobre assistencia, imovel, enfileirada não tinha sequer o direito de aplaudi-lo, de apreciá-lo, porque sómente podia imitá-lo, decorando.

Entretanto não ignoramos que a criança tem necessidade de agir, de mover-se, de pôr em pratica as suas experiencias e de adquirir novas, o que só conseguirá trabalhando, agindo, construindo, destruindo, raciocinando e deduzindo.

A escola preparará o aluno para a vida atual dando-lhe oportunidades, fazendo com que ele viva dentro dela como há de viver fóra dela, num ambiente de realidade, resolvendo por si só e guiado pelo mestre, as mesmas difficuldades, os mesmos problemas que terá de enfrentar na vida pratica e no lar. Ele não levará da escola teorias inaplicaveis, mas, sim, pratica e controle de si mesmo.

A escola, compreendendo que "a atividade é um fenomeno organico, psico-fisiologico e instinto inerente á idade da infancia", lhe proporcionará occasiões para que tenha sempre o que fazer, para que esteja sempre em movimento, agindo, investigando, fazendo e desfazendo, afim de chegar ás conclusões necessarias, provando que a incessante atividade é um indicio certo de um animo bem disposto e de um corpo são.

Tornando as aulas bastante interessantes e agradaveis, despertando sempre a curiosidade e prendendo a atenção dos alunos, dando-lhes parte ativa em todos os trabalhos escolares, favorecendo-lhes a espontaneidade e a originalidade, combaterá a passividade e a inação, dando-lhes o espirito de investigação, fazendo-os observar, comparar, medir, pesar, julgar e raciocinar por necessidade e por esforço proprio.

"A ordem escolar não deve consistir em silencio sepulcral, nem na quietude apatica das almas deprimidas, mas sómente na atividade ordenada: é ordem de vida e não de cemiterio. . .

O educador que compreende a beleza da sua missão, deve dirigir com acerto e jovialidade a atividade transbordante de seus alunos, sem lhes impôr tarefas penosas, nem obrigá-los a permanecer imoveis durante as lições.

O educando terá no mestre não um senhor absoluto, mas um amigo dedicado, carinhoso, porque bom educador é todo aquele que consegue decer até ás crianças e,



depois de se transformar numa criança, paulatinamente subir com ela os íngremes degraus da escada da vida, unindo-as à escola, fazendo com que sintam a cada momento sua dependência e sua liberdade, para não se submeterem somente às leis da natureza e da força, tendo consciência de seu julgamento, da responsabilidade de seus atos, da sua capacidade, da iniciativa ou, melhor, de seu espírito empreendedor e sobretudo da sua personalidade, que deve ser respeitada assim como respeitará a dos outros.

Dando às crianças esta liberdade de ação e de pensamento, facultando e canalizando suas tendências para este ou aquele trabalho, fazendo com que todos tenham *sempre* o que fazer, obtermos uma classe ordenada, disciplinada, cujos resultados serão a compensação, os frutos da habilidade e do devotamento da mestra.

## RELATORIO

*Apresentado à Escola de Aperfeiçoamento por d. Anna Augusta de Mendonça, professora efetiva da classe "D", do grupo escolar "Cesario Alvim", durante os anos de 1930, 1931 e 1932.*

Relatório da classe "D", do grupo escolar "Cesario Alvim", regida pela professora Anna Augusta de Mendonça.

Em 1930 recebi a classe de alunos retardados pedagógicos e psi-

ologicos do grupo escolar "Cesario Alvim", classificados de acordo com o artigo 377 e seus § 1, do Regulamento baixado com o decreto 7.970 A, de 15 de outubro de 1927.

O educando se desenvolverá fisicamente, porque trabalhando, agindo e movendo-se. Jogará com todos os seus músculos e os tornará fortes e resistentes pelos exercícios executados.

Aquele que não ambiciona, não deseja, não aspira é incapaz de iniciativa própria, não tem confiança em si nem em seu esforço; é preciso que ele creia na sua capacidade, na sua força de vontade, porque "a vida desafia o homem na arena em que se trava a luta, o destino não perdôa os inertes".

Cultivemos, portanto, desde cedo o hábito de confiar em si próprio, de se considerar alguém porque "o desejo que projeta, e a fé no que se vale, geram o sentimento da personalidade, inerente aos homens de iniciativa".

IRENE SILVEIRA.

Posto que já tivesse lecionado, em classes heterogêneas, crianças retardadas, senti logo que era preciso revestir-me de muita paciência e coragem para levar a termo com bom êxito a tarefa bastante árdua que me era confiada.

Nos primeiros dias de aula li-me a observar os alunos, dando oportunidade para se manifestarem; a conversar com eles sobre suas famílias, suas casas, os trabalhos que mais apreciavam, o que desejariam ser depois de crescidos, etc., para melhor conhecê-los e estudar o método que deveria seguir para obter o progresso dessas crianças, na sua maioria, nervosas, fracas e sífilíticas.

Para mim o problema era difícil, mas, confiada na prática de ensino adquirida à custa de longos anos de trabalho, resolvi dedicar-me inteiramente à educação dessas infelizes crianças tão merecedoras da caridade e generosidade daqueles que foram bem favorecidos por Deus.

Compunha-se a classe de 18 alunos, sendo 9 do sexo masculino e 8 do feminino, 7 do 2.º ano e 11 do 1.º. Do 2.º ano foram promovidos ao 3.º 6 alunos: 4 do sexo masculino e 2 do feminino. Desses, 2 estão atualmente no 4.º ano; 1 repetiu o 3.º e outro retirou-se do grupo, por já ter muita idade. As alunas promovidas ao 3.º ano foram transferidas para outro grupo, por mudança de residência.

Os alunos do 1.º ano, todos alfabetos apesar de repetentes por mais de 3 anos, alcançaram, na sua maioria, muito progresso. Destes foram promovidos ao 2.º ano 7 alunos: 4 do sexo masculino e 3 do feminino.

Julgo que o progresso alcançado foi devido em parte à amizade

que têm pela professora, ao grande número de trabalhos manuais que fizeram durante o ano e aos exercícios de ginástica e canto.

Procurei captar a simpatia dos alunos, desenvolver neles o hábito e o gosto pelo trabalho, promovendo exposições, mostrando a todos as suas habilidades. Deste modo procurei sempre elevá-los, provando que eles eram capazes de fazer coisas iguais e até melhores do que as que fazem os alunos de outras classes. A primeira exposição foi feita em abril do mesmo ano, já com um número regular de trabalhos. Essa exposição foi muito apreciada pelos alunos das outras classes. O seu êxito entusiasmou-os tanto, que trabalharam com mais gosto e no fim do ano fez-se uma boa exposição, sempre apreciada por todos. Ficaram satisfeitos com os elogios recebidos.

### LEITURA E LINGUAGEM

Não posso dizer que adotei um único método de ensino, pois experimentei diversos; o que deu melhor resultado foi o conhecimento da letra, da sílaba, da palavra e, em último lugar, da sentença. A princípio fiquei um pouco desalentada, pois os alunos não prestavam atenção, não tinham interesse algum, e parecia-me que não iriam aprender coisa alguma. Resolvi mandar imprimir letras em cartolina, e, brincando com eles nas carteiras, iam formando palavras e sentenças. Em seguida eu escrevia no quadro negro essas palavras e sentenças, e as crianças copia-

viam em cadernos. Logo que sabiam copiar bem, escreviam no quadro negro, por ditado, o que já sabiam copiar. Assim conseguí que em pouco tempo já fossem capazes de ler no livro adotado.

Para o desenvolvimento da leitura e da linguagem tenho organizado sentenças em cartões ilustrados, que são distribuídos pelos alunos. Faço uma pergunta a toda a classe, e o aluno que tiver o cartão com a resposta, lerá em voz alta. Essa leitura e observação têm despertado muito interesse. Armei em papelão um pequeno palco, extraído da revista infantil "O Tico-Tico". Nele faço passar palavras, sentenças e historietas escritas em cartões. Enquanto não lerem estes cartões não serão passadas as figuras. Com a curiosidade de vê-las passar, procuram ler os cartões. Gostam muito dessa espécie de leitura.

As histórias para esta classe são bem escolhidas. Eles preferem histórias de animais; mas procuram sempre evitar aquelas em que aparecem animais devorando pessoas ou mesmo outros animais. Prefiro contar-lhes pequenas histórias em que figure uma criança praticando um ato de bondade e de heroísmo.

Foram realizadas muitas excursões, sempre com muito bons resultados. Visitámos o Instituto João Pinheiro, o Parque Municipal, o Mercado, a Escola de Aprendizês Artífices, etc. Essas excursões deram motivo para aulas interessantes.

### ARITMETICA

Para o ensino da aritmetica, tenho adotado jogos e fichas para o aprendizado da tabuada. Para iniciá-los nas noções de quantidades, tenho empregado grãos de milho, fava, feijão, pequenos ladrilhos, lapis, etc.

### AUDITORIOS

Tenho procurado sempre prepará-los o melhor possível para se exibirem em auditorios, afim de melhorar-lhes os sentimentos, a educação, a urbanidade. Conhecendo que têm muito gosto para o canto e que aprendem com facilidade qualquer canção nova, escolho eu mesma os números que devem figurar, numero estes que concorram para melhorar-lhes o carater e torná-los mais docéis e meigos.

Nos ensaios para auditorios tenho sido auxiliada pelas competentes professoras d. Maria da Conceição Britto, de canto, e d. Abigail Monteiro Alves, de ginastica.

O canto bem escolhido tem desenvolvido muito o gosto para a arte, para o belo, melhorando-lhes o carater.

A ginastica melhora o estado fisico do aluno, desenvolve a intelligencia e a atenção.

### RELAÇÃO DOS MELHORES TRABALHOS EXECUTADOS DURANTE O ANO DE 1930.

10 toalhinhas bordadas com bainhas.

1 avental com bainha e bordado a matiz.

2 fronhas de linho com bainha.  
1 tapete (ponto de cruz).  
11 recortes e armações.  
8 albums com desenhos e recortes.

2 tapetes (tecelagem em feltro).

1 cadeira (empalhação).  
20 cestinhas (tecelagem com serpentina).

1 porta-retratos (tecelagem com serpentina).  
1 porta-cartões, (tecelagem com serpentina).

16 caixinhas de cartolina (dobradura).

1 porta-cópos (trabalho de arame).

1 cesta para ovos (trabalho de arame).

### 1931

A classe foi organizada com vinte e três alunos: 9 do sexo masculino e 14 do feminino; 13 do 1.º ano e 10 do 2.º. Do 1.º ano foram promovidos ao 2.º 5 alunos. Do 2.º foram promovidos ao 3.º, 6 alunos.

No 2.º semestre já haviam sido promovidos para uma classe mais adiantada 2 alunos que revelaram muito progresso no 1.º semestre; esses alunos habituados em classe pouco numerosa, com o ensino individual, nada aproveitaram e não obtiveram promoção ao 3.º ano.

Nesse ano realizamos o projeto — horta —, com muito proveito para todos. Muitas lições foram desenvolvidas dentro deste projeto: aritmetica, linguaagem, geografia, etc.

Fui orientada neste projeto pela professora Sylvia Fernandes, aluna da Escola de Aperfeiçoamento.

Fizemos, como no ano anterior, muitas excursões, sempre muito proveitosas para a classe.

### RELAÇÃO DOS MELHORES TRABALHOS EXECUTADOS DURANTE O ANO DE 1931

20 recortes e armações.  
16 caixinhas de cartolina (dobradura).

24 trabalhos de tecelagem com serpentina.

4 jógos para cozinha, em ponto de cruz, com 4 peças cada um.  
4 almofadas bordadas.

1 almofada de crochet de barbatana.

2 corpinhos para criança, com bainha e bordado.

8 toalhinhas bordadas.  
2 fronhas com bainhas.

12 albums com desenhos e recortes.

8 cestos de arame.  
2 licoreiros de arame.

1 porta-cópos de arame.  
4 cadeiras (empalhação).

9 descansos para pratos (entalhe em madeira).

1 tinteiro (entalhe em madeira).

Diversos jógos de leitura e aritmetica.

### 1932

Neste ano recebi uma classe de 21 alunos: 10 do sexo masculino e 11 do feminino; 5 do 1.º ano, 7 do 2.º e 9 do 3.º.

Vão ser promovidos ao 2.º ano 4 alunos do 1.º; do 2.º serão pro-

movidos ao 3.º 5 alunos e do 3.º, serão promovidos ao 4.º, 8 alunos.

Segui os mesmos métodos e processos adotados nos dois anos.

As quintas-feiras assisti às conferências realizadas por Mme. Helène Antipoff destinadas às professoras das classes especiais. Com essas conferências aprendi melhor a conhecer os alunos.

Estou atualmente fazendo na Escola de Aprendizes Artífices, o curso de trabalho de vime cujos rudimentos já estou ensinando aos meus alunos. Estes trabalhos têm despertado grande interesse na classe.

Neste ano, no primeiro semestre, foram feitos poucos trabalhos manuais, devido à falta de material. No segundo semestre tem havido grande atividade e os alunos já fizeram bons trabalhos.

#### RELAÇÃO DOS MELHORES TRABALHOS DO ANO DE 1932

- 1 jógo para cozinha — 3 peças.
- 3 panos para pratos.
- 10 toalhinhas bordadas.
- 2 pês de lampadas (entalhe em madeira).
- 2 descansos para pratos (entalhe em madeira).
- 3 jógos para sala de jantar (14 peças).
- 1 licreiro (trabalho em arame).
- 2 cestras (trabalho em arame).
- 1 porta-cópos, (trabalho em arame).
- 3 albums com recortes e desenhos.
- 4 cestinhas de serpentina.

2 porta-cartões de serpentina.  
8 cestras de vime.

#### PEQUENAS OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUNS ALUNOS

O aluno *A*, estuda comigo desde 1930. Tem aparência de uma criança normal, com pequeno estrabismo; sofre algumas vezes de hemorragia nasal. É muito irrequieto, mau e vingativo. Procurei informações sobre sua família e soube que a sua mãe já sofreu das faculdades mentais e seu pai é muito violento. Quando o recebi já estava repetindo o 1.º ano pela quarta vez. Para aprender a lêr foi necessário pedir aos pais que o mandassem a minha casa fóra das horas de aula. Assim aprendeu depressa e foi promovido ao 2.º ano, ao 3.º e neste ano será promovido ao 4.º. É muito habilidoso. Tem melhorado um pouco sua conduta. Os pais dessa criança são independentes.

O aluno *B*, veiu transferido no ano de 1931 para este Grupo. É muito irrequieto. Era uma criança negativista, motivo pelo qual não consegui que nesse ano aprendesse a lêr e a escrever. Tem os movimentos muito rápidos e é muito habilidoso. Tem aparência anormal. Sofria de ataques, mas desde que veiu para o nosso Grupo sarou (2 anos). Neste ano melhorou a conduta e conseguiu algum progresso na leitura e escrita. Tem muita facilidade para calculos. Acho que será promovido ao 2.º ano. Está repetindo o 1.º ano por diversas vezes.

A aluna *C*, está frequentando o 1.º ano pela quarta vez. Eu a recebi no ano passado. Tem aparência anormal, é irrequieta, briga e chora muito. Em dezembro do ano de 1930 sua mãe veiu ao Grupo assistir á festa da recepção de diploma de uma filha. Tive oportunidade de conversar com ela sobre a aluna *C*. Disse-me sua mãe que não tinha esperança de ela aprendesse qualquer coisa. Procurei animá-la, dizendo-lhe que continuasse a mandá-la ao Grupo e que iria esforçar-me para que ela progredisse. Tive a felicidade de conseguir muito progresso nessa criança, a ponto de já estar lendo e escrevendo regularmente; penso que será promovida ao 2.º ano.

A aluna *D*, é nervosa, irritada e faladora. É doente, aleijada e sífilítica. Não tem inteligência. Está repetindo o 1.º ano pela quarta vez. Pouco aproveitou e não será promovida ao 2.º ano.

A aluna *E*, é irrequieta, gaga, sífilítica e baba constantemente. Está na minha aula desde o ano de 1930. Está repetindo o 1.º ano pela terceira ou quarta vez. Essa criança tinha as pernas um pouco moles; caía frequentemente e chorava muito. Tem melhorado bastante com os exercicios de ginastica. Tem progredido e vai ser promovida ao 2.º ano.

Recebi no ano passado, a aluna *F*, que é muito doente e distraída. Promovi-a ao 2.º ano para vêr se conseguia entusiasma-

la e obter algum progresso. Muito pouca coisa obteve dessa aluna, que continua indiferente e apática. Falha muito e tem pouco habilidade para trabalhos manuais. Não será promovida ao 3.º ano.

O aluno *G*, é irrequieto, fala muito alto e é sífilítico. Tem sido tratado pelos medicos do Grupo e tem melhorado bastante. Recebi-o em 1931, no 1.º ano, repetente pela terceira vez. Progrediu muito e foi promovido ao 2.º ano. Agora vai ser promovido ao 3.º ano. Esse aluno tem uma irmã que esteve internada no Instituto Raul Soares e outra que cursava o 4.º ano deste Grupo Escolar, foi obrigada a retirar-se por estar sofrendo da vista.

Recebi em 1931, transferida de outro Grupo e classificada no 2.º ano a aluna *H*. A Diretora do nosso Grupo examinou-a e só não a desclassificou para não desanimá-la, tal o atraso em que se achava. Era tão tímida, que se não lhe podia dirigir qualquer pergunta; punha-se a chorar em vez de responder-me. É muito pouco inteligente, porém muito esforçada. Essa aluna transformou-se completamente: deixou de chorar e já se exhibe em auditorios com alguma graça. Vai ser promovida ao 4.º ano.

Deixo de fazer referencias ao que observei nos outros alunos, por me faltar o tempo.

Não posso deixar de registrar neste relatório o auxilio eficiente da nossa dedicada Diretora

Amandina Carmelita Magalhães, que não tem poupado esforços para melhorar o adiantamento dos alunos. Está sempre ao meu lado encorajando-me, entusiasmando as crianças, fazendo ressaltar o seu progresso, fornecendo medicamentos, merenda, material e instrumentos necessários

para os trabalhos manuais, á custa de grandes sacrifícios, pois a nossa Caixa Escolar é muito pobre e mantém 123 crianças necessitadas.

Belo-Horizonte, 20 de Novembro de 1932. — *Anna Augusta de Mendonça.*

## NOSSA EXPERIENCIA

### As provas escritas

O regulamento do ensino primário exige que cada classe faça mensalmente provas escritas das materias basicas do programa.

Dois são os objetivos que as justificam: a verificação do aproveitamento do aluno e o resultado do rendimento do trabalho da professora.

Resta verificar, porém, como são feitas essas provas: em dia previamente marcado toda a classe, munida de pena e papel novos, escreve o ponto sorteado ou o indicado pela professora. Na maioria dos casos, as provas de toda a classe são inteiramente iguais, palavra por palavra, letra por letra. . .

Dessarte, tais provas revelarão o adiantamento do aluno e o rendimento do trabalho da professora?

Certamente que não. Quem se dêr ao trabalho de examiná-las, notará desde logo o formalismo que as presidiu e inutilidade que as caracteriza. Formalismo, na organização e desenvolvimento da

experiencia — reminiscencia dolorosa da velha escola — e inutilidade completa, porque falsa e oficializa uma prova que não prova outra coisa que não o regime da rotina e do pragmatismo.

Ora é a decoração servil, que se encontra entre torneios caligráficos: ora é a *cola* inveterada, sem erros nem borrões, caprichosa e bem cuidada.

E assim vão as provas mensais, amarradas por fitinhas e artisticamente desenhadas, estabelecendo a media de aproveitamento que abrirá, no fim do ano letivo, as portas das promoções e dando aos inspetores e assistentes técnicos o resultado de um trabalho bastante relativo. . .

Ora, essas provas, tais como são feitas nas escolas primarias, estão sendo abolidas, mesmo nos cursos superiores, uma vez que os seus resultados são de fato inócuos. O regulamento do ensino normal exige para elas um conjunto de requisitos que as tornam absolutamente isentas de fraude e de formalismo.

Porque, pois, conservá-las nas escolas primarias, quando precisamente estas sofrem agora transformação mais radical nos seus principios? Porque formar na infancia o habito pernicioso da decoração e da *cola*? Porque acostumá-la no falseamento da verdade?

O ambiente da escola é o da propria sociedade: é o trabalho costumeiro da oficina, cujos obreiros se selecionam por suas aptidões naturais.

Não é lógico, pois, que se mantenham na escola processos em desacôrdo com a realidade da vida pratica. E as provas escritas que se desenrolam mensalmente em nossas escolas primarias, são puro artifício que nos vem de preiscas éras. . .

—  
Mas, como praticá-las, então?

Entendo que, enquanto não tivermos devidamente organizados os tests que a Escola de Aperfeiçoamento vai preparando sabiamente, o proprio caderno de trabalhos diarios do aluno assegura uma prova honesta do seu adiantamento e do rendimento do ensino da professora. A pagina do caderno que melhor revelar o progresso do aluno constituirá a prova mensal, exigida pelo regu-

lamento, necessaria para o controle da professora e capaz de demonstrar o rendimento do ensino na classe. Destacada mensalmente e, como quêr o capricho feminino, enfeitada por fitinha e graciosos desenhos, ela será o grafico vivo do progresso da classe.

Não se esqueça, porém, a professora de velar pelos apontamentos dos seus alunos. É uma tarefa que merece maiores cuidados. A vida pratica pede de todos nós uma sintese quotidiana das nossas experiencias e contentivas. É o reforço da memoria auditiva ou visual pela memoria grafica. Não se pôde confiar em demasia na prontidão da nossa memoria.

Assim, o resumo da aula, os exercicios do dia, os apontamentos de lições, devem ser um registro cuidadoso e sintetico, de maneira a formar no aluno o habito da concisão e da simplicidade.

Esse resumo, esses exercicios e apontamentos diarios, a que a professora dará cuidados e direção, serão as provas que, no fim de cada mês, uma pagina só referente a cada materia basica, dirão do adiantamento do aluno e mostrarão, sem artifício, o trabalho proveitoso e fecundo que a classe realiza.

LEVINDO F. LAMBERT,

Assistente técnico do ensino.

## CATECISMO

O catecismo é sem duvida um livrinho admiravel.

Composto no tempo da Reforma, como um resumo theologico a contrapor ás proposições hereticas, consegue satisfazer aos espiritos exigentes ao mesmo tempo que se faz comprehender dos medianos. Não se saberia, melhor do que êle o faz, exprimir tanta cousa em tão poucas palavras nem separar e agrupar mais claramente as idéas. Quem olhasse o catecismo com uma visão nova, nesta idade da adolescencia que os psicologos denominam "dos interesses racionais" ficaria surpreendido do que descobriria ai.

Mas não acontece isto a miúdo.

Acontece talvez frequentemente, (pelo menos segundo não-lo asseguram) que, (tal uma apologetica anticipada) as formulas memorizadas na infancia e conservadas sem comprehensão, impedem, logo que se tenha atingido seu nivel, os desfalecimentos da fé. Isto sob condição de que estejam lembradas, que sejam ouvidas, que sejam acompanhadas do que pode satisfazer o coração ou estimular a vontade.

Em que idade o desejo de viver se limitaria "aos interesses racionais?".

O catecismo "desempenhou superiormente seu papel, dizia recentemente o cardinal Liénart, quando a educação no lar se fundava sobre o Christianismo, quando o pai e a mãe, davam o exemplo de uma religião viva e vivida; a idéa cristã era então familiar ás crianças; colocadas diante deste pequenino livro técnico não se choceavam de encontro a palavras inintelligiveis. Mudaram os tempos. Para fazer entrar nesses cerebrosinhos o ensino religioso não bastam mais estas formulas secas que esgotam os recursos dos catequistas. Dai

a necessidade de aperfeiçoar nossos metodos, de nos adaptarmos." (1).

Este dever de adaptação não compete unicamente aos catequistas, mas a seus auxiliares leigos, encarregados frequentemente da tarefa mais delicada, que é a do inicio. Contentar-se de imputar ás familias a responsabilidade dos insucessos é puro derrotismo. A carencia do meio social é justamente, infelizmente, um dos dados do problema a ser resolvido. Problema difficil, sim, mas não insolúvel. Certamente um metodo catequístico de grande rendimento é possível e supriria ao que nos falta. Deus a deve a seus apóstolos.

O que falta parece, á primeira vista, insubstituível; é o que uma pequenina Anne de Guiné definia assim: "tudo o que eu aprendi no côlo da Mamãe". Não se aprende mais cousa alguma no colo das Mamães, (falo aqui não das privilegiadas, cada vez mais raras, mas sim da grande massa). Pais que foram educados em collegios leigos e que abandonaram a pratica religiosa desde a 1.ª communhão, pensam mostrar generosidade para com a Igreja mandando-lhe os filhos duas ou tres vezes por semana durante dois anos.

Com este sistema quantos perseverarão dentre cem néo-comungantes?

E entretanto não é assim que se devem repartir os insucessos e os exitos. O catequista não fracassou se conta, por exemplo, muitos jocistas entre seus antigos alunos. Reanimou-se uma chama, que fumegava, sob as cinzas; não foi êle que a reanimou outróra?

Máu grado a indifferença religiosa da familia, pode haver, deve haver catecismos de exito.

Dizemos "catecismos" por conformidade com o uso; na realidade, o livro do catecismo é apenas um elemento dessa formação; esse livro não é mais o guia unico. Monseñor Girbeau, bispo de Nimes chama as lições do catecismo de "conjunto de idéas abstratas" para o qual "cousa alguma preparou a intelligência que deixa apenas as suas faixas" (\*).

(\*) Conclusão do Congresso Pedagógico da União das Tres Ordens de Ensino Católico, Lille, 8 de fevereiro de 1932.

(\*) Citado nos Documentos da Vida Intelectual — setembro, 1930.

Guia unico, êle nunca deveria ter sido. A criança é inutilizavel ao livro — catecismo como a todo ensino teologico.

Lembro-me de uma meninazinha, educada por mãe cristã que seguia bem ajuizada o sr. Primeiro Vigario, um padre muito consciencioso, explicando ás suas companheiras o capitulo sobre os sacramentos. E a meninazinha admirava ingenuamente que crianças de sua idade — onze anos — estivessem a altura de tal ensino. Tratava-se, nesse dia, de materia e de forma; a meninazinha se lembra disso ainda após 40 anos decorridos, o que prova que ela era atenta e que, interrogada, devia responder corretamente; ela obteve, aliás, a nota "muito bem" no exame. Como quer que seja, uma convicção a domina: e ás alunas capazes de compreender que se dirige o sr. Vigario, por cima das demais cabecinhas. Quanto a ela, já que lhe abriam um lugar nesse sabio auditorio, procurava humildemente apanhar algumas migalhas.

E' provavel que diversas dentre suas companheiras desconhecidas, participassem da mesma impressão. Mas outras, tendo sido mais profundamente influenciadas pela deformação escolar e habituadas a seguir cursos que não compreendiam, dando, entretanto, aos mestres a ilusão de estarem compreendendo, assistiam ao catecismo com o espirito plenamente tranquilo.

Essa meninazinha acabou aprendendo bem seu catecismo, pois que a isso eram obrigadas as grandes de 15 anos, no seu colegio. Mas aos 10 e aos 11 anos a que devia ela sua fé e sua piedade? Ela tinha lido escondido vidas de santos; tinha rezado o terço em voz alta durante os passeios, um mês inteiro, em comum com uma religiosa do Bom-Socorro; ela tinha travado amizades espirituais com almas santas! Tinha confessado seus pecados a um sacerdote apóstolo e, enfim, tinha comungado. Por todos estes motivos e alguns outros é que aos quinze anos poudo compreender seu catecismo...

Eis aqui outros exemplos bem recentes, tomados em um meio popular, dentre crianças de 9 a 10 anos que não irão frequentar internato nem seminario. Luciano recita imper-

turbavelmente o inicio da lição sobre os sacramentos: definição geral, lista dos 7 sacramentos. Uma pergunta maliciosa do catequista vem desconcertar a sua ciencia tão segura e comprometer, pensa êle, a boa nota de cinco sobre cinco, com que êle já contava, pois, que a obtinha sempre: "Você já recebeu alguns sacramentos?". Ele não o sabe; sacramento não é uma palavra de seu vocabulario. Vão esclarecê-lo. Um adulto não vê cousa alguma de mais esclarecido do que um silogismo: "Você acaba de me dizer que o batismo é um sacramento. Ora, você já foi batizado, não é verdade? Logo, você já recebeu um sacramento."

A palavra entrou agora para o vocabulario da criança. Mas a cousa? — Luciano recita sempre no mesmo tom: "sacramento... sinal sagrado—produzir a graça" — e êle se confessará quinta-feira proxima com a mesma inconciencia rotineira!...

Gastão está mais adiantado, tem um teclado mais extenso: alma, pecado mortal, inferno, eternidade são para êle termos familiares. Podem ser-lhe feitas as perguntas classicas, variando o vocabulario do catecismo: "Para onde vai nossa alma depois da morte se está em estado de pecado mortal?". Ele responde sem hesitar: "Vai para o inferno". Aconteceu, entretanto, que as suas respostas, conquanto corretas, levantaram uma duvida no espirito da sua repetidora. Como reconhecer que uma criança pensa ou não pensa no que está dizendo, quando fala com facilidade, quando seu olhar parece atento e manifesta o desejo de dizer o que deve? que existe além das palavras? De que noções está argamassado esse cerebro jovem? Ao abrigo do *eu* convencional que os pais enviam regularmente á Igreja, 2 vezes por semana, que *eu* profundo tira do conjunto da vida de familia, da vida escolar e social, o alimento do homem que se revelará amanhã? Era necessario conversar. Trouvou-se a conversa. Camaradas tomaram parte nela. Pela primeira vez na vida, talvez, o menino fez vir á tona o que trazia no intimo em referencia ao destino, á vida e á morte. E isto se resumia assim: a gente vai á escola, aprende um officio; quando a gente cresce faz

como papai, pois os meninos estão destinados a ser homens. Isto vê-se todos os dias; quando se fica velho, morre-se: o cemitério — lagrimas — um caixão — uma cova — Acabou-se.

É sobre este *acabou-se* que havia necessidade de discutir. “Quando você morrer, farão assim para *você*? Botarão *você* dentro da terra? Mas o que de *você*? Seu *corpo*? Seu *corpo* é *você todo inteiro*? Não há mais nada além disso então?” Então, uma vez cheia a cova, não haverá mais Gastão? Terá *você acabado inteiramente*?” A criança parecia nem mesmo desconfiar que houvesse ainda mais verdades. Não se estava mais na sala de catecismo, podia-se crer que não se estava mais ali; o ar de fóra aí tinha penetrado a ponto de mascarar os atributos piedosos que a tornam tão diferente da rua, da casa e da escola; chegou a ponto de destruir essas atitudes mentais que se apoderam de nós desde a entrada.

Assim um ator passa pelo seu camarim antes de entrar em cena para revestir-se da indumentaria e cabeleira do personagem que é; do camarim torna á vida real; já não sente mais o vestuário nem a cabeleira, voltou a ser *ele mesmo*.

Atirou-se uma palavra: sua alma. A palavra foi reconhecida apenas como palavra. Uma palavra vazia, fria, sem ligação alguma com as realidades da vida, da morte e do cemitério que finaliza tudo.

Era preciso procurar, portanto, uma outra ligação.

Feliz experiencia!

Lição sobre o homem — a meninazinhas — Deus fez o corpo do homem de barro, diz o catecismo, e *ele* criou a alma “a sua imagem”, diz ainda o catecismo, duas linhas mais adiante. Comenta-se, depois faz-se uma interrogação coletiva: as ouvintes apuram bem o ouvido (é raro que a criança interrogada de per si se revele; cala-se intimidada se não conhece a resposta que deve dar). — Como foi criada a alma do homem?

Uma vizinha dentre as outras: “Com uma imagem”.

Respondem certo as demais? Varias dizem: “do nada”, lembrando-se certamente do sentido da palavra *criar*.

Nenhuma diz: “A” imagem de Deus”, conjunto que não se encontra textualmente no livro, pois se assim estivesse bastaria repetir. — Muitas se calam tímidas para exprimir o que elas também trazem no espirito; “com uma imagem”, pois que certas impressões que se acomodam bem no claro obscuro dum cerebro de criança, arriscam-se a esboroar-se quando se manifestam.

A incompreensão dos adultos mata.

Um grupo de meninos, á mesma pergunta (os meninos não têm medo), respondeu com enfase e a serio esta mesma expressão: “com uma imagem”.

Não se diga que “com uma imagem” é incompreensível — aí não reside a questão. A questão consiste em saber se esta frase corresponde a alguma cousa num cerebro de criança?

No nosso proprio cerebro não é assim que os sonhos noturnos constroem os quadros, delineando nitidamente apenas certos contornos? Imagem é tão brilhante, tão real, que a palavrinha *alma*, junto dela, empalidece, pois dela se sabe pouca cousa; apenas isso: que não se vê. — Imagem — o espirito prendeu-se á imagem e não a deixa mais, enquanto a catequista acumula explicações bem claras, bem elementares, concretas tanto quanto possível, em torno da definição da alma, que parece tanto com Deus como um retrato com a pessoa retratada; não a seguem mais, apesar de a olharem com atenção — imagem continua a ocupar todo o campo da consciencia.

Poder-se-iam multiplicar os exemplos ao infinito. Seria necessario poder observar, escutar, fazer falar, dez vezes mais do que o tempo o permite. Tarefas mais urgentes nos coagem; mas colhe-se de passagem tudo que é verdadeiramente significativo e tira-se disso o proveito.

Infelizmente os que têm mais autoridade e melhor *técnica* não têm meios de observar de muito perto.

As reações de uma grande parte de seu auditorio lhes escapam. E surgem as lamentações: já disse isto tantas vezes e eles ainda não sabem!

Mas ter-se-á dito bem? — As regras mais elementares são difíceis de observar; por exemplo, esta: falar de vagar. — Raramente um catequista fala bem devagar; muitos teriam de se reformar neste sentido. Outra regra: repetir. Tem-se medo de aborrecer, repetindo. E entretanto é necessário; necessário também, é claro, que as crianças estejam atentas a nossas repetições: para isso renova-se a apresentação da ideia a ser retida. A 3.ª das regras elementares: isolar as proposições essenciais.

A complexidade de nossos discursos produz nos cerebros infantis uma confusão de que não fazemos mesmo ideia exata.

Monsenhor Landrieux, na sua pastoral celebre, de 1922, deu um golpe sério no livrinho do catecismo. Mas as reformas vão devagarinho. Nas paróquias onde se segue, com consciência e fidelidade, um metodo "que já deu provas", acredita-se difficilmente no dever de experimentar uma reforma.

Recitação, palavra por palavra, da lição, algumas perguntas sobre o sentido; distribuição de *bons-pontos*; explicação da lição nova; exortação piedosa... as crianças são mais ou menos "ajuizadas", "aprendem bem", porque mudar? Este quadro se mantém ha varias gerações; 20 minutos disto, 10 daquilo, 1/4 de hora com outra coisa... as doses são previstas e medidas. Continuar é ser compreendido pelos pais, cuja fisionomia se fecha quando nos dizem "no meu tempo, não era assim".

Porque não olhar de preferencia para a fisionomia das crianças? A' saída deste catecismo, onde a autoridade se faz a um tempo militar e benevola, são alunos bem aplicados que compreendem bem o exame; á saída daquelle outro, cujo andamento é bonachão e onde se encoraja o riso, são garotos de alma travessa que se divertem bem aí e se di-

vertiriam mais no cinema; aqui o mau espirito aflóra aos labios e ao olhar: "Já basta escutar o padre um dia; tiremos nossa desforra".

São os meninos que mais afligem!

Sim, porque mudar o metodo é bom, mesmo se as crianças são más; seria peor com outro.

Em outros logares, onde se trabalha dia a dia, sem muito metodo preconcebido, com esta vaga inquietação de que, por ser difficil a tarefa, poder-se-á fallir como tantos outros, é-se menos invulneravel ao espirito de reforma. O successo do Catecismo pelo Evangelho, do vigario Carlos, da Religião ensinada aos pequeninos, do Inspector diocesano Dupont, do Catecismo na Escola de N. Senhor, de Cecilia Bruel indicam progressos de que se teria alegrado mons. Landrieux.

Se ainda se observa fielmente, no 1.º como no 2.º ano, a ordem instaurada pelo catecismo, trabalhos de grande autoridade, como o "Caderno dum Catequista", do Ab. Guinet se preocupam, mais do que nunca, da adaptação pedagogica. Não em toda parte, infelizmente, mas em muitas paróquias, já se esforçam por tornar atraente, sem nada tirar da sua dignidade, o ensino religioso.

Contar historias, mostrar, distribuir gravuras, sempre se fez isto, mas não influe nessa escolha um cuidado que em principio é um receio intimo, bem legitimo: "Se não os interesse, não voltarão mais cá..."

E provê-se a sala de catecismo com um aparelho de projeções.

Interessar é fazer-se compreender. Progride-se certamente na arte de se fazer compreendido. Mas somos ouvidos?

Outrora a importancia prestada pelas familias ao ensino religioso, uma certa passividade de espirito geral entre os escolares, o sentido da disciplina ou talvez o habito de manter ajuizados os membros e a lingua, faziam com que as crianças, auditorio docil, escutassem sem pedir explicações.



Hoje, mesmo quando se pôde compreender, não se escuta mais; deixa-se simplesmente a orelha aberta, e entre o que puder. Quanto á docilidade: Após uma lição sobre Deus, ouvida de principio ao fim: "Meu pai disse que não ha Deus"; sobre o dever pascal: "Não comungarei antes da comunhão solene, mamãe não quer"; sobre a obrigação da missa dominical: "Não tenho sapatos para ir á missa". Á negação da familia esteve em antagonismo com a exposição do catequista; esta é rejeitada de ante-mão e sem exame; poder-se-á dizer que foi ouvida ?

Seríamos ainda felizes se conseguíssemos sempre uma meia-atenção. A intelligencia humana, em germe nesse cerebro tonto, tem belos recursos para reunir, no decorrer de dias vindouros, os dados do seu saber futuro e, de mil migalhas apanhadas ao acaso, construir um sistema coerente, proporcionado, logico.

Mas como se escuta frequente esta queixa: elles não prestam atenção ! Não deixam mesmo a palavra entrar-lhes pela orelha a dentro ! Eles ? Não todos, sem duvida, porém a maioria hoje, amanhã, dez sobre trinta, dez que não prestam atenção nunca ! Um que prestava atenção no inicio dos catecismos adoeceu tres meses, esteve ausente durante a semana em que foram apresentados exemplos tão sugestivos da primazia espiritual: lacuna que jámais será preenchida, pois ha lições que não se fazem bem duas vezes no ano; e se no seguido e ultimo ano esta noção é retomada, será como para os outros, de modo rapido, ou muito complexo, ou muito elevado. — Tal outro que responde em todas as occasiões profere, entre cousas sensatas, tolices enormes que se atribuem á sua falta de atenção; ao menos este, diz-se, recolhe. Dever-se-ia dizer: "apanha por alto".

Sua atenção caprichosa só se prende ás historias e aos exemplos; e sómente ao lado pitoresco; êle deixa o catecismo antes da conclusão, assimila o que é sem importancia e deixa escapar o principal. Perguntas claramente formuladas deviam provocar a resposta exata como um reflexo, isto quando se referem a dados elementares essenciaes.

Eis aqui outros — bem ajuizados em seus logares, não brincam nunca e olham bem para nós. Não escutam. São como esses garotos que ficam na barreira da passagem de nível quando passa o trem expresso: vêem elles os viajantes ? Conseguem ao menos contar os vagões ? — O barulho das nossas palavras *passa* entre as duas orelhas.

Eis aqui filas inteiras voltadas para o catequista. Ouvem estes ? — Sim, ouvem, não sómente com as orelhas, mas com a intelligencia e compreendem. Compreendem o assunto de hoje, a confissão.

Tratava-se da graça na semana passada, e elles não compreenderam: o catequista não percebeu isto, ou esqueceu e toca seu programa. Tres, quatro lições bem seguidas sobre a multiplicação dos pães, o discurso da Promessa, da Ceia, a Cruz; e uma lição mal compreendida sobre a missa... a media, nos satisfaria ?

Não, pois que esta ultima tinha por fim integrar as demais na vida pessoal das crianças; e serão christãos que até o fim da vida ficarão a ignorar o que é a missa.

A lição sobre a confissão será provavelmente mais bem ouvida que a lição sobre a absolvição e a satisfação; a obrigação do jejum eucarístico interessará pouco, ao passo que prenderá a da reta intenção. O catequista diz tudo que deve dizer, pondo "ao alcance" das crianças, segundo uma expressão de que se faz abuso; não é no seu curso que ha lacunas: é na atenção, é no cerebro de seus ouvintes.

Seria necessario organizar o control metodoso das aquisições. O sistema pedagogico de Winnetka, na America, fez isto para o ensino profano. Sobem-se os graus dos conhecimentos um após o outro; depois cada um é submetido a tests individuais de control, que, se são satisfatorios, dão o direito de avançar para a questão seguinte.

Não é tudo para se tomar deste metodo nem dos diversos sistemas que individualizam, não só o control como as aquisições. A religião não é cousa individual, e as lições de catecismo devem continuar a agrupar as crianças, fazer vi

brarem conjuntamente e exercitá-las coletivamente na oração.

Doutra parte não se podem multiplicar os exames, e é praticamente difícil fazer frequentemente nos catecismos "lições escritas": a distribuição de papel e lapis, perguntas numeradas, escritas no quadro negro exigindo apenas algumas palavras de resposta; fiscalização severa para obter a sinceridade das respostas. As vantagens do sistema valeriam a tentativa. Não se temeria formular perguntas bem elementares; não se trata de embarçar alunos bons e tão somente verificar que nenhum dos alunos maus ignora o essencial.

A dificuldade consiste em organizá-las de modo a que não sugiram a resposta; escrever-se-á por exemplo em 3 linhas.

"Uma pessoa tem a graça na alma.

"Ela não se confessou".

"Póde comungar apesar disso ?

Nenhuma criança deve hesitar em escrever *sim* sobre a folha, nem um olhar deve esgueirar-se para o vizinho. Uma hesitação significa: não compreendo o que é "graça" ou ainda "parece-me que a gente deve confessar-se sempre antes de comungar". Tome nota das crianças que hesitam e chame-as em particular para despistar as lacunas proveáveis e as idéas falsas.

Sem duvida passa-se no exame de catecismo. E' outra cousa. As perguntas são numerosas. Respondem-se algumas ao acaso, e sinais imponderáveis indicam aos alunos mediores se convém dizer isto, de preferença áquilo. Os que fazem a correção dão pontos que são adicionados de modo que um aluno póde alcançar uma nota total satisfatoria, mesmo que tenha respondido mal a uma pergunta de primeira importancia. Enfim não se podem multiplicar tais exames. O test escrito toma no maximo 5 minutos e póde ser praticado frequentemente.

O "problema" do catecismo, (é assim que se começa agora a dizer), se formúla deste modo: trata-se *em algumas*

*horas* (equivalentes, nas dioceses em que se exigem apenas 2 anos, a 27 dias de aula) e *contra um meio* praticamente estranho ou hostil ás preocupações religiosas, de formar um christão, capaz de se manter christão ou facilmente capaz de voltar a sê-lo; trata-se de criar habitos mentais que possam, ao chegar a idade difícil sustentar habitos morais: as idéas comandam os atos.

(E' evidente que uma educação bem conduzida impõe habitos morais antes que a criança seja conscia de suas idéas, mas a ação do catequista é muito tardia e muito pouco constante para assegurar esta formação normal e equilibrada).

Ora, não ha disciplina escolar mais desfavorecida do que o ensino religioso. Primeiro, sob o ponto de vista fisico. A attitude artificial exigida no catecismo só é usada aí: 30 centímetros sobre um banco de páu; fiquem sossegados e escutem; nada nas mãos; lapis, gravuras, pedacinhos de barbante serão confiscados... Em resumo, proibição de agir com os musculos: ora o caminho do cerebro infantil, já o disseram, passa pelos musculos. "Acrescente-se ainda que o tempo da lição é tomado sobre o tempo destinado aos brincos, que a lição é uma sobrecarga, que elle *suporta* a lição em vez de recebê-la, e isso após longas horas de classe quando o corpo já está fatigado e o corpo impaciente por movimento (1).

Na escola, os alunos podem apoiar-se sobre a carteira, e varias posições lhes são permitidas; o professor os mantém imoveis durante muito pouco tempo, eles têm ali livros para folhear, lições a escrever; molham a pena no tinteiro ou apontam o lapis, viram a pagina, procuram o mata-borrão; esses pequeninos atos trazem um grande auxilio á attenção, á capacidade de trabalho, repousam a curtos intervalos. Fisiologicamente é muito mais fácil suportar uma hora de aula, do que uma hora de catecismo.

Intellectualmente, tambem, se fizermos do catecismo um exercicio intellectual. A aritmética, numa boa escola, con-

(1) Mons. Gerbeau, op. cit.

siste primeiro em manusear, e contar; a geografia, pelo menos, em desenhar mapas com lapis de côr; a gramatica, que é a disciplina mais ingrata aos 8 e 9 anos, a propria gramatica pôde traduzir-se em ginastica que não é sem atrativos; e que dizer da historia com seus personagens magnificamente vestidos e das aventuras bizarras de que eles são heróis? que dizer das lições de cousas? No livro de leitura, pequenos contos facéis; no de recitação, fabulas com animais; no de solfejo canta-se; no de escrita desenham-se letras maiúsculas; que variedade, quantos pretextos para ação do corpo e sedução do espirito!

No catecismo, um livrinho austero: perguntas e respostas, um professor para ser escutado. Nem composição, nem desenhos! Feliz ainda se se entôa algum cantico! Assim "tudo conspira, acrescenta mons. Girbeau, na carta pastoral já mencionada, a criança e afastá-la do catecismo".

Não é preciso ser grande proféta para predizer que dentro de 20 anos nossas salas de catecismo terão mudado o mobiliario; aqui e ali já se usam os quadro-negros. Mas não basta. Não teremos nós um dia uma sala de catecismo com mesas, cadernos, papeis de desenho, penas e lapis, tesouras para recortes e pincéis para cola, coleções de gravuras, livros para consulta, enfim, possibilidades de um trabalho verdadeiramente atraente, bem adaptado ás necessidades psicofisiologicas das crianças?

Isto pode ser ensaiado em instituições particulares e de fato o fazem aqui e ali. Pobres crianças das escolas publicas!

Um primeiro passo no sentido da atividade total seria um emprego mais generalizado dessas preciosas lições de cousas que a Igreja põe a nosso alcance. Uma criança por menos tímida que seja nunca deveria ser conduzida á primeira confissão sem ter primeiro tocado em um confessionario, sem se ter ajoelhado aí e sem ter visto abrir a portinhola; não deveria jámais fazer a primeira comunhão sem ter sido precavido de todas as surpresas por uma comunhão "em branco".

Pôde-se utilizar um material didático já excelente: coleções de gravuras representando o padre nos varios momentos do santo sacrificio ensinam a acompanhar a missa; vistas e postais da Palestina acompanham a narrativa Evangelica.

Uma reforma mais profunda consistiria na utilização dos métodos de Jardim de Infancia, das escolas Montessori, das escolas Decroly. Vi, num jardim de Infancia dirigido por uma Israelita, centralizar os interesses das lições do mês de dezembro em torno do Presepe. Tinham construído a gruta, fabricado os personagens, os carneirinhos e aprendido mesmo uma canção que parecia um hino. Isso não tinha, entretanto, valor religioso algum, comquanto, deva reconhecer que o respeito fôra observado. Faltava uma cousa: o espirito de oração.

Mas que se retomem exatamente os mesmos exercicios, a mesma atividade muitiforme e alegre, e que se lhe entrelace sem fazer pesar, a oração, e ter-se-á uma lição de religião de primeira ordem, na qual a criança toda inteira terá participado: musculos, sentidos, imaginação, sensibilidade: corpo e alma.

O método Gahery, mais comodo de praticar, oferece menos interesse; o material todo pronto não faz apêlo algum ao espirito creador e construtivo da criança; é a professora, na maior parte das vezes, que maneja os pequenos personagens, e as crianças olham, alinhadas sobre os bancos.

Entretanto como ha movimento, ha vida ou simulacro de vida; um quadro que se transforma aos olhos do pequeno expectador é infinitamente mais sedutor que uma gravura fixa, a que já seduz, aliás, bastante. A mesma observação cabe aos films. Mas os films têm esse inconveniente irremissível de crear a confusão no espirito. Torna-se absolutamente necessario um progresso na técnica de seu emprego. Um film apresentado a crianças pequenas devia desenrolar-se lentamente, durar um minuto, parar e recommear caso fosse necessario, para permitir a assimilação. Ha nisto uma bela obra a tentar.

Um Pathé-baby basta para os grupos medios; o que falta são películas em que a qualidade das imagens supra a quantidade não sómente inutil, porém mesmo nociva.

As projeções fixas também cativam a atenção. Mas para que passar 50 num dia só?

O proveito seria bem mais profundo se nos contentássemos de algumas apenas, que ficassem longamente sobre o "écran", enquanto se contassem mil cousas interessantes. Os que já folhearam livros de gravuras com crianças me compreendem. Deixando-as sós, o mais belo album do mundo esgotará todo o interesse em poucos minutos e se, quizermos recomeçar, dirão logo: "Já vi tudo isto!" Reservando-nos o direito de virar as paginas, seremos ouvidos, falarão, durante dez minutos, com os olhos fixos sobre a mesma cena.

Mas, quadros Gahery, cinema, projeções fixas, simples apresentação de gravuras, se arriscam frequentemente a encontrar e a deixar a criança passiva; a fabricação de objetos, habitual nos jardins de Infancia, tem valor muito mais eficaz.

Infelizmente, se os catecismos dos pequeninos envolvem ao modo de "um jardim do Menino Jesus", uma porção muito pequena de crianças seria beneficiada.

Um numero maior poderia cursar, se existisse "a escola Decroly do Menino Jesus" (o dr. Decroly não previu isso...) para crianças maiores. Seriam eles, por exemplo, convidados a trazer documentos, amostras de toda sorte referentes á religião. Exposição, seleção, classificação: formam-se pequenos museus, albums e ilustram-se cadernos.

MARIE FARGUES

---

NOTA — Este artigo veiu publicado na "Vie Intellectuelle" (publicação das "Editions du cerf"), numero de julho-agosto de 1932, que traz os seguintes dizeres: — "Com permissão dos superiores. Imprimatur — Benjamin Octavius — episc. Versalien.

(Continúa)

## O C I V I S M O

"Ensinar o menino a pensar para lhe ensinar a viver; fazer dêle um homem, e do homem um cidadão, eis o que já recomendam os homens da Renascença e, em particular, Rabelais e Montaigne". E' este certamente o problema que a atualidade oferece ás nossas escolas. Eis a escola a percorrer: o menino, o homem, o cidadão. Ora, o professor, e especialmente o professor primario, "este verdadeiro protetor da cidade", como lhe chamam os judeus, já terá percorrido aquela escala?

A escola normal, onde êle se prepara, poderá dar resposta a essa pergunta. Sem duvida a socialização dos alunos, melhor diria das alunas, pois que sua maioria é quasi totalidade, aí vai penetrando no curso normal. Mas, será mesmo socializado o ambiente professoral desse curso? Onde é que socializaram-se, em geral, os professores das escolas normais? Em primeiro lugar, ha da parte dêles a compreensão nítida de sua nobre profissão de educadores, ha iniciativa, cooperação, solidariedade, perseverança, civismo? Estarão êles realmente empenhados na educação das alunas, na preparação delas para educadoras?

Ainda não se fez um inquerito a esse respeito, ainda paira no ar a resposta a tais interrogações.

Uma coisa chamada "direito adquirido", com referência ao professorado, faz adormecer a organização escolar. "Direito adquirido" quer dizer direito particular, em contraposição ao direito coletivo dos educandos. Prefiro estar com Ferrière, que assim se exprime: "Os direitos não têm valor sinão quando servem de base ao cumprimento dos deveres".

Entre os deveres da escola normal está na primeira plana dar educação cívica ás alunas. Estas virão a ser professoras primarias, e por conseguinte formadoras de cidadãos brasileiros. Precisam de cultivar os sentimentos cívicos, ser cidadãos, como parece querer a Republica Nova, para exercerem a cidadania e transformarem seus alunos da escola primaria em cidadãos dignos desse nome.

O que principalmente nos falta a nós brasileiros é o civismo. Temos patriotismo, sentimento instintivo que, em certas horas, faz o povo levantar-se impetuoso e intrepido para a defesa da Patria. Os átos de heroismo e de abnegação, que êle desperta, merecem louvor, admiração e reconhecimento. O patriotismo está sujeito infelizmente a deturpações, que o desfiguram por completo. A's vezes êle degenera em bairrismo, regionalismo e jacobinismo.

O patriotismo é como se fôra a floresta, que está cheia de perigos e de belezas. A floresta pôde conter surpresas por entre os seus encantos. Quem se sente garantido no interior dela? Não são menos as surpresas do patriotismo, quando êle degenera, quer na paz, quer na guerra. Assim como se faz preciso cultivar a floresta, para transformá-la em plantações, searas, pastagens e parques, assim tam-

bem cumpre que o patriotismo seja cultivado, para se elevar a civismo. O patriotismo está para o civismo como a floresta para a seara. Pôde-se dizer que o civismo é o patriotismo cultivado.

Nos institutos de educação, sobretudo nas escolas normais e nas escolas primarias, que são os alicerces da civilização de um povo, o civismo dos professores e a cultura cívica dos alunos devem co-existir como realidades vivas e fecundas. Por faltarem tais realidades, e não por causa de constituições, existentes ou inexistentes, o Brasil, sendo um país rico, é no entanto um país pobre, sendo uma nação forte, apresenta-se como nação fraca, sendo uma grande nacionalidade, parece insignificante na composição mundial.

Organizemos e intensifiquemos a educação cívica nos estabelecimentos de ensino. Por meio da geografia, da historia, da instrução cívica, da lingua patria e das demais disciplinas, tornemos conhecida e amada a terra brasileira. Nas reuniões socializadoras e nas comemorações das datas nacionais honremos o nosso país, a nossa bandeira, as nossas tradições. Estudemos a organização politica do Brasil e acompanhemos o seu desenvolvimento. Procuremos praticar na Escola o civismo, cuja mais alta expressão está no sentimento de justiça, que devemos cultivar como coisa sagrada.

"A mania cronica de egoismo", segundo a expressão de Tolstoi, precisa de ser banida de nosso espirito. Uma das manifestações peiores dessa mania, porque fere quasi sempre a justiça, é o favori-

tismo. A preocupação de favorecer os seus, preterindo outros mais capazes e mais prestantes, sómente se explica pela ausencia de civismo. São atitudes oriundas de sentimentos inferiores e ainda toleradas por causa da ignorancia do povo.

Uma campanha pela educação cívica não é menos urgente, na hora atual, do que uma campanha pela higiene. Aquela melhor fará compreender esta. O civismo dos que propugnarem na escola, na imprensa, na tribuna e no radio pela educação cívica do povo brasileiro terá força capaz de erguer o espirito publico até o seu completo interesse pela vida nacional.

Sómente o civismo dos poderes constituídos e dos orientadores da opinião publica conseguirá restabelecer a crença e a confiança na Republica Nova. É necessaria uma reabilitação politica para garantir o futuro do Brasil. Os dirigentes de nosso país, si quiserem zelar de seus nomes e da prosperidade nacional, governando com justiça e educando o povo, terão de inspirar-se no civismo e renunciar os sentimentos egoisticos.

Mas, a principal garantia do futuro do Brasil estará sempre na boa organização das escolas. Fazer do menino um homem, e do homem um cidadão, eis o lema que a escola ativa saberá metamorfosear na mais fulgente realidade. E cidadão é aquêl que se distingue pelo civismo . . .

FIRMINO COSTA.

## NOTICIÁRIO

### O movimento pró ensino e a fundação da Sociedade "Pestalozzi"

A campanha pró ensino especial que se inaugurou com a fundação da "Sociedade Pestalozzi", destinada a prover as realisações que se planejam em prol da educação dos anormais teve fundação e repercussão em nosso meio social.

Registrando com prazer esse acontecimento auspicioso para a associação recém fundada e para o movimento que se inaugura em meio de simpatia e aplausos gerais, aos quais reunimos os nossos, recolhemos em nossas paginas a brilhante conferencia do professor Mello Teixeira pronunciada na Escola Normal Oficial na primeira sessão solene com que a "Sociedade Pestalozzi" inaugurou as suas series de conferencias publicas.

*A conferencia do professor  
Mello Teixeira*

#### O PROBLEMA DOS ANORMAIS

Não me poderia frustrar senhores e senhores meus, ao apelo amavel que, ao meu desvalioso concurso fez essa figura apostolar de educadora moderna, familiarizada, por meudo, nos meandros mais subtis da cien-

cia e da arte pedagogica. mme. Helena Antipoff, para cooperar neste movimento generoso e altamente humanitario, com que ela e suas eximias colaboradoras de magisterio pretendem agitar a nossa sensibilidade social, em torno da organização ao ensino ás crianças retardadas.

Parte o brado comovedor e sincero dessa abadia de beneditinas do nosso ensino primario, que é a Escola de Aperfeiçoamento, laboratorio e officina onde se está forjando, com inteligencia e devotamento religioso, pelas mãos dexteras e a cultura conciente de uma Helena Antipoff, de mlle. Mild, de Amelia Monteiro, de Lucia Schmidt de Castro, de Alda Lodi e outras, as novas e fecundas diretrizes da pedagogia scientifica, aplicada á instrução elemental da infancia.

Mesmo aos menos sintonizados com os anseios e as reações da coletividade em que vivem, não poderá deixar de interessar esta iniciativa, que visa ambientar fisio-psicologicamente no meio escolar um vultoso numero de crianças deficientes, cuja situação atual ressalta vivamente uma indesculpavel lacuna da nossa

própria organização pedagógica, incompatível com o grau de desenvolvimento que atingiu.

A essa obra de ciência educacional e de humanidade, em que se procura traçar à criança um destino melhor, não faltaria e não faltará o apoio ardoroso de quem, como eu, por pendor espiritual e por dever de ofício, aos interesses da infância se devota com entusiasmo e sincera convicção.

#### A CAUSA DA INFANCIA

O problema da infância no Brasil, como quasi todos os nossos problemas fundamentais, ainda está por ser solucionado. O que se tem feito a seu pról é nada ou quasi nada, perante o que, desde ha muito, deveriamos fazer na defesa do nosso proprio patrimonio biologico.

Não vislumbro no meio brasileiro — tão grande e tão despojado ainda, onde as diretrizes etnicas nem sequer se firmaram ainda em cristalização definida — nenhum outro problema mais fundamental, nem mais carecedor dos desvelos e das preoccupações de nossos estadistas e sociologos que o da infancia nacional cujos multiplos e complexos aspectos estão a clamar solução decisiva e remedios adequados e proveitosos, em nome do nosso proprio futuro de povo e dos forais da nossa cultura.

A criança que em qualquer agregado humano, constitui a unidade biologica da raça, é, no Brasil, imenso e quasi deserto, cheio apenas de riquezas laten-

tes a explorar, a desenvolver e a dinamizar, é aqui a sua melhor unidade economica, que precisa multiplicar-se sadia, para mobilizar os nossos capitais inertes, cimentar a coesão patria e caracterizar a sua civilização.

Se o povoamento alienigena, pela imigração, é uma das nossas necessidades mais prementes para os surtos da nossa grandeza material — o que não dizer do povoamento do pais pelo proprio elemento autotecnico, os filhos da terra, oriundos no mesmo sangue que a fecundou e por isso, naturalmente, no fisico e no moral, afeiçoados ao "habitat" ancestral?

Entretanto, compare-se o que se gasta com a imigração, com o que se despende, no Brasil inteiro, em obras officiais, de defesa da saude e da vida da criança brasileira, à qual compete perpetuar e fixar na terra da patria a gente que a construiu e que define como nação.

Reduza-se a cifra o numero de crianças que morrem no territorio nacional por falta de amparo e de preservação sociais, no preparar e educar as mães, no proteger a estas na gestação; no socorrer-lhes os filhos com as devidas garantias da puericultura organica e psiquica. Junte-se a este numero os daqueles infantes que sobrevivem aos precallços da criação ante-higienica e das molestias evitaveis, mas enfermicos, invalidos, defeituosos e inhabeis, portanto para as asperas lutas da vida e que por isso vão ser peso morto e fontes

permanentes de *onus* materiais e morais no passivo social.

Traduza-se tudo isso no numerario, que realmente representa, e ver-se-á o desfalque ruinoso que sofre o patrimonio coletivo. em nosso pais — há quantos anos e por quantos anos, ainda? — sem que diante dessa calamidade que nos dessangra e envergonha se tenha comovido a intelligencia e a energia construtiva dos nossos estadistas.

#### COMPARAÇÕES QUE ENTRISTECEM

Obra elemental de assistencia medico social à infancia no seu aspecto primario e mais premente — o tratamento e prevenção das doenças fisicas, particularmente no que se refere ao auxilio material e educativo da boa e adequada puericultura — está ainda por se fazer. Salva-se apenas, o que existe em S. Paulo, no Rio e em Recife, — mas em limites tão exiguos que é como se nada fosse.

Sem a puerilidade de comparações exdruxulas, mas, apenas, como um motivo de estimulo, quero. — a titulo de curiosidade, — dar um resumo, incompleto, aliás, do que em organizações de proteção e assistencia à infancia, existe, em pais que tem população excedente para sobejar em correntes emigratorias.

Refiro-me à Alemanha — não ao grande e poderoso imperio de 1914, mas à Alemanha de após-guerra, escorchada nas suas riquezas, asfixiada na sua expansão e no seu progresso.

Eis em numeros e especies:

— Recolhimento para crianças convalescentes, 38.

— Estabelecimentos medicos, em conexão com escolas secundarias, 5.

— Hospitais e sanatorios especiais, 22.

— Sanatorios especiais para crianças tuberculosas, 13.

— Asilos para epilecticos, 3.

— Institutos para criança sofrendo de perturbações da palavra, 4.

— Internatos pedagogicos para crianças psicopatas e portadores de *deficits* mentais, 13.

Ao todo 98 estabelecimentos para tratamento, em internato, das crianças, sem incluir as grandes clinicas hospitalares, especiais para a infancia, algumas com mais de um milhar de leitos, das quais, uma pelo menos, existe anexa à cada universidade, para o ensino official da Pediatría.

#### SEMPRE AS AVESSAS

Enquanto a morbi-letalidade infantil atinge, no Brasil, cifras altamente impressionantes, quando se poderiam, seguramente, salvar mais de 50 % dessas vidas em flór, se houvesse estabelecimentos hospitalares bastantes, centros de puericultura, gotas de leite, creches, ambulatorios, sanatorios, institutos ortopedicos, preventorios, colonias de férias, escolas para debeis e convalescente, centros de cultura fisica, etc., etc., o aparelhamento, em suma indispensavel para defender a sobrevivencia e o desenvolvimento saudio da criança brasileira — en-

quanto isso, toda a nossa emotividade e penetração sociológica se comove, por exemplo, com a sorte dos criminosos, estudando em afanosas eloubranças, o "grave" problema penitenciário nas suas mais espresciosas e ultra-modernas doutrinas. Condoemos-nos, morbidamente com os egressos da lei. — dignos, aliás, de toda a piedade social, — cogitando, sem medir sacrifícios de construir-lhes penitenciárias modernas, onde encontram conforto bem resguardado, os criminosos que o juri brasileiro, por descuido condena, e dos quais 90% só o são, e só o foram, justamente precisamente, por que a sociedade se descuroou da sua infancia, deixou-os nessa quadra, á margem e ao léo da vida, sem preocupar-se em dar-lhes um ambiente propício á sua evolução normal. Descuroou-lhes a educação e a instrução, não procurou adaptá-los ao meio, corrigindo-lhes, em tempo, as taras e as tendencias ingenuas, inibindo-lhes os efeitos anti-sociais com os recursos da medico-pedagogia.

Talvez, isto seja um gesto de reparação tardia do remorso social, pela omissão cometida. Mas a omissão persiste cada vez mais clamorosa e indesculpavel.

Quando não deixamos morrer a criança, consentimos que cresça e se erie inadaptada e nociva, quando poderíamos corrigi-la. E, no fim, quando tudo é tardio, é inutil, nós abandonamos a profiliaxia eficiente, vamos tentar então uma cura inoperante.

Começamos, ainda aqui pelo fim, como, aliás, tem sido sem-

pre na nossa evolução politica, economica e sociologica.

#### A QUESTÃO DOS ANORMAIS NO BRASIL

Não admira, pois, a questão dos anormais, nos seus multiplos e interessantissimos aspéto, esteja ainda descurada oficialmente no Brasil.

Ao que eu sabia, em todo o país para reeducação dos deficientes da intelligencia, só um pequeno e recente instituto privado existe. No mais, contam-se, n-s hospícios, como os do Rio e São Paulo, secções especiais para internamento de anormais profundos, mais com intuitos medicos do que pedagogicos, que a propria organização desses anexos, aliás, não comporta.

Como a primeira em funcionamento está a secção Bourneville do Hospital Pedro II, do Rio.

Para os chamados *anormais físicos*, incapacitados dos sentidos, — particularmente para cegos e surdo-mudos, — temos no Brasil varios institutos capazes de menção.

Entre eles, resalta digno de encomios e merecedor de relevo, aqui em Minas-Gerais — o Instituto São Raphael, que é o que é na admiração de quantos o conhecem, porque nele se integraram o coração e a intelligencia do seu incomparavel diretor, Donato Fonseca.

Materialmente, porém, é tão limitado e tão pouco aquinhoado, que só o milagre de entusiasmo e de devotamento de quem o dirige

é que poderia tirar de tão modesta argila o monumento magnifico, que ele constitue realmente como educandario de cegos.

Além disso, alguns internatos de méro recolhimento de menores, sem organização pedagogica alguma.

Entretanto, o problema dos anormais, cuja cifra é avultada em todos os países, no nosso, onde não pôde ser pequena, está a pedir solução, pelo menos naquelas especies mais numerosas e de mais facil assistencia, como é o caso dos "retardados pedagogicos".

Não é de hoje que vozes autorizadas clamam aos poderes publicos e á sociedade, remedio para esses infelizes desherdados, mais ou menos profundamente, do glorioso brazão que faz culminar o homem na escola biologica dos seres.

No mundo civilizado foi da França, o grande foco de luz, que partiram os primeiros brados, com Esquirol, Voisin e Itard.

Foi este quem primeiro mostrou que era possivel, numa época em que a psicopedagogia estava embrionaria, reeducar-se e readaptar-se um sér humano profundamente lesado nas suas funções psiquicas, quando trouxe ao meio da civilização o chamado selvagem de Aveyron, que tres caçadores, em 1798, tinham, por acaso, descoberto no bosque de Caure, a grimpar pelas arvores como um simio selvagem. Era um misto de homem e animal.

A esse cientista se deve tambem o primeiro e inexcedido cruzado da correção psiquica dos anormais — o grande Seguin, cuja obra imperecível, começada na França em 1837, foi culminada nos Estados Unidos, para onde se expaiou, e para onde levou o fogo sagrado do entusiasmo com que continou os educadores americanos. Data desse fato o desenvolvimento dos trabalhos em pró dos anormais na União Americana.

Ainda hoje a sua obra "Traitement, hygiene e education des idiots et autres entants arrieres", onde expõe os frutos da sua experiencia e observação em Bicétre, de 1842 a 1846, é trabalho classico referto de noções essenciais e positivas sobre o assunto. Quasi simultaneamente na Alemanha, o problema dos anormais preocupava fundamente os seus cientistas e educadores e uma ação vigorosa e pratica logo se desenvolveu, sem descontinar nunca, de tal sorte que até bem pouco tempo, pelo menos, era ela a vanguardeira incomparavel na assistencia ás crianças anormais de toda a especie.

Só para os "retardados pedagogicos" em 1912 existim 305 *Hilfschuler* ou escolas auxiliares, em tradução literal; compreendendo 1.670 classes com o total de ... 34.300 alunos.

Nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Suissa, na Belgica, na Italia, na Austria, na Scandinavia, emfim, por todos os países civilizados, são sem nu-



mero, crescem constantemente as classes, as escolas, os institutos destinados à educação e à adaptação social dos deficientes em todas as suas múltiplas variedades.

No Brasil, o primeiro grito de alarme foi dado, oficialmente, não ha muito, em 1900 pelo psiquiatra dr. Carlos Eiras, ao apresentar no 4.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, reunido em junho, na Capital Federal, uma memoria subordinada ao titulo — "Da educação e tratamento medico pedagogico dos idiotas".

Partiu das conclusões do trabalho desse sábio mentalista a idéa da criação do Pavilhão Boroville no Hospital de Alienados da Praia-Vermelha, de tal forma, fôpintada pelo autor e sorte desses infelizes e o valor científico da sua assistência bem orientada.

Além desse, outros são os trabalhos que a bibliografia nacional enuncia sobre o assunto, merecedor referencia e do professor Clemente Magalhães de São-Paulo que escreveu sobre "A solução do problema pedagogico social da educação da infancia anormal da intelligencia no Brasil".

Outro trabalho, digno de leitura e, talvez, pouco conhecido, é o do erudito poligrafo brasileiro, nosso conterraneo, dr. Basilio Magalhães, que, em 1913, publicou excelente monografia sobre o "Tratamento e Educação das Crianças Anormais de intelligencia".

E' uma excelente "mise-au-point" do assunto, ao seu tempo, feito com calor, método e clareza, digna do manuseio e da atenção de quem se queira enfonhar nas generalidades da materia. E' uma obra de divulgação, sem pretensões científicas, mas em que o autor, com mestria, pôs toda a plana de um entusiasta desse problema no Brasil.

Convém citar, embora resumidas sejam as referencias à questão dos anormais — a bela e erudita tése doutoral do dr. Victor Russomano sobre a "Historia Natural do Educando", cuja leitura é das mais proveitosas pela conceituação segura, desassombrada e de avançadas idéas sobre a personalidade escolar da criança. No mais talvez um ou outro artigo fragmentario da revista especializada.

Em compensação é exuberante a bibliografia estrangeira sobre esse assunto que está sempre em ordem do dia.

#### O DEPOIMENTO DAS ESTATÍSTICAS

Em todos os meios sentese a impositiva necessidade de amparar-se os incompletos da intelligencia, não só pelo que de proveitoso se pôde esperar da sua educação, como porque o numero deles em todas as coletividades é bem avultado.

Já em 1901, a estatística, aliás incompleta de Kolhmann evidenciava uma parcela ponderavel nos diversos paises europeus.

Em França, segundo Regis era de 1 por 900 habitantes o seu coeficiente, ou de 5 a 6% a sua percentagem no meio escolar. Calcula-se em 30 a 40% entre as crianças cuidadas pela Assistencia Publica.

Desde a data de seu livro em 1914 atingiu em 40.000 os anormais não educados, no territorio francez. Na Belgica Marquiebrecq encontra 1 por 850 habitantes, sendo o seu total estimado em 8.700. Na Alemanha, estatísticas bem recentes cifravam em 1 por 450 habitantes ou um total de 150.000.

No Brasil não lhes poderei citar nem 0% — não porque não tenhamos anormais, mas porque, como sempre, não temos estatísticas.

Tais cifras, é preciso que se accentue, referem-se aos grandes anormais, ou *anormais profundos*. Destes se excluem os *retardados pedagogicos*, que embora anormais ou melhor *subnormais*, são contados à parte nesses calculos citados.

Estes orçam em media nos varios paises entre 10 e 12% da população escolar.

Nos grupos escolares de Belo-Horizonte, mme. Antipoff, com a sua experiencia, estima-o entre 7 e 10%. Isso quer dizer que, calculando-se em 15.000 a população escolar da Capital, ha uma proporção de 1.050 a 1.500 crianças apresentando *deficit* intellectual e que precisam de classes especiais de ensino, para que se instrua devidamente, sejam bem aproveitadas, com os recursos de pedagogia adequada, as

possibilidades psicicas desse mi-lheiro de crianças.

#### CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO

Definir com precisão o que sejam os *anormais* não é tarefa de execução facil, num resumo da materia, por que depende do aspecto ou do sentido com que o problema seja fixado. Por isso, as divergencias de conceito entre os autores, conforme o criterio — medico, juridico, social, pedagogico, — seguido por cada um.

A dificuldade começa "ab-ovo" no limitar com precisão o que está aqum e o que está além da *normalidade*. As formas leves, atenuadas; as manifestações frusttras, sutis que se passam nas lindes dos dois estados são sempre de difficil interpretação. E' uma questão ás vezes de intensidade ou de quantidade, sempre de espinhosa avaliação.

Ora, como acertado afirma Bain, nas ciencias o fator *quantidade* é um criterio falho que lhes tira muito de exatidão, sobretudo em se tratando de psicologia.

Mas, de modo geral, poderemos definir, do ponto de vista pedagogico-social, mais restritivo que o medico-clinico, como *anormais* — "as crianças que, por taras hereditarias congenitas ou adquiridas, de ordem somatica, psicica ou somatopsiquica, apresentam anomalias constitucionais passageiras ou definitivas, que exigem condições especiais de assistencia na criação, na educação, na instrução e de uma situação especial na coletividade".

Nesse conceito estão abrangidos não só os *anormais pedagógicos*, em todas as suas gradações, como também aqueles outros que, com malformações orgânicas e perturbações graves do psiquismo ou sem elas, ambas não são adaptáveis, contudo a vida normal em sociedade, por desequilíbrios morais.

É a ampliação do conceito de Regis que fixa no animal sómente a tara psíquica, estando, portanto, dela excluídos os lesados dos sentidos, que, embora lucidos da mente, do ponto de vista pedagógico social, devem ser encarados entre os *anormais*.

Heuyer adota na sua conceituação, unicamente, o critério social, partindo da noção de que "normal é o indivíduo capaz de adaptar-se socialmente". O índice dessa adaptabilidade é subordinado a duas condições: a não nocividade e a capacidade de bastar-se a si próprio, sem precisar ser assistido.

Heuyer, adotando o critério acima assinalado, coloca no 1.º grupo os *nocivos*, isto é, aqueles que apresentam perversão do *sensu moral*, deformações do caráter; instabilidade volitiva, o que tudo o impede de se adaptar a regras, ou subordinar-se a qualquer disciplina escolar ou familiar. São os *inadaptáveis* — o grande e variado celeiro da delinquência infantil; os futuros criminosos, os anti-socialistas. Verdadeiros *delinquentes constitucionais*, os seus desvios de afetividade e de emotividade são os sinais precoces das porvindouras psicopatias

que neles, quando adultos, se irão constituir.

No segundo grupo os que têm capacidade de prover as próprias necessidades — ha a considerar os *anormais físicos* que apresentam malformações somáticas e sensoriais. Uma segunda classe encerra os que, apresentando ou não tais lesões, são portadores de anomalias mentais que os disintonomizam do meio escolar.

São estes os *anormais psíquicos*.

Estes apresentam 3 gradações:

1.º) ausência das funções de relação ou quasi — a idiotia e a imbecilidade profunda. São praticamente *ineducáveis*.

2.º) os que são suscetíveis de uma utilização muito elementar: são *semi-adaptáveis*. Constitue este grupo a maioria dos *imbecis*.

3.º) os que conseguem se adaptar, sem contudo poder adquirir certa independência na vida social, precisando de uma direção, uma vigilância; tendo necessidade de uma orientação profissional. Neste grupo se enquadram os *debeis mentais* ou *anormais das escolas primarias* de Binet; os *feeble-minded* dos americanos os *tardivi* dos italianos, os *Bildungs-fähige* dos alemães.

Decroly, no Sexto Congresso Internacional de Psicologia, reunido em Genebra, em 1909, deu a sua classificação baseada em dados fisiopsicológicos, dividindo as crianças anormais, sob o nome de *irregulares*, em dois grandes grupos, conforme eram *intrinsicas* ou *extrinsecas* ao indivíduo as *causas* deformadoras que so-

bre eles atuavam. Cada um destes grupos éle os dividiu em varias classes.

Os alemães, em sua classificação, adotam o critério puramente *pedagógico*, aliás, o mais razoavel, desde que se visa conhecer desde logo o que dessas crianças se pôde obter pela educação, o meio unico de melhorá-lhes a sorte e adaptá-las.

Assim os distribue em:

a) *Ineducáveis*, os "*Erziehungsunfähig*" que compreendem os *idiotas* e os *imbecis graves*. . .

b) *Educáveis* ou "*Erziehungsfähige*" que são catalogados em dois sub-grupos:

1.º) os que só conseguem aprender certos trabalhos manuais — *Beschäftigungsfähige*, em que se incluem a *imbecilidade* menos acentuada e certos *debeis*.

2.º) os suscetíveis de instrução — chamados *Bildungsfähige* que compreendem os *debeis em geral*, isto é, os *retardados pedagogicos*.

Entre os dois grandes grupos *a* e *b*, Berthold, de Munich, distingue ainda um terceiro, a que chama *Shwachbegabt* — isto é, os *fracamente* dotados, suscetíveis, porém, de acompanhar o programa primario.

Binet, partindo de velha e classica categorização clinica, de Esquirol e applicando-lhe o critério pedagógico os distribue por grupos varios, mais ou menos da seguinte maneira:

a) *idiotas* que são os *ineducáveis* ou difficilmente educáveis. Duas variedades se distinguem: a *idiotia* absoluta, em que só exis-

te a vida vegetativa, é o *animal-planta*, em que só se vislumbra, elemental, esboçado, o instinto da nutrição. Nem mesmo o instinto da conservação apresentam.

2.º) os *imbecis*: intelligencia crepuscular; memoria e vontade de manifestações fugidias. Certo desenvolvimento sensorial. Capazes de chegar a escrever o proprio nome. Impulsivos, instintivos, numa gradação de atos e perversões que os tornam nocivos e temíveis ao meio: são os *piromaniacos* ou *incendiarios*; *cleptomanos*; *querelantes*; *mentirosos*, os *poltrões*, etc., etc.

Como diz acertadamente Sollier, enquanto os *idiotas* são *extra-sociais*, os *imbecis*, menos profundamente lesados, mas por isso mesmo capazes de atividade, são *sêres anti-sociais*.

3.º) os *retardados mentais*, os menos profundamente deformados na sua organização somatopsíquica.

São os que interessam do ponto de vista escolar.

#### "OS RETARDADOS PEDAGÓGICOS"

É esta uma classe extensa que oferece gradações variadas: os *retardados propriamente ditos*, os *debeis* e os *retardados simples*. Nos primeiros os desequilíbrios mentais se podem denunciar por *excesso*: são os *instáveis*, os *agitados*. Como Diz Demoor sofrem de verdadeira *choréa mental*. Entre eles contam-se os *prodigios parciais* na feliz denominação de Magnan e Legrain, que dispõem de um saber de *fachada*, nos quais

a hipertrofia de umas tantas faculdades mentais de exteriorização consegue esconder a completa ausência ou estado crepuscular de outras mais importantes, e chegam, por vezes, a passar por *genios*, na família por talentosos. Com quantos não ombreamos nós em sociedade!

Ao lado destes estão os retardados por falta — os *astenicos*.

4.º) os *anormais transitorios*, isto é, aqueles que só são *defectivos*, devido a lesões orgânicas removíveis e transitorias.

Méros casos clínicos que se reabilitam psiquicamente, desde que sofram o tratamento médico conveniente: são por exemplo os portadores de adenoides; os com *defeitos* de visão, de audição; os sub-alimentados, os anemiados por causas diversas, incluída a conhecida *opilação*.

Estes, bem como os denominados *atrazados pedagógicos*, crianças que por qualquer eventualidade morbida ou condição social não puderam em tempo e suficientemente frequentar aulas e por isso são pedagogicamente *atrazadas* — não podem e nem devem figurar, sem flagrante não senso, na categoria dos *defeituosos* da inteligência.

Finalmente um último grupo encerra os *anormais* morais com ou sem anomalias mentais aparentes, cuja extrema temibilidade faz passar o seu interesse pedagógico para um segundo plano, predominando o aspecto médico-legal das mesmas, na premunição da criminalidade infantil.

E' esta a grande família dos *desherdados* desde o berço das belezas da inteligência, expiando, como no anatema bíblico, as taras, os vícios e as molestias dos seus geradores.

A sua sorte merece a piedade e a reparação da sociedade.

A sua reabilitação, com os atuais progressos da *pedolôgica* é quasi sempre possível, e a sua reincorporação ao patrimonio social é obra consoladora e compensadora de uma medico-pedagogia bem orientada.

Dentre eles retardados *escolares*, exigem um amparo simples e de efeitos seguríssimos. Encontram remédio eficaz na organização das *classes especiais*, cuja criação pretendem as nossas educadoras, neste movimento que ora se inicia.

Não é possível por mais tempo procrastinar essa solução que não exige grandes sacrifícios.

Estruturada, qualitativamente, pelo menos, a organização do nosso ensino primario em diretrizes modernas e científicas, lacunosa ficaria ela, e perturbada na sua eficiencia, se não se cogitasse do destino didático e da situação de um numero avultado de crianças, que por condições mentais, definitivas ou transitorias, não podem ambientar-se dentro da escolaridade normal.

Esses escolares — os *retardados-pedagógicos*, precisam de uma orientação á parte, especial, adequada ás suas possibilidades psíquicas, sem o que as *classes normais*, ou *ordinarias* não pode-

rão apresentar o rendimento didático que é de esperar-se dos atuais metodos e lavrará nelas uma perturbação altamente nociva. Por seu turno, eles proprios, já de si deficientes para o ensino, nessa promiscuidade escolar, nunca poderão adquirir a instrução de que são capazes, e por motivos facéis de explicar, sairão, talvez, da escola, em peores condições pedagógicas do que entraram.

Podem, não ha duvida, ter adquirido uma certa instrução, mas tão fragmentaria e superficial, e a custo de tais esforços e sacrificios das suas funções intelectivas tão precarias que, forçadamente, esgotarão e desarticularão, de vez, a sua capacidade pedagógica, que, em condições adequadas, poderia ser aproveitada no seu maximo.

A criação de classes especiais para os deficientes é, pois, imposição logica e forçada da atual orientação do ensino, fundamentada, toda ela, na bio-psicologia da criança.

#### ESCOLA NOVA — IDEIA NOVA

Já se vai o tempo — infelizmente não muito longinquo, em nosso meio — em que, pedagogicamente — a criança era tida como um passivo receptaculo, a modo de um forno de incineração — onde um mestre, carrancudo e inhospito, desageitado e presumido, despejava, sem discussões, todo o seu supletissimo saber, do qual o escolar devia "mecanicamente" se impregnar, sem que as suas faculdades intellectu-

ais, a não ser a memoria, — nem a sua consciencia de ser animado, — tomassem a minima parte nesse processo educativo.

A criança tinha de subir, — pobre dela! num esforço deshumano, ás eminencias categoricas do mestre, de que se fazia êco intelectual e moral e ainda, assim, quando havia condição de ressonancia.

A criança diante do mestre era um automato: com um olho, que não via — para ver; um ouvido para ouvir; uma memoria para reter e uma boca inexpressiva para repetir.

Mas o seu mundo interior estava virgem do contacto e da influencia do mestre e do ensino; era uma paisagem morta, deserta, sem ressonancia nem vibrações. Nada lhe sensibilizava o *tonus* emocional, que é o substrato psicologico da atenção, como o afirma Ribot.

Por isso a *escola* era o supplicio, de que o mestre era o algoz. Os programas, os metodos, instrumentos de tortura chinesa.

E ainda assim conseguimos aprender: é que a natureza sabe defender-se heroicamente!

Hoje, porém, tudo está felizmente subvertido, e oxigenado.

A escola, o ensino, o método, o programa, o professor, não é mais o mestre e sim a propria criança. Ela é o centro solar desse mundo. Ela vê, ouve e compreende. E' o movimento, a ação. Age e reage, espontaneamente, fisiologicamente. O seu *tonus* activo está em constante convibra-

ção com o ambiente. Portanto, ela se interessa. Vê no mundo escolar o desdobramento, a projeção simpática do seu mundo interior. Não é uma estranha, mas uma creatura ambientada. A escola a seduz, portanto. Atrai-a irresistivelmente.

Deixou de ser, como o recomenda Kerschensteiner, "um simples auditorio para ser um laboratório."

Esta nova concepção do ambiente escolar.

Nova não direi bem, mas sim atual, porquanto, há dois milênios, quando ainda se não falava da "Escola Ativa", já Quintiliano doutrina: "que o estudo seja para a criança um brinquedo; devemos lhe formular questões dar-lhe louvores e aplaudir-lhes, às vezes, o saber".

Esta frase, como vêdes, conceitua precisamente todo o sentido da escola moderna e seria *atualíssima* numa página de De-  
croly.

Aliás este admirável renovador da pedagogia, ao crear a sua imortal *Ermitage* para a educação dos anormais e que rasgou a era nova do ensino atual, ao dar-lhe a nomeação de "Escola da vida para a vida", numa síntese feliz, não fez mais do que ratificar o sábio conceito de Seneca, quando acertadamente, afirmava: "devemos educar não para a escola, mas para a vida."

Olhemos, pois, para o destino dos *retardados pedagogicos*, transformemos para eles a escola naquele mesmo mundo agradável que ela é para a criança nor-

mal. Se a educação apropriada para os grandes anormais dá frutos magníficos como na América do Norte, em que 20 a 30% dos egressos dos estabelecimentos da instrução especial podem prover por si ás próprias necessidades sociais, — o que não esperar da educação adequada dos simples *retardados pedagogicos* com possibilidades intelectuais infinitamente maiores?

#### GASTAR HOJE PARA POUPAR AMANHÃ

Já que ainda não é possível solucionar de modo radical como o exige a nossa cultura, o problema, hoje, esclarecido da reabilitação pedagógico-social dos anormais em geral, que pelo menos, assistamos devidamente aos "retardados escolares" para os quais a iniciativa privada deve volver os seus carinhos. Talvez com isto se estimulem os poderes publicos ante a sorte da criança brasileira, em todos os seus aspéto, para o que todos os dispêndios serão poucos. Os nossos estadistas deveriam ter presente á memoria aquele eloquente resposta dada por um homem de estado sueco a quem lhe indagava por que na Suecia se gastava tanto dinheiro com a proteção á infancia: "é porque nós não somos suficientemente ricos para nos dar ao luxo de despendir dinheiro com a manutenção dos criminosos".

Quem, hoje pode ignorar que a criminalidade mergulha as suas mais profundas raizes na infancia desprezada dos meios de

criação e de educação? Que é, dentre os anormais não adaptados convenientemente na infancia, que surgem os mais numerosos, maiores e mais incorrigíveis delinquentes?

Se o criminoso nato de Lombroso não é um conceito absoluto, todavia, os instintos e as tendências á criminalidade são a regra naqueles que trazem do berço, por herança maldita, os estigmas da degenerescencia que os denunciam ás pesquisas psicológicas.

André Collin em 1 milhar de crianças com reações ante-sociais, verificou tãta hereditaria congenita ou precocemente adquirida em 70% delas. Por seu turno Colombier em 192 jovens delinquentes verificou que apenas 22 deles ou 11,5% eram psicologicamente normais. Em 88,5% havia sinais de uma psiché alterada.

#### RENOVEMOS O BRADO CICERONEANO

Porque, pois, não estancar pelos processos que a moderna psico-pedagogia nos oferece, numa profilaxia segurissima, essa fonte tragica de maleficios e de sobressaltos sociais?

Porque, se o remedio é conhecido e eficaz, não operar essa obra altamente humanitaria, que tanto dignificaria a nossa cultura social?

Resolvamos no Brasil o magno problema da criança. Conclamemos para ela as atenções dos nossos estadistas, repetindo-lhes com a mesma atualidade, o que na velha Roma, ha mais de dois mil anos, clamava Cícero:

"que melhor, que maior serviço podemos prestar hoje á Republica do que instruir e formar a mocidade?"

Senhores! Renovemos hoje o brado angustioso!

## ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

#### INSTRUÇÕES PARA AS PROVAS DE EXAME COMPLEMENTAR A QUE DEVEM SE SUBMETER OS ALUNOS DE PRIMETRO ANO.

Os alunos do primeiro ano cujos resultados nos "tests" divergem da opinião da professora ou da diretora devem ser submetidos a um exame complementar na forma abaixo.

a) *Leitura silenciosa* de sentença a completar. Tres sentenças escritas no quadro-negro, incompletas, para serem lidas silenciosamente, copiadas e completadas pelos alunos.

b) *Escrita*. Copia de um trecho da Cartilha Analitica de Arnaldo Barreto, durante 8 minutos, devendo ser interrompida no ponto em que esteja, vencido esse prazo.

c) *Cálculo*. Cálculo escrito sobre soma de inteiros, só tres parcelas de números simples, 10 operações. Idem sobre subtração, de modo que o subtraendo e o resto sejam números simples. 6 operações. Tempo: 5 minutos para a soma e 3 minutos para a subtração, contados a partir do momento em que o aluno começar a resolver as operações.

O material relativo a esses exames deverá ser enviado ao Corpo Técnico da Secretaria da Educação.

Belo-Horizonte, 23 de Novembro de 1932. — (a.) *Guerino Casasanta*, Inspector Geral da Instrução.

#### EXAMES DE PROMOÇÕES

##### I — Curso primário

Os exames e promoções nos cursos primários, neste ano, se necessário, na forma do Regulamento em vigor, com as modificações introduzidas pelo decreto n. 10.362, de 31 de maio deste ano, arts. 50 a 52:

1 — Serão promovidos: a) os alunos que tiverem frequência legal e média de aproveitamento;

2 — Serão submetidos a exames: a) os alunos frequentes do 3.º ano das escolas singulares; b) os alunos frequentes do 4.º ano das escolas reunidas e dos grupos escolares; c) os alunos que não sendo promovidos requererem exame e os das escolas particulares que o requerem perante as bancas oficiais das escolas e dos grupos escolares;

3 — Nos grupos escolares da Capital, bem como nos grupos do interior onde houver professora diplomada pela Escola de Aperfeiçoamento, as promoções dos alunos do 1.º ano se farão à vista dos resultados dos "tests" que nessas classes estão sendo aplicados de acordo com instruções da Secretaria e conforme avisos já publicados;

4 — As aulas nos estabelecimentos de ensino primário encerrar-se no dia 25 deste mês, devendo ter início, logo após, os trabalhos de exames e promoções. As classes primárias anexas às Escolas Normais acompanharão a estas quanto aos períodos marcados por en-

cerramento das aulas e trabalhos de exames e promoções.

##### II — Curso normal

Nas Escolas Normais, neste ano, não haverá exames, sinão para os alunos que, matriculados regularmente com dependência de materiais, não tiverem podido frequentar aulas dessas matérias, por impossibilidades dentro do horário das escolas. Os alunos que, dependendo de materiais as houverem frequentado, terão promoção por média, na forma regulamentar;

1 — Serão promovidos, na forma do dec. 10.362, deste ano, arts. 121 a 130:

a) os alunos cujas médias anuais de aproveitamento não forem inferiores a cinco em todas as matérias do ano e houverem pago as taxas de frequência; b) os alunos que alcançarem média suficiente, isto é, cinco ou mais em dois terços pelo menos das disciplinas e nas demais tiverem, no mínimo quatro, se assim o resolverem, por maioria de votos, os professores do respectivo curso, sob a presidência do diretor;

2 — obter-se-á a média anual em cada matéria, dividindo-se as somas das respectivas médias mensais pelo número destas;

3 — A promoção na cadeira de educação física se fará na forma do art. 128; em tanto cetera as promoções obedecerão ao estatuto do artigo 129;

4 — Para conclusão do curso, os alunos do último ano do curso de aplicação nas escolas de 2.º grau e os do 3.º ano normal nas escolas de 1.º grau, além das exigências na forma anterior para promoção nas matérias do curso, serão arguidos sobre as monografias que deverão apresentar, de acordo com o art. 124. A nota atribuída à monografia entrará no cálculo da média anual de metodologia como se fôr uma média mensal. As monografias serão julgadas por uma comissão composta de quatro membros, professores da escola, designados pelo diretor, que a presidirá;

5 — As promoções nas Escolas Normais serão assistidas pelos fiscais designados pelo sr. Secretário da Educa-

6 — Os exames que porventura se tiverem de processar nas Escolas Normais, neste ano, para regularizar a situação de alunos dependentes de matérias, obedecerão ao critério de exame promoção do regimen anterior ao dec. 10.362, e serão pedidos em requerimento ao diretor, que despachará após o visto do fiscal.

Belo-Horizonte, 17 de Novembro de 1932. — *Guerino Casasanta*, Inspector Geral da Instrução.

#### AVISO

##### Promoções nas classes de 1.º ano

Recomendo nos senhores diretores dos grupos escolares da Capital, bem como aos dos grupos do interior, onde houver professora diplomada pela Escola de Aperfeiçoamento, não fazerem as promoções dos alunos do 1.º ano antes que sejam conhecidos os resultados dos "tests", visto como só à vista desses resultados serão feitas as promoções naquelas classes.

Os casos de divergência entre os resultados dos "tests" e as opiniões dos professores e diretores, devendo ser decididos no Corpo Técnico da Secretaria, ficarão resolvidos em janeiro proximo.

Belo Horizonte, 17-11-1932. — *Guerino Casasanta*, Inspector Geral da Instrução.

##### Instruções para as promoções dos alunos de 1.º ano dos grupos escolares do interior.

Os resultados dos "tests" P. S., aplicados pelas professoras técnicas nas classes de 1.º ano, vão servir de meio auxiliar para julgamento do preparo escolar dos alunos.

São considerados com preparo para 2.º ano os alunos *novatos* que atingirem um total mínimo de 40 pontos e os *repetentes* que obtiverem, pelo menos, 45 pontos, contando que esse resultado seja repartido do seguinte modo: 20-25 pontos, no mínimo, na parte de língua pátria e 20 pontos na parte de aritmética.

Esta norma provém do estudo de 2.000 resultados fornecidos ao Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento por 10 cidades do interior.

Nos casos de discordância entre os resultados dos "tests" e as opiniões da professora e do diretor, deverá ser feito um exame complementar, consistindo de uma prova pedagógica sobre leitura, escrita e cálculo. O exame deverá ser feito com cada uma das crianças, na presença do diretor, da professora técnica e da professora da classe a que pertenciam aos examinados. Os resultados serão enviados ao Corpo Técnico desta Secretaria, na Inspeção Geral da Instrução.

Belo Horizonte, 17 de novembro de 1932. — (a.) *Guerino Casasanta*, Inspector Geral da Instrução.

##### INSTRUÇÕES PARA AS PROMOÇÕES NAS CLASSES DE 1.º ANO DOS GRUPOS ESCOLARES DA CAPITAL

Aplicados os "tests" B. Hor. nas classes de 1.º ano dos Grupos da Capital e apurados os resultados de 1.459 provas em 10 grupos escolares, foi elaborada a seguinte norma para as promoções: As crianças que obtiverem 40 pontos, no mínimo, sendo 20 em cada uma das partes, — Língua Pátria e Aritmética — podem ser promovidas ao 2.º ano.

Este mínimo, apesar de baixo, foi baseado em 3/4 do número de crianças que alcançaram a norma indicada e foram consideradas, pelas respectivas professoras como em condições de serem promovidas.

Os casos de divergência entre o resultado do "test" e a apreciação da professora ou da diretora, devem ser resolvidos por um exame complementar, consistindo de uma prova pedagógica sobre leitura, escrita (ditado) e cálculo, realizada com cada criança separadamente, na presença da diretora, da professora técnica e da professora da classe a que pertenciam os examinados. Esse exame poderá ser feito no fim do corrente ano letivo ou no começo do proximo, sendo os seus resultados enviados ao corpo Técnico da Secretaria da Educação, nesta Inspeção.

Os alunos que não puderam na época própria fazer a prova do "test", deverão fazê-la ainda, sob a direção da professora técnica.

Para os Grupos onde não haja professora técnica, será indicada a pessoa que deva completar a comissão que assistirá à prova de exame, devendo para isso as senhoras diretoras se entenderem com a Inspeção Geral.

Belo Horizonte, 23 de novembro de 1932. — *Guarino Casazanta*, Inspetor Geral da Instrução.

—  
AVISO

*Promoções nas classes de 1.º ano*  
Nos Grupos Escolares da Capital, bem como nos Grupos do Interior, onde as promoções nas classes de 1.º ano devam obedecer ao critério dos "tests" e das provas de exame complementar, de acordo com os avisos anteriores desta Inspeção, ficam os respectivos diretores dispensados, neste ano, das comunicações a que são obrigados, com referência a promoções nas ditas classes. Tais comunicações serão feitas no começo do ano próximo, quando deverão estar so-

lucionados todos os casos de promoções.

Belo Horizonte, 23 de novembro de 1932. — *Guarino Casazanta*, Inspetor Geral da Instrução.

---

REVISTA DO ENSINO

REDAÇÃO:

**Diretor:** Inspetor Geral da Instrução.  
**Redatores:** Membros do Conselho Técnico da Secretaria da Educação.

EXPEDIENTE:

A "Revista do Ensino" publica-se quinzenalmente.

ASSIGNATURAS:

Anual 20\$000.  
Semestral 10\$000.

Numero avulso 1\$000

Toda correspondência destinada à "Revista do Ensino" deve ser enviado à sua redação

Inspeção Geral da Instrução

Secretaria da Educação : 21  
Belo-Horizonte

Origem: Doação  
Preço: \_\_\_\_\_